

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Celso dos Santos Solha

***CARTAS AO EDUCADOR: PARCERIAS, DIÁLOGOS E
EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES COM O FAZER TEATRAL***

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO

SÃO PAULO

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Celso dos Santos Solha

***CARTAS AO EDUCADOR: PARCERIAS, DIÁLOGOS E
EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES COM O FAZER TEATRAL***

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO

*Tese apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
– PUCSP como exigência parcial para
obtenção do título de doutor em Educação:
Currículo, sob a orientação da **Profa. Dra.
Ivani Catarina Fazenda***

SÃO PAULO

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO

Profa. Dra. Ivani Catarina Arantes Fazenda

Orientadora

Banca Examinadora

Profa. Dra. Sonia Regina Albano de Lima

Prof. Dr. Claudio Picollo

Prof. Dr. Ruy Cesar do Espírito Santo

Prof. Dr. Celso Alves Cruz

Data: ____/____/____

Rosana, Mariana e Felipe, aos momentos de cumplicidade, parceria e coragem
Gratidão e Amor

Agradecer é reverenciar

Aos verdadeiros Mestres Mentores - Ivani Fazenda, Paulo Freire e Viola Spolin

Agradecer é reconhecer

O olhar exigente e a escuta sensível da Profa. Dra. Sonia Regina Albano de Lima

As provocações criativas do Prof. Dr. Celso Alves Cruz

Agradecer é apropriar-se e compartilhar

Com a sensibilidade aguçada do Prof. Dr. Claudio Picollo

Com o sagrado ato de educar do Prof. Dr. Ruy Cesar do Espírito Santo

Da acolhida de alma freireana da Profa. Dra. Ana Maria Saul

Agradecer é revelar-se inteiro e ir além

À todos que estiveram nessa estrada, nesse percurso, nessa trajetória de vida e conquista profissional o meu apreço e profundo respeito

Cada lembrança...

Cada sorriso

Cada mensagem de admiração...

Zelo...

Cada manifestação de carinho possa se perpetuar

Vivemos momentos criativos e artísticos juntos com muita felicidade!

Com certeza estaremos juntos em outras paragens

Em outras descobertas

A Arte, o Teatro pulsa vibrante em nossos corações

É preciso seguir a sua luz, a sua energia vital

É vida!

Minha eterna gratidão traduzida nesse lugar maravilhoso da vida a cada um de vocês

RESUMO

Na atualidade, a formação do educador artístico voltado para o ensino da linguagem teatral tem seguido um modelo pedagógico que privilegia o tecnicismo e o utilitarismo, trazendo para a sociedade um profissional com menor potencialidade criativa e lúdica, insensível à obtenção das categorias interdisciplinares - a parceria, a coerência, o diálogo, a humildade e o desapego. No intuito de trazer para a sociedade um profissional mais humano, criativo, crítico e agente do seu tempo, esta pesquisa de caráter interdisciplinar, propõe um modelo e um método de trabalho teatral, estruturado em quatro princípios formulados a partir de 10 aulas ministradas no decorrer de sua docência, que seu autor denominou de encontros didáticos formativos. Esses princípios configuram-se como ferramentas necessárias para a formação de alunos e docentes e podem ser utilizadas em sala de aula, como um modelo propício de trabalhar conteúdos e desenvolver atitudes e ações interdisciplinares. O autor utilizando-se da metáfora “*Cartas escritas, palavras soltas no espaço criativo da vida, da escola, do educador, do educando*”, promove um diálogo com outros autores, entre eles, Paulo Freire, Augusto Boal, Viola Spolin, e Ivani C. Fazenda e com os relatos de profissionais e estudantes da área, coletados ao longo da sua carreira. Esse material poderá de alguma forma, auxiliar o educador artístico, principalmente aquele que atua com a linguagem teatral, e transformar a sala de aula em um espaço que estimula a criatividade, o desenvolvimento humano - um espaço de convivência coletiva, cultural, lúdico, dotado de maior sentido e significado.

Palavras chave: categorias interdisciplinares, autonomia, criatividade, docência, linguagem teatral, pedagogia freireana

ABSTRAT

Presently, the education of a professional in the field of arts and theatre concerned with the theatre language that has been following a pedagogical pattern, reinforcing technical aspects and utility, providing our society with a professional who has a limited creative and ludic potential, who is not focused on obtaining different interdisciplinary skills – partnership, coherence, dialogue, humbleness and unselfishness. With the aim of bringing to society a professional who is more human, creative, critical, and an agent of his time, this interdisciplinary research suggests a model and an approach of theatre practice structured in four principles that are generated from ten classes taught throughout its teaching practice, which is called *formative didactical meetings* by its author. The principles are set as necessary tools for the education of students and teachers, and can be used in the classroom, as an adequate model of working topics and developing interdisciplinary attitudes and actions. The author, making use of the metaphor “*Written letters, words scattered in creative life, space, school, educator and student*”, leads to a dialogue with the author, among them, Paulo Freire, Augusto Boal, Viola Spolin, and Ivani C. Fazenda, and with the research done by the professionals and students of the area that was gathered throughout his career. This material may, in a way, help the artistic directors, mainly the ones who deal with the theatre language, as well as transformation of the classroom into a space that stimulates creativity, human development – a place for group interaction, more engaging, with a broader meaning and relevance.

Key Words: interdisciplinary categories, autonomy, creativity, teaching, theatre language, Paulo Freire’s pedagogy

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – O LUGAR DE ONDE SE FALA	09
---	-----------

CAPÍTULO I. A PRIMEIRA CARTA: UM CONVITE PARA UMA AVENTURA CRIATIVA	24
--	-----------

CAPÍTULO II. VIDA E PESQUISA: HISTÓRIA E RELAÇÕES

II. 1 - História de Vida	31
II. 2 – Maturidade Profissional: Comunhão da Teoria com a Prática Profissional	54

CAPÍTULO III – TRAJETÓRIA DA PESQUISA	60
--	-----------

CAPÍTULO IV – ARTE E EDUCAÇÃO: Encontros Didáticos Formativos - A criação dos 04 Princípios Interdisciplinares no Fazer Teatral

IV. 1 - As Propostas	64
IV. 2 – Mapa de Ação – Espaço de Criação: O Fazer Teatral	66

CAPÍTULO V – OS QUATRO PRINCÍPIOS INTERDISCIPLINARES

V. 1. Coletividade	76
V. 2. Autonomia	80
IV. 3. Experiência	83
V. 4. Alegria	88

CONCLUSÃO: COM UM ABRAÇO, AGUARDO A RESPOSTA	93
---	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
---	------------

ANEXO

1. CARTAS AO EDUCADOR – Depoimentos dos Alunos: Reflexões das Vivências dos Encontros	105
---	-----

INTRODUÇÃO - O LUGAR DE ONDE SE FALA

Acreditei durante muito tempo que a memória servia para lembrar, sei agora que ela serve, sobretudo para esquecer. (FAZENDA, 2003, p. 79)

O ponto de partida, o lugar de onde se fala.

Apresento uma tese a partir de um desejo, de uma descoberta, de uma escrita, uma construção de ideias, argumentos, contradições, provocações criativas e mais.

Desnudar-se das crenças e certezas e navegar por mares calmos, claros, turbulentos e sombrios. Revelar-se e exercitar o diálogo, a intimidade com o outro, o olho no olho e mais - como a Arte, o teatro e mais.

O teatro é um ato de coragem. Faço dele o meu ofício. É escolha e renúncia. É estar completo e faltando a metade. Luz e sombras e mais.

Quando se iniciou essa escrita e sua construção me deparei com uma constatação estampada na minha frente: era preciso uma conversa entre sujeitos, com identidade; uma metáfora se fez presente ao receber em mãos, em um encontro na *Cátedra Paulo Freire*, espaço privilegiado para o desenvolvimento de pesquisas e estudos em pós-graduação sobre a obra de Paulo Freire, sob a coordenação da Profa. Dra. Ana Maria Saul na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, uma carta manuscrita do Mestre Paulo Freire às professoras e professores da rede municipal de ensino quando assumiu a secretaria da educação: a conversa com o íntimo. O diálogo do silêncio que cala e aprofunda e mais.

Cartas - define-se a metáfora ou o autor define a metáfora? A metáfora é portentosa, dizem os estudiosos. Traduz-se no título da tese: ***Cartas ao Educador: Parcerias, Diálogos e Experiências interdisciplinares com o fazer teatral.***

Investi nessa direção, iluminou-se o foco. Uma jornada que se manifestasse por inteiro, razão e emoção, transpiração e pulsação. A inteireza do ser, e eu a vejo na interdisciplinaridade. Como nos ensina Fazenda¹ (2003, p.43): “Interdisciplinaridade é

¹ Ivani Catarina Arantes Fazenda possui graduação em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (1963), Mestrado em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1978) Doutorado em Antropologia pela Universidade de São Paulo (1984) e Livre Docência em Didática pela UNESP (1991). Atualmente é professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora associada do CRIE (Centre de Recherche et Intervention Educative) da Universidade de Sherbrooke - Canadá, membro fundador do Instituto Luso Brasileiro de Ciências da Educação - Universidade de Évora - Portugal. Em dezembro de 2007 foi convidada para ser membro do CIRET / UNESCO - França. É membro do comitê científico da Revista E. Curriculum da PUC/SP: www.pucsp.br/ecurriculum. Preside o

uma exigência natural e interna das ciências, no sentido de uma melhor compreensão da realidade que elas nos fazem conhecer. Impõe-se tanto à formação do homem quanto às necessidades de ação”.

Caracteriza-se um olhar hermenêutico que interpreta, explica e compreende. Sigo nessa direção buscando compreender a trilha dos vestígios dita por Fazenda, não de reviver a minha história de vida, mas de recriá-la, o sentido da ego-história, ou seja como nos diz Fazenda (2003, p. 76), solidarizando-se com os ensinamentos de Nóvoa, [...] “tornar clara, como historiador e pesquisador, a ligação existente entre a história do educador e a história de que cada um é produto.”

Identifiquei-me com essa metodologia, pois me permitiu ser um tipo de pesquisador e refletir sobre o valor dos mentores da minha tese e o seu mais profundo sentido do ser original que dedico aos meus mentores-parceiros-autores: Fazenda, Freire, Spolin, Boal, Lopes, Larrosa e mais.

Possibilitou-me sair de mim mesmo, do isolacionismo da escrita solitária para uma parceria de sujeito. Parafraseando Fazenda, permitiu-me realizar uma investigação no terreno habitado, que se descobre, que chega, que esclarece, é uma produção do ser; que assume o papel de escuta; escutar, ajudar a escolher, encorajar, sonhar em voz alta, guardar no coração paixão suficiente para despertar paixões e mais.

Vivo no espaço de sala de aula, no seu dia a dia e com suas dinâmicas de ação; terreno que habito, falo, sinto, silêncio, instigo, provoco, aprovo, condeno, escuto, vejo, acolho e compartilho, aprendo e mais.

Outras cartas foram chegando dos meus depoentes, intensas e sensíveis; essas cartas recebidas com os depoimentos vividos em outros tempos ou nos tempos de agora revelam uma ampliação das experiências compartilhadas entre esses “sujeitos” da ação.

Procuro debulhar as cartas e os registros:

Eu buscava uma forma de interagir e deixar de lado minha timidez. Encontrei autoconhecimento, muita energia, compartilhamento e principalmente uma nova percepção e visão

conselho editorial de duas coleções de livros da Editora Papyrus e três das Edições Loyola, membro da Academia Paulista de Educação (cadeira 37). Coordena o GEPI- Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade, filiado ao CNPQ e outras instituições internacionais. Editora da Revista INTERDISCIPLINARIDADE publicada no Home do GEPI: www4.pucsp.br/gepi/ a partir de OUT/2010. Pesquisadora CNPQ - Nível I desde 1993 e do INTERESPE desde 2010. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: interdisciplinaridade, educação, pesquisa, currículo e formação. (<http://lattes.cnpq.br/9538159500171350>).

de mundo. Foi nesse projeto que pude perceber que poderia ultrapassar a barreira dos meus medos internos e ganhar o mundo. (Zildete Araújo – depoimento escrito / Projeto Criação).

Esse depoimento foi escrito de uma experiência vivida entre 1993 / 94, hoje Zildete Araújo é professora da rede municipal de ensino na zona leste do município de São Paulo, toca-me a sua clareza, afirmação, o exercício do autoconhecimento.

Registro o que nos diz Viviane, atento ao foco, a minha ação docente.

E como tudo culminava no encontro das diversas linguagens (teatro, dança, música e artes visuais), o orientador apontou: *está aí! Essa é sua pesquisa! Sua trajetória de vida nas diversas linguagens no encontro com a educação.* Fiquei surpresa – Poxa, tinha pensando em tantos projetos e tudo estava ali, tão fácil, na minha história! Topei o desafio.

(Viviane Araújo Oliveira, atriz, bailarina e arte-educadora – especialista em Linguagens da Arte – USP - turma 2011).

Leio atentamente, silencio para compreender, calo para aprofundar e digerir as palavras, a escrita:

Embora não esteja diretamente trabalhando com teatro, todo aprendizado no que diz respeito à comunicação, desinibição, apresentação, improvisação, a paixão em fazer o que se gosta está muito presente em minha vida profissional, vida pessoal, a frente da empresa de engenharia na direção administrativa, posso vivenciar todas estas habilidades que ao longo do tempo foram lapidadas e que com certeza serão ainda mais, pois sempre é tempo de aprender. Inclusive agora em minha nova empreitada que é minha outra graduação, o Curso de Direito, que já estou no 4º semestre, em minhas apresentações, reuniões, posso aplicar a essência da arte de interpretar. Com muito carinho agradeço a você Celso por ter tido uma participação em minha vida em um momento muito especial, e que fez toda a diferença. Beijos (Tulla Duarte, depoimento do Projeto Criação, administradora).

A formação docente sendo construída no exercício do diálogo, do encontro, da ação e reflexão permanente, agregadora. Reporto-me a uma experiência intensa vivida com a Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – no Projeto FESPSP de Teatro no dia 2 de outubro de 2010. A apresentação teatral foi realizada no CEU² TRÊS PONTES – Jardim Romano às 15h.

² O Centro Educacional Unificado (CEU) é um complexo educacional, esportivo e cultural caracterizado como espaço público múltiplo administrado pela Prefeitura do Município de São Paulo.

Nesta data uma experiência marcou profundamente o nosso projeto, pois ali no Jardim Romano, no extremo da região leste do município de São Paulo, a marca das enchentes de meses passados ainda se percebia nos muros das casas e lugares dali, afinal fora uma convivência de mais de dois meses da comunidade local com o alagamento e suas mazelas e abandono; senti a obrigação de registrar aqueles momentos de Arte nos quais convivemos com a comunidade local:

O caminho percorrido ao encontro dos quatro cantos da cidade

Uma sensação bate forte no peito ao final de todo encontro entre o Projeto FESPSP de Teatro e sua iniciativa sócio artística cultural “*Teatro e Cidadania, nos quatro cantos da cidade*” com os Centros Educacionais Unificados, o CEU, popularmente conhecido.

O CEU - Três Pontes foi o nosso destino no dia 02 de outubro de 2010.

A saída é sempre cercada de muita apreensão, os materiais de cena, adereços, figurinos, o grupo e os desafios para a realização do nosso espetáculo. O elenco. Estamos no coração da cidade, o centro velho de São Paulo, na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, mais conhecida como FESPSP, a instituição educacional que desenvolve o projeto, cercada pelas avenidas Ipiranga, São João e as ruas General Jardim, Consolação, Maria Antonia, Minhocão e Praça da República... Contrastes urbanos, na via elevada de tráfego urbano entre as zonas oeste a leste da cidade e na arquitetura que molda os armazéns comerciais, prédios e casarões que nos lembram de tempos de progresso e avanços de outrora, com sinais de deterioração e decadência, e a sua população com uma diversidade cultural dinâmica e pulsante numa rotina diária que revela o abandono, o descaso, a sobrevivência feroz de homens, mulheres, gente de muitas raças e cantos do país. Durante o percurso até o nosso destino na Zona Leste - Jardim Romano, é instigante a observação da paisagem, da dinâmica dos lugares nos arredores da cidade. É distante e a sua vida cotidiana peculiar. Seja nas construções e suas cores vivas, fortes e chamativas, nos espaços comerciais rudimentares e repletos de anúncios, ofertas e consumidores numa trança de gente geral e numerosa em todas as direções. Barracas ao longo das calçadas oferecem todas as espécies de produtos e objetos. Tem grampo, frutas, souvenirs e roupas. Tem comida, churrasquinho, farofa, cerveja, pinga... Ovo, maçã do amor, algodão doce e CD, DVD pirata autêntico! Propaganda de político é em toda parede livre, poste, carrinho, tábua, lixo, plástico jogado... O candidato está lá com aquele sorriso no rosto, maroto, esperto, velhaco e impessoal a espera paciente e felina na hora de abocanhar o seu voto final, e ele vêm.

Olho para o alto pedindo a Deus um pouco de ar, e tem aquela rede de fios para todos os lados. É de energia, via a cabo, telefone num emaranhado de gatos de muitas cores e espessuras. Tem fio fino, grosso, descascado, cortado, plugado e enrolado... Ufa! Entre idas e vindas de ruas e avenidas entramos nas ruelas que indicam o lugar procurado. Ruas minúsculas e cheias de moradias pequenas e empilhadas. De bloco e telha de amianto. Não tem reboco e pintura, algumas têm as ruas asfaltadas, na maioria são de terra batida, algumas com blocos. Uma população enorme, muitas crianças, jovens. Mulheres nas calçadas numa

conversa tranquila, sossegada e pausada em contraste com os carros com som no máximo... É pagode, funk, samba, sertanejo. Tem caixa de som à vista, televisão e roda um DVD de artista, o “perfume” que exala é de churrasquinho no espeto, empilhadinho, ou embrulhadinho no papel alumínio para conservar... É hora do rango! Quase duas horas depois da saída do centro. Um bar típico, minúsculo e de três mulheres. Personagens tiradas de histórias contadas do dia a dia. Zelas, gentis e receptivas. Um almoço com paladar apurado. Teve até bolo de aniversário! Significativo! Retomamos o caminho até o anunciado CEU Três Pontes. A linha do trem permeia a via de acesso ao destino. A memória mergulha fundo na infância de tantas histórias maravilhosas regadas com a ferrovia. Bisavô capataz de empregados no viaduto da ferrovia que levava a Jundiaí pela São Paulo Railway Company - Santos / Jundiaí. Avô maquinista da máquina 77 que fazia a ligação Jundiaí – Santos. Um sítio na beira da ferrovia de noites escuras ou enluradas que eram rompidas pelos estampidos dos trilhos cujos vagões cruzavam a estação de Campo Limpo Paulista... Ainda sinto o cheiro do mato, a “arte” de colocar pedras nos trilhos para que as rodas do trem as esmigalhassem. Histórias vividas, intensas. Parada no destino.

Uma alegria no rosto e os olhos estranham a nossa chegada ao lugar.

Dá um orgulho danado de ver aquele instrumento. O CEU construído com aquele capricho. No tamanho, acabamento e instalação. Têm piscinas, biblioteca, salas de aulas, quadras de esportes e de muitos cursos. TEATRO! Tem Teatro! Um Belo Teatro! É de 200 lugares, tem outros CEUS com a capacidade de 400 lugares. Maravilhoso! Depende do governo que construiu. São lindos e aconchegantes. Boa iluminação, camarins, cabide de som e aparelhagem de luz e sonorização de excepcional qualidade. Um Oasis. Um porto seguro.

Um lugar de oportunidades para a transformação humana. Acreditem!

Somos recebidos pela gestora do espaço, Priscila. Uma jovem sorridente e tranquila, fala mansa e cuidadosa que nos dá as boas-vindas do lugar e a prontidão para fornecer os maiores e melhores cuidados para uma boa preparação e apresentação do nosso espetáculo.

A nossa volta o bairro Jardim Romano. Lugar que esteve nas manchetes dos maiores jornais da cidade numa enchente de grandes proporções que vitimou pessoas durante meses no ano de 2010. As marcas estão nas ruas, nas paredes das casas e na construção dos “diques” na lagoa para que não se repita outras vezes a catástrofe. A lagoa negra ao fundo, bem próximo do CEU assusta, intimida.

LAGOA NEGRA! Detritos, água densa, escura e um cheiro que incomoda. Ao longe muitas moradias, lugar de invasão, e mais ao longe a estrada... Ayrton Senna. Um verde tristonho, melancólico sobressaindo na paisagem de contraste. Ao longe a estrada que leva e trazem os carros da cidade grande, a vegetação que está sendo invadida por casas de bloco, a lagoa negra, a construção dos diques, o CEU e nós. Um grupo de teatro, formado por estudantes, professores, profissionais liberais, empregados de segurança e serviços comerciais, advogados, pedagogos, sociólogos que participam desse projeto de arte, cultura e entretenimento; na produção e discussão de conhecimento e divertimento aos moradores do lugar. Acreditamos nos nossos objetivos.

A montagem do cenário é feita de uma forma lúdica e integra os elementos do espaço. Panos, cordas, objetos, caixas de madeira e sacos de sisal. Cria-se o lugar do jogo cênico ideal. Espaço livre, luminosidade e campo de ação interpretativo. A maquilagem, os figurinos e os objetos pessoais e característicos

de cada personagem se compõem. O universo teatral se estabelece. Os atores-aprendizes num processo de concentração e aquecimento corporal e vocal mergulham na preparação final da montagem para a apresentação do texto “As Artimanhas de Scapino” de Molière, com adaptação livre de Celso Solha para garantir uma hora de espetáculo e “segurar” o fôlego da plateia e conseguir o ritmo ideal e preciso na apresentação das divertidas e hilariantes artimanhas desse arteiro criado. A plateia toma o seu lugar, o público é numeroso, um mérito à administração do CEU TRÊS PONTES, que permite uma apropriação pela comunidade do seu espaço, com cuidado, responsabilidade e respeito. Muitas crianças ativas e interessadas. Famílias inteiras. Amigos convidados, pai e filho, casais, jovens. Mais crianças sorridentes com a magia do espetáculo e a energia envolvente de viver intensamente o momento de criação que está no ar. As luzes da plateia se apagam, o palco ilumina-se, a música anuncia e o espetáculo se inicia. A emoção toma conta de todos. A energia selada entre palco e plateia se estabelece. O tempo Kairós comanda toda a nossa jornada. É lindo. Têm risos, murmúrios, palpites durante o tempo Cronos de 60 minutos. Chegam os momentos finais e o conagração de todos, atores e público, eternos aprendizes! Faz parte do nosso encontro um “bate-papo depois da peça” onde se estabelece as relações de troca, opiniões, críticas, sugestões e depoimentos. Um instante maior da tarde. Ouvem-se depoimentos reveladores:

- Nunca tinha assistido a uma peça?! Que lindo! Vou voltar!
- Que espetáculo engraçado! Scapino é muito bacana!
- Temos o nosso grupo e achei maravilhoso fazer uma peça de época. Eu adoro!
- Eu faço aula de violão aqui. Vim assistir a peça. Valeu à pena!
- Vocês apresentam em outros lugares?

Os olhos vivos! A felicidade estampada! O despertar de vontades escondidas! Uma voz que ocupa todo o espaço com cumplicidade, reconhecimento. Um final de tarde inesquecível. Voltamos para o nosso lugar, o centro velho da nossa cidade. É quase noite. Cansados percorremos novamente aquele caminho da saída e da chegada. Estamos diferentes, enriquecidos, renovados e cheios de responsabilidade. Muitas perguntas não querem calar! Continuar essa trajetória é alimento. Uma missão pessoal. Ser artista e educador interdisciplinar. A força motriz na articulação dos saberes. Isso nos coloca diante de uma nova perspectiva nas relações estabelecidas no ato de aprender e ensinar. Como bate forte as leituras e as ideias de Paulo Freire, a pedagogia do oprimido, acreditar na Educação e na Arte, nas transformações e relações humanas e na construção de um mundo com seres humanos melhores, mais sensíveis, críticos e conscientes. Esse é o nosso exercício.

É possível?

É uma gota no oceano que faz a diferença e vale à pena...

Testemunhas de uma ação educativa que se estabelece na parceria.

Luiz Souza, aluno do curso técnico-profissionalizante em informática nos idos de 1994, participou ativamente durante quatro anos do Projeto Criação, e sua fala, vinte anos depois, traduz uma construção detalhada, afinada e burilada ao longo do tempo, pois era o caminho de muitos aprendizes, alunos-atores, parceiros de criação:

Foi um divisor de águas na minha vida. Despertou minhas potencialidades adormecidas que precisavam apenas de alguém para me aguçar e despertar. Ainda sinto o cheiro do palco, da coxia, das vozes, a preparação, as mãos dadas. Enfim, tudo está latente. Obrigado Mestre... Obrigado Celso Solha! (Luiz Souza, depoimento escrito – Projeto Criação).

Um registro especial, depoimento talhado na experiência e “fê no homem” feito por Flávia de Castro e Castro, participante do Projeto FESPSP de Teatro, socióloga e professora universitária:

A Faculdade era o ninho; o bacharelado, a militância acadêmica, o doutorado, as aulas de Política II, a expulsão política, à volta no latu sensu. Mas voltar para o TEATRO! Esse o melhor retorno! O começo foi em 20 de maio de 2006. [...] Os CEUS! Foi a experiência mais rica para quem pôde perceber; para os atores, o público, os funcionários da Prefeitura, o pessoal que via os ônibus chegarem à periferia mal conseguindo passar pelos “gatos” da fiação elétrica. Para a socióloga que trabalha com favelas e periferia, continuava incomodando a pobreza do povo, mas ali havia o prazer renovado de ver a cultura como elo! De se sentir ‘religado’ culturalmente! As ESCOLAS DA FAMÍLIA DE COTIA! Essa lembrança é linda... [...] Que trabalho bonito da colega que resolveu batalhar por isso! Que visão invejável de educadora. Até dormir no balanço do ônibus era bom, enquanto a trupe lá atrás cantava feliz e fazia as graças e “selfies”. E tinha quem ainda conseguisse ler o jornal! As broncas do diretor... Puro amor à arte! (Flavia de Castro e Castro, depoimento escrito – Projeto FESPSP de Teatro).

Diego Félix Miguel enveredou-se na pesquisa, na gerontologia, nos estudos, no mestrado e quer ir além. Desenvolve um trabalho exemplar com a terceira idade; ministra palestras, participa de congressos; um belo caminho de parceria, aprendizado e compartilhamento.

No resultado final, o discurso condizia com minhas expectativas e com a construção do saber no qual estive submetido em toda a trajetória acadêmica, percebi também o quanto esse processo ensinou-me, tanto quanto os dois anos de aprendizado nas aulas da especialização. Como docente, aprendi a orientar com essa generosidade e potência para fomentar no outro, o educando, algo muito mais humano e que condiz com a essência que carregamos valorizando nossas experiências e agregando novos valores mediante aos novos aprendizados. (Diego Félix Miguel – depoimento escrito – especialização USP Maria Antonia).

Essa fala vem da Cordilheira dos Andes – Chile, um depoimento de gratidão, ao encontro que sela para sempre os nossos amigos. De Clarisse González Fu – Projeto Criação, ao longo de seus 20 anos de distância:

Primeiro que tudo, Celso, peço desculpas pela minha ortografia, já que faz 19 anos que estou morando no Chile e não escrevo há muito tempo uma carta em português. Teclado espanhol não tem cedilha, e outras acentuações, e o corretor ortográfico troca algumas palavras.

Projeto Criação,

O meu processo vivido no Projeto Criação mais que um processo, foi uma maravilhosa e fascinante experiência de vida. Antes de chegar ao projeto, era bem tímida, falava somente com pessoas conhecidas dentro do meu círculo e me sentia muito a vontade passar despercebida.

Decidi entrar no projeto para, de certa forma, perder essa timidez, trabalhar meu pânico de falar em público. Conheci gente maravilhosa, pessoas muito diferentes umas das outras, lindas por dentro e por fora.

Trabalhei o meu pânico para falar em público, o seu apoio Celso foi no momento exato, cheguei a pensar que não poderia dizer minhas palavras em cima do palco, pensei que não servia para isso, mas a forma que você dirigiu e organizou a obra, me fez sentir muito a vontade, que nem lembrava do meu pânico que tinha de falar em público.

Uma época maravilhosa, insisto, e inesquecível, meu último ano no Brasil, uma despedida maravilhosa. Realmente uma época inesquecível tem fotos e fotos da faixa de despedida que fizeram para mim.

Nunca pensei que conheceria gente tão linda e maravilhosa assim...

Obrigada Celso pela oportunidade de me receber, sem ter um pinga de experiência na área teatral, projeto criação está dentro do meu coração para sempre. Um abraço gigante, e muita saudade.

pd: espero ter transmitido o caminhão de sentimentos que levo dentro do meu coração quando lembro de projeto criação. (Clarisse González Fu – depoimento escrito – Projeto Criação).

Acredito que a Arte nos permite essas extravagâncias criativas, a fragrância do perfume das experiências de 20 anos atrás exala o mesmo perfume inebriante de outrora; aromas e sabores que chegam de todos os continentes, entre a Europa e a Ásia através de Istambul – Turquia escrita por Nuria Büyük Aleksanyan em março de 2015, formada em Direito no início dos anos 2000, que me diz: “O senhor terá para sempre

um papel muito especial no cenário da minha vida. Obrigada, mestre. Com todo respeito e carinho”.

O ar interiorano e caipira paulista da serra da Mantiqueira, do Vale do Paraíba no estado de São Paulo, de onde chegam palavras e depoimentos repletos de lucidez, arte e criatividade de experiências vividas entre 1994 a 1997:

Lembro-me do pedaço de giz que ganhei de você Celso quando perguntou o que era preciso para fazer teatro. Eu respondi: “Criatividade”. Eu ainda tenho o giz. Lembro-me da fita cassete com a música “Brincar de Viver” do Guilherme Arantes. Você cantava um trecho que havia sido desgravado acidentalmente. Lembro-me da minha primeira improvisação: Onde? Numa marcenaria. Quem? Um funcionário. O que? Um acidente na serra elétrica. Como? Esta pergunta nós não fazíamos, a cena era justamente o “como” as coisas iriam acontecer. O “como” era a improvisação. Lembro-me do “segredo de Barbadlim”; do “ai vem o Juvenal!”; do “ai meu Deus” e do “Eu não acredito”, estímulos para a criação de cenas. Lembro-me do momento antes da cena: em pequenos grupos combinávamos o que iríamos apresentar. Junto com quatro colegas e um ex-professor do Projeto fundei uma Cia Teatral profissional da qual fiz parte de 1998 a 2012. Hoje a Cia ManiCômicos tem sede em São João del-Rei/MG e os integrantes que ficaram em São Paulo mantêm um outro grupo, a Brava Cia, ambos com relevância no cenário teatral nacional. E eu? Moro em São José dos Campos/SP, com minhas duas filhas e minha esposa, Cyntia, que conheci no Projeto Criação; sou ator, professor de teatro, iluminador cênico e graduando em Educação Física. Em 2013 fundei uma companhia teatral que curiosamente batizei de Cia Estado Criativo. Esse nome é, com certeza, eco do Criação. É a minha busca por um teatro vivo, verdadeiro, necessário, artesanal, com olho no olho, corajoso, vibrante, que compreende a técnica como meio e não como fim, que aposta tudo no encontro. O Projeto Criação, ou melhor, o encontro com você Celso Solha determinou sutil e implacavelmente o meu olhar para o fazer teatral. É sempre difícil falar da própria gênese, em geral é um momento com pouca ou nenhuma consciência. Foi muito bom dedicar um tempo para olhar para esta linda história.

Um grande abraço, amigo e mestre Celso Solha. (Jean Fábio Valério, São José dos Campos, 05 de março de 2015).

Além do Atlântico, o oceano que separa o continente Americano do Europeu; nas terras frias da Alemanha, um depoimento aquecido de saber e gratidão. Marcelo Gomes Miguel radicado na Alemanha há alguns anos, desenvolve um trabalho artístico

de interpretação e criação dramaturgica de pesquisa e de docência na Arte – Teatro Educação.

Criou e apresenta ao longo dos últimos anos um espetáculo teatral a partir da trajetória de vida de um dos maiores cientistas políticos brasileiros de todos os tempos, um intelectual contraditório, criativo e de uma força de identidade patriótica invejável, que cumpriu o seu papel como agente de seu tempo com pesquisas, estudos e identidade do povo brasileiro: Darcy Ribeiro³, com o título de DAXI, nome dado pelos povos indígenas ao grande brasileiro.

Espectáculo comovente, histórico e revelador da soberania e identidade brasileira que percorre os países da Europa fomentando a discussão, reflexão e consciência das nossas raízes de povo e de pátria.

Recebo com muito carinho e gratidão o depoimento, tenho consciência do seu empenho e sua determinação em alcançar os objetivos traçados na sua trajetória pessoal e profissional. Vale a pena esse diálogo:

Querido Mestre, com grande alegria recebo notícias do doutorado sobre o seu trabalho, que por absoluta sorte e felicidade tive a honra de participar. A minha memória é repleta de imagens e sentidos do tempo que fiz parte do projeto Criação no início dos Anos 90 no Colégio Radial em São Paulo. Ali tive a chance de descobrir um grande amor por um ofício, por uma profissão: a de

³Darcy Ribeiro começa sua vida profissional como antropólogo. Posteriormente, ingressa na área educacional, atingindo rapidamente o cargo de ministro da Educação. A intensa produção de livros o transformou em um dos imortais da Academia Brasileira de Letras (ABL). Sua produção na área da educação e da cultura deixou marcas no país: criou universidades, centros culturais e uma nova proposta educativa com os Centros Integrados de Educação Pública, os Cieps, além de deixar inúmeras obras traduzidas para diversos idiomas. Forma-se em antropologia pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo e dedica seus primeiros anos de vida profissional ao estudo dos índios do Pantanal, do Brasil Central e da Amazônia. Cria o Museu do Índio e formula o projeto de criação do Parque Indígena do Xingu. Elabora para a UNESCO um estudo sobre o impacto da civilização sobre grupos indígenas brasileiros no Século XX e em 1954 colabora com a Organização Internacional do Trabalho na preparação de um manual sobre os povos aborígenes de todo o mundo. Darcy deixou como legado uma vasta obra etnográfica e de defesa da causa indígena. Foi agraciado com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Paris IV - Sorbonne, Universidade de Copenhague, Universidade da República do Uruguai e Universidade Central da Venezuela. Elege-se senador da República pelo estado do Rio de Janeiro em 1991, tendo elaborado a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em 20 de dezembro de 1996 como Lei Darcy Ribeiro. Organizou a Fundação Darcy Ribeiro, com o objetivo de manter viva sua obra e elaborar projetos nas áreas educacional e cultural. Um de seus últimos projetos lançado publicamente foi o Projeto Caboclo, destinado à fixação do caboclo na floresta amazônica. Falece em 17 de fevereiro de 1997. No seu último ano de vida, dedicou-se especialmente a organizar a Universidade Aberta do Brasil, com cursos de educação à distância, e a Escola Normal Superior, para a formação de professores de 1º grau. (Fundação Darcy Ribeiro - <http://www.fundar.org.br/controller.php?pagina=12>).

fazedor de teatro, profissão que por grande sorte posso hoje exercer. Sim fazedor de teatro, não somente ator, diretor ou arte-educador. Naqueles tempos me apaixonei por tudo que fazia parte desse mundo chamado Teatro. Eu venho de uma família muito simples, de imigrantes que vieram tentar a sorte em São Paulo, por isso vivíamos na chamada periferia da cidade. Para poder estudar em uma escola particular como o Radial, eu, como outros tantos amigos daquele tempo, tinha que trabalhar durante todo o dia (das 7h às 17h) em uma fábrica para poder pagar a mensalidade da escola profissionalizante que eu podia frequentar no período noturno. O meu curso era de Administração de Empresas, veja só a ironia, entrar numa escola para ser administrador e sair fazedor de teatro. Tudo foi acontecendo aos poucos, uma paixão anunciada. Não me lembro de praticamente nada do curso de Administração, todavia das aulas de teatro tenho algo pra contar. Lembro-me muito bem do primeiro dia que eu te encontrei, que te procurei para fazer parte do curso de teatro extracurricular que a escola oferecia. Recordo-me do seu sorriso e olhos brilhantes. O grupo já estava no meio do processo de criação, por isso estavam no momento de escrever o texto do espetáculo. Mesmo chegando atrasado nesse processo, você fez questão de deixar claro que eu era bem-vindo ali, que podia fazer parte do grupo e também do espetáculo que estavam preparando. A história da peça falava da situação política do Brasil, com seus políticos corruptos e o povo lutando por uma vida melhor, se chamava “Brasil Mostra Sua Cara”. Ah! Esse sonho juvenil de transformar o mundo, quebrar as barreiras do sistema. Pena que o Brasil tenha mudado pouco nesses mais de 20 anos passados.

Com o texto praticamente pronto, fomos para os ensaios, destes momentos não tenho tantas imagens concretas, mas sentimentos. O que mais me recordo de você nesses momentos é o tesão de fazer aquilo, esse sentimento eu carrego dentro de mim até hoje. Aquilo era o seu trabalho, você ganhava o pão de cada dia para sua família, mas para você aquilo era muito mais, você fazia tudo aquilo com muita gana. Lembro-me muitas vezes de ver você vibrar com as cenas, como um torcedor que vai para o estádio louco por seu time de futebol; lembro-me de você assistindo os seus alunos no palco de uma escola. Era impressionante a sua fé em todos os participantes do grupo, não importava quem era o melhor ou pior ator, o grupo era mais importante, o espetáculo era de todos. Hoje sei que isso deveria ser um dos princípios básicos da arte-educação, mas também deveria ser do convívio social.

No segundo ano que participei do projeto, eu vi e vivenciei naquele ano um dos acontecimentos mais impressionantes da minha vida. Por ter feito parte do projeto no ano anterior, eu me dispus a ajudar nas inscrições daquele ano, os novos alunos não paravam de chegar para se inscrever, os grupos em pouco tempo estavam completamente lotados e você tinha que buscar soluções para a enorme demanda, se me lembro bem foram mais de 500 inscritos. Então foi feita a dádiva: numa escola técnica, centenas

de alunos se dedicavam a essa arte de imitar a vida. Foi como uma bomba atômica de arte que tinha em seus ingredientes um professor dedicado, altamente capacitado e apaixonado por seus alunos e jovens que expressavam seus sonhos, valores e ideias em cenas teatrais. Eu fiz parte do grupo que criou o espetáculo “Ser Atemporal” que inventamos para contar histórias de uma luta entre o bem e o mal, que acontece tanto no mundo que vivemos e na sua história humana no decorrer dos séculos quanto dentro de todo o ser humano que tem que escolher seu caminho. Para aqueles jovens daquele tempo, envolvidos num furacão de ideias, o sonho era muito claro: queríamos um mundo melhor. Sim, apresentar com as próprias ideias foi uma experiência emocionante. Mas tudo foi muito além quando todos os grupos se encontraram para apresentar seus trabalhos, neste momento acontece um festival de teatro com a participação de centenas de alunos de uma mesma escola que descobrem que além de apresentar seus pensamentos podem assistir a outros tantos amigos e colegas que sobem ao palco e que de um momento para outro deixam de ser pessoas simples do cotidiano para ter um brilho diferente quando as luzes do palco se acendem. Que coisa era aquilo? Porque aqueles jovens tinham uma força diferente quando estavam representando? Poucos minutos antes da apresentação eram pessoas normais e de repente se transformavam. Era uma presença que contagiava a todos, como uma onda magnética sobre todos nós. De uma pequena sala de iluminação, através de uma pequena janela que mirava para o chamado auditório da escola, nos acompanhava com olhos de águia um Mestre chamado Celso Solha que teve a ousadia de acreditar nos seus alunos, que ainda foi além, teve a coragem de amá-los. A terceira experiência, querido Mestre seria para mim fundamental para descoberta da minha ideia/sonho de vir a ser um trabalhador de teatro. Quando nos reunimos naquele grupo que iria criar o espetáculo “Bobuque” sabíamos que queríamos ir além, muitos de nós alunos já tínhamos participado de duas experiências anteriores, além disso, era também para a maioria de nós o último ano na escola, ou seja, aquilo seria também uma despedida. Acredito que naquele momento nos foi proporcionado a oportunidade de vivenciar a criação de um espetáculo com qualidades profissionais, tanto no trabalho de criação como no de finalização como figurinos, luzes, cenário, etc. Sim, o sonho podia se tornar realidade. Em um dia depois de um dos ensaios eu e, como você sabe, meu grande amigo e companheiro de cena daquela época, Fabio Resende, decidimos ali na porta do colégio que iríamos trabalhar como atores; no dia seguinte deixamos o trabalho nas empresas que nos contratavam. Claro que a vida rapidamente nos mostrou que se tem que lutar muito para conseguir o que se quer, e que os sonhos juvenis passam por muitas provas. Ainda passariam alguns anos para fundarmos nossa Companhia de Teatro. Outra coisa muito importante nesse terceiro período foi a sua sensibilidade para convidar alguns de

nós “mais velhos” para nos tornarmos seus assistentes com os grupos novos. Eu me dava conta naquele momento que tinha aprendido muito naqueles anos e a oportunidade de repassar conhecimentos para os mais novos me dava imenso prazer, porém, mais do que isso, você – Mestre - compartilhou comigo a arte de ensinar, que também era uma arte de aprender, ou talvez mais do que isso era uma arte de trocar. Sou imensamente grato por nossas horas de conversas que passaram a ser cotidianas. Como um mestre pode ser amigo de uns jovens que ainda estavam no fim de suas adolescências? Não sei, só sei que meu sentimento já era de ter um Mestre-Amigo. Passados todos esses anos, estou aqui em minha mesa de trabalho em Freiburg, sul da Alemanha, onde vivo e trabalho, atualmente tenho me dedicado no desenvolvimento de dois projetos teatrais que devem estreiar em 2015 aqui. Eu me emociono profundamente com as recordações daqueles tempos, de lá para cá, passei por inúmeras experiências teatrais pelo mundo a fora, com atores e diretores das mais diversas culturas. Porém sinto que minha base foi fundada no projeto Criação, é o alicerce para tudo o que eu faço, é a base que eu tenho certeza que vou levar para toda a minha vida. A você querido Mestre-Amigo mando um abraço de coração quente, daqueles que nos ofertamos em nossos encontros. Com amor, Marcelo Gomes Miguel (depoimento escrito – Projeto Criação)

Esses registros referendam os ensinamentos adquiridos com todo o processo criativo coletivo proposto e mais. Constato que é necessário esse movimento de dialogar com a sua trajetória, as marcas, os encontros e desencontros - consolidação do legado construído. Existe o legado no ato de ensinar e aprender com o fazer teatral.

Sou um educador de Arte, falo e compreendo a linguagem do Teatro e suas especificidades - particularidades que as diferenciam de outras áreas do conhecimento. Meu porto é a sensibilidade, o barco é a criatividade e as velas, ideias içadas ao vento inesperado, criativo e instigante da mudança.

Quando iniciei a jornada da tese cobrei-me da necessidade de criar as aulas, as atividades e deixa-las como legado do trabalho exercido, porém nessa revisita à minha história de vida percebo que as ações e atitudes interdisciplinares de educador é que executam o ofício, que as aulas são apenas os instrumentos, cuja sonoridade, a harmonia e vivacidade estão no artista educador que as executa e mais.

Portanto, mergulhar no ser interdisciplinar é o caminho das pedras desse aprendizado e revelar as fases desse modelo de ensino, dos quais os encontros didáticos

formativos revelaram inúmeras categorias de ação de Paulo Freire⁴ e categorias interdisciplinares de Ivani Fazenda, os quais originaram os quatro princípios interdisciplinares norteadores do fazer teatral. O universo da Educação é encantador; o ato de aprender, de descobrir o desconhecido, revelar-se e ter se revelado produz uma transformação humana sem precedentes e mais.

Vejo como o instante criativo do fazer artístico produz no ser humano reverberações que eclodem durante toda a vida, através de laços afetivos que se eternizam, histórias de vida que deixam as marcas pessoais que tornam o sujeito mais sensível, crítico, criativo, antenado ao seu tempo, à vida cotidiana.

Constato que nessa tese essas relações se estabeleceram, nessa aproximação com os registros, depoimentos e o autor pesquisador. No “epílogo” desta pesquisa esse diálogo se estabelecerá com os autores-parceiros e suas obras, os seus ensinamentos, o diálogo e suas contradições, a dialética que nos faz refletir e ampliar as nossas ideias e senso crítico.

⁴ Paulo Reglus Neves Freire, graduado pela Faculdade de Direito de Recife (Pernambuco). Foi professor de Língua Portuguesa do Colégio Oswaldo Cruz e diretor do setor de Educação e Cultura do SESI. Educador e criador de ideias e “métodos”. Sua filosofia educacional expressou-se primeiramente em 1958 na sua tese de concurso para a universidade do Recife, e, mais tarde, como professor de História e Filosofia da Educação daquela Universidade, bem como em suas primeiras experiências de alfabetização como a de Angicos, Rio Grande do Norte, em 1963. A coragem de pôr em prática um autêntico trabalho de educação que identifica a alfabetização com um processo de conscientização, capacitando o oprimido tanto para a aquisição dos instrumentos de leitura e escrita quanto para a sua libertação. Em 1969, trabalhou como professor na Universidade de Harvard, em estreita colaboração com numerosos grupos engajados em novas experiências educacionais tanto em zonas rurais quanto urbanas. Durante os dez anos seguintes, foi Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra (Suíça). Nesse período, deu consultoria educacional junto a vários governos do Terceiro Mundo, principalmente na África. Em 1980, depois de 16 anos de exílio, retornou ao Brasil para “reaprender” seu país. Lecionou na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A metodologia por ele desenvolvida foi muito utilizada no Brasil em campanhas de alfabetização e, por isso, ele foi acusado de subverter a ordem instituída, sendo preso após o Golpe Militar de 1964. Exilou-se primeiro no Chile, onde, encontrando um clima social e político favorável ao desenvolvimento de suas teses. Desenvolveu, durante 05 anos, trabalhos em programas de educação de adultos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária (ICIRA). Foi aí que escreveu a sua principal obra: *Pedagogia do oprimido*. Em Paulo Freire, conviveram sempre presente senso de humor e a não menos constante indignação contra todo tipo de injustiça. É autor de muitas obras. Entre elas: *Educação como prática da liberdade* (1967), *Pedagogia do oprimido* (1968), *Cartas à Guiné-Bissau* (1975), *Pedagogia da esperança* (1992) e *À sombra desta mangueira* (1995). Foi reconhecido mundialmente pela sua práxis educativa e foi-lhe outorgado o título de doutor Honoris Causa por vinte e sete universidades. Por seus trabalhos na área educacional, recebeu, entre outros, os seguintes prêmios: Prêmio Rei Balduino para o Desenvolvimento (Bélgica, 1980); Prêmio UNESCO da Educação para a Paz (1986) e Prêmio Andres Bello da Organização dos Estados Americanos, como Educador dos Continentes (1992). No dia 10 de abril de 1997, lançou seu último livro, intitulado *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paulo Freire faleceu no dia 2 de maio de 1997 em São Paulo, vítima de um infarto agudo do miocárdio. Paulo Reglus Neves Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921, em Recife, Pernambuco, na época, uma das regiões mais pobres do país, onde logo cedo pôde experimentar as dificuldades de sobrevivência das classes populares. (Instituto Paulo Freire - <http://www.paulofreire.org/paulo-freire-patrono-da-educacao-brasileira>)

Nos capítulos que se desencadeiam esse exercício de revisita à trajetória profissional determina os passos e as revelações que se fazem necessárias na concepção da tese, afinal a tríade está definida: na cabeça, os princípios interdisciplinares que norteiam e indicam os caminhos da criação artística com energia interpretativa com o outro, autônomo na construção, com experiências significativas regadas com uma alegria contagiante que transforma o aprender num ato de prazer, conquista e felicidade. No coração, as aulas, definidas como os encontros didáticos formativos estabelecidos para a formação contínua do educador e do educando com o fazer teatral - eternos aprendizes. Na alma as cartas que encantam, evocam, invocam e revelam o mais íntimo do ser e mais.

Vamos às cartas! Mentores autores parceiros, evoé! Sejam dadivosos com o nosso ofício de “lidar” com gente. Para atiça-las, basta um gesto e nada mais.

CAPÍTULO I. A PRIMEIRA CARTA: UM CONVITE PARA UMA AVENTURA CRIATIVA

A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente. (FISCHER, 1959, p.20)

As cartas são encontros com os olhos da alma - distâncias que se aproximam e fortalecem os vínculos estabelecidos entre o escritor e o leitor.

Na atualidade o tempo destinado à escritura e leitura de cartas perdeu-se no espaço, na vida agitada, no diálogo cifrado, nos sinais eletrônicos que se perpetuam consideravelmente.

No meu modo de ver o mundo, as cartas são uma refinada forma de Arte. Nelas estão presentes momentos sensíveis, até reveladores; elas instigam nossos pensamentos, nossas emoções, apontam novos caminhos, iluminam nossa mente e tocam o nosso coração. Imaginação e realidade estão presentes nesses escritos.

Pero Vaz de Caminha nas suas cartas revelou a existência de um continente, seus mistérios, tesouros e realidade. A partir delas se iniciou a construção da nossa identidade, da nossa terra, da nossa gente, da nossa pátria. Retratos vivos podem estar inscritos nas cartas, amores, despedidas, encontros e mais. Carta é o farol, a luz, o sol que norteia as nossas vidas.

Há farta literatura epistolar – desde o extraordinário romance “ Cartas ao Jovem Werther” de J. W. Goethe, até os diversos livros reunindo cartas de Mario de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, entre outros.

Nas cartas que virão estará o registro de uma jornada, trajetória de vida, de uma conversa no silêncio, necessidade de dialogar, de se aproximar do outro, mesmo que esse momento seja fugaz, até mesmo irreal; nelas eu posso me encontrar com o outro, ler os seus escritos e refletir sobre elas do fundo da minha alma, com os olhos atentos; não importa se eles se encontram fechados ou abertos, mas, com certeza, estão acesos.

Foi dessa maneira que iniciei minha pesquisa. Portanto, as cartas, nesta pesquisa de doutoramento, funcionam como metáfora e provocação criativa. Elas evocam, invocam, provocam. Neste projeto, elas pretendem estimular o educador contemporâneo, oferecendo material para ação e reflexão no seu dia-a-dia, convidando-o para um jogo de múltiplas transformações: o Teatro.

O Teatro, essa velha forma de arte, comunicação e expressão, vem sendo utilizada ao longo dos milênios, em diversas culturas, como meio de diálogo, comunhão e divertimento, mas também como ferramenta cívica e pedagógica.

O maior de todos os exemplos é o Teatro Grego clássico, com a tragédia e a comédia, que tinham função social exemplar na sociedade ateniense, reafirmando valores num grande evento.

Muito mais próximo de nós, há o exemplo do teatro didático de Bertolt Brecht, um modelo de fazer teatral a serviço de uma luta política e social.

No nosso quintal, nasce um dos mais interessantes exemplos de dramaturgia com funções didáticas, o trabalho de Augusto Boal⁵ - o Teatro do Oprimido, que declara intenções no título da sua proposta.

Outros modelos de trabalho teatral podem servir de exemplo, como os jogos e improvisações teatrais de Viola Spolin, que da América do Norte ganharam o mundo, ajudando muito o trabalho de professores de teatro em salas de aula.

Inspirado por esses e outros mestres, com os quais dialogaremos ao longo desta pesquisa, vou tecer cartas aos educadores, propondo um modelo claro, simples e objetivo de estimular alunos e professores em suas jornadas de autonomia e liberdade.

Convidei para este encontro os meus mentores-parceiros-autores, exigentes, humanos, dedicados e movidos por um ideal de sociedade, de vida planetária, de relações humanas, de convivência, de transformação social, de direitos, de igualdade e fraternidade – todos eles têm me acompanhado na minha jornada e na minha trajetória profissional. Mestres de vários planos e de variada lavra, como Paulo Freire, Ivani Fazenda, Manoel de Barros, vi em seus escritos a possibilidade de me expressar por meio de cartas, para com eles dialogar.

No rastro desse diálogo, proponho para o educador de hoje – o grande destinatário desta pesquisa - um método de trabalho teatral, condensado em quatro princípios interdisciplinares: – **Coletividade – Autonomia – Experiência – Alegria**, oriundos de aulas que ministrei ao longo da minha carreira, e que aqui denominei “encontros didáticos formativos”. Na verdade, sou um eterno aprendiz do ensinar, do

⁵ Fundador do Teatro do Oprimido, que alia a arte à mudança subjetiva e à ação social, Augusto Boal foi uma das maiores figuras do teatro contemporâneo. Atualmente, funcionam grupos de Teatro do Oprimido em dezenas de países, utilizando o teatro como instrumento de luta política, mas também, e poderosamente, nas áreas da educação, saúde mental e no sistema carcerário. Indicado ao prêmio Nobel da Paz e nomeado embaixador mundial do teatro pela UNESCO em 2009. (BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009).

aprender, da Pedagogia, da Autonomia, da Arte e do Teatro, seja na leitura dos meus autores-parceiros, seja na minha própria trajetória profissional, seja na avaliação dos depoimentos de alunos e profissionais que coletei ao longo da minha trajetória profissional.

Começo com um trecho de Paulo Freire, dos “Saberes Necessários à Prática Educativa” (Freire, 1996).

É nesse sentido que reinsisto em que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas e por que não dizer também da quase obstinação com que falo de meu interesse por tudo o que diz respeito aos homens e às mulheres, assunto de que saio e a que volto com o gosto de quem a ele se dá pela primeira vez. Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia. (FREIRE, 1996, p.15)

Em resposta às palavras do mestre, lanço a minha **primeira carta**:

Meu caro autor-parceiro Paulo;

Percebo que ao longo da formação docente, nos cursos de graduação, esse entendimento se esvai, não se consolida; existe uma força presente que nos distancia dessa compreensão; a imobilidade se traduz numa rejeição à possibilidade de mudança, de olhar as coisas de outro lugar; parece a mim que mudar é um esforço que não vale a pena investir.

Uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente para a inteligibilidade das coisas e dos fatos e poder comunicá-la. É imprescindível que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando ao invés de sufocá-la.

Caro amigo, grifei em sua carta o que você chamou de “reflexão sobre a prática educativo-progressiva, em favor da autonomia do ser dos educandos”. A partir desse trecho percebi que é preciso mostrar ao educando que o uso ingênuo da curiosidade altera a sua capacidade de *achar* e obstaculiza a exatidão do achado. É preciso que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção da inteligência do mundo. Há um descompasso nesse movimento, pois a escola - o local do exercício da mudança -

envelhece, se retrai, se contrai, aborta os sonhos de transformação dos educadores e educandos. Sua fala soa estranha e distante para os agentes da educação contemporânea.

Você enfatiza na sua carta a nossa responsabilidade ética no exercício da tarefa docente e devemos estender esta responsabilidade de igual maneira àquelas e àqueles que se encontram em formação. Consciência e conduta profissional são necessárias na educação atual. No seu relato ecoa que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para sua produção e construção. São estas palavras que eu registro na minha memória e que trago para a minha prática educativa.

Reforço a importância de um olhar observador na escola, compreendendo-a como o primeiro espaço formal que contribui para o desenvolvimento do ser humano. É um espaço educativo privilegiado para o acesso à arte, sobretudo quando sua ação contribui para a formação de uma concepção artística que busca romper com as barreiras da exclusão, permitindo o acesso à arte como forma de estimular a criatividade, o desenvolvimento humano, deixando de ser algo distante da realidade, caracterizando este território como um espaço interdisciplinar de aprendizagem e curiosidade. Hoje, entretanto, sinto este lugar como um espaço apático, sem latência, burocratizado.

Paulo Freire, nos seus escritos, você nos alerta sobre os riscos de uma educação bancária, que cerceia e inibe a criatividade, apara a criação de novos tipos de conhecimento; eu - seu autor-parceiro - acredito que embora essa realidade se estabeleça, é necessário manter vivo o gosto da rebeldia, pois ela aguça nossa curiosidade e estimula nossa capacidade de nos arriscarmos, de nos aventurarmos. De certa forma ela nos “imuniza” contra o poder apassivador do “bancarismo”. É a força criadora do aprender, a dúvida rebelde, a curiosidade, que supera os efeitos negativos do falso ensinar.

Lendo seus escritos e dialogando com a minha prática docente aprendi que a riqueza do ser humano está na capacidade de ir mais além de seus condicionamentos e que, ao invés de se tornar um educador “bancário”, ele deve ser um educador problematizador, provocador. Como você mesmo diria com seu sorriso sereno: “Não há docência sem discência”. (FREIRE, 1996, p.23)

Essa atitude exige um rigor na maneira de agir, criticidade quanto às fórmulas prontas e, acima de tudo, respeito aos saberes dos educandos.

Reafirma-se na leitura e compreensão da sua obra que o ato de educar e aprender consiste em assumir riscos, aceitar o novo e rejeitar a discriminação; trata-se de uma

ação reflexiva contínua sobre a prática e a necessidade incessante de autonomia de ser do educando em um espaço de disponibilidade e diálogo, de convivência e respeito à diversidade.

Em seus escritos percebo que a ação educativa é um ato de humildade e tolerância, consciente do inacabamento do ser humano, ela traz em si a convicção de que a mudança é possível e vê na Educação uma forma de intervenção no mundo, com liberdade, generosidade e comprometimento. Como você mesmo diz, a Educação é o lugar da escuta sensível, é o querer bem os educandos. (FREIRE, 1996, p.159)

Na leitura daquilo que considero “suas cartas”, percebo que a educação é um terreno de possibilidades, de escolhas, de conflitos; cabe a nós definir os caminhos que vamos trilhar na construção desse espaço pedagógico, de um aprendizado que prima pelo cuidado e pela competência. Elas reafirmam a nossa consciência profissional, o papel social intransferível e imprescindível do professor crítico e predisposto à mudança, a aceitação do diferente na aventura do conhecimento.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) / 2000 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB / n. 9394/96 trouxeram avanços no que diz respeito à formação tanto do docente como do discente; as contribuições de Jacques Delors com a criação do relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI⁶ provocam reflexões e ampliam a compreensão da importância de um ato pedagógico criativo e educativo e da maneira como deve se processar a aprendizagem.

Mesmo assim, persiste nos cursos de formação de professores um processo fragmentado, compartimentalizado e descontextualizado da realidade, da escola e da sala de aula. Desconsidera-se o espaço do desejo, da curiosidade, da inquietude, da rebeldia legítima, um desperdício em uma realidade com tantos desperdícios. Recordo suas palavras:

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada. O que importa é que se assumam epistemologicamente curiosos. Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso,

⁶ O relatório definiu os 04 (quatro) pilares da Educação: Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. E ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, reconhecer. (FREIRE, 1996, p. 96)

É esse o espaço real que quero ocupar com o meu ofício, apropriando-me da capacidade que tem a experiência pedagógica em despertar, estimular e desenvolver nos indivíduos o gosto de querer bem e o da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido, pois ela deve ser afetiva, alegre, ter capacidade científica e domínio técnico a serviço da mudança.

Com essa postura proponho, nesta tese, refletir sobre a formação do educador interdisciplinar, revisitando a minha trajetória profissional num diálogo contínuo com os autores e com os depoimentos colhidos ao longo da minha prática. Proponho-me ainda, a relatar os resultados coletados a partir das vivências nos dez encontros didáticos formativos e aqueles obtidos das orientações que realizei ao longo da minha docência, especificamente nas instituições de ensino escolhidas para observação e análise neste trabalho de investigação.

Com essas ações penso estar colaborando para introduzir na sociedade, um profissional mais participativo, crítico e criativo, capaz de compreender o fazer teatral como um espaço de convivência coletiva, cultural, lúdico, dotado de maior sentido e significado.

Inspiro-me na carta que você Paulo, endereçou às professoras e professores, quando aceitou o convite da prefeita Luiz Erundina para assumir a Secretaria de Educação da cidade de São Paulo:

[...] pensei em escrever às professoras da rede, tão assiduamente quanto possível, cartas informais que pudessem provocar um diálogo entre nós sobre questões próprias de nossa atividade educativa. Não que tivesse em mente substituir com as cartas os encontros diretos que pretendo realizar com vocês, mas porque pensava em ter nelas um meio a mais de viver a comunicação necessária entre nós. Pensei também que as cartas não deveriam ser escritas só por mim. Educadores e educadoras outras seriam convidadas a participar desta experiência que pode constituir-se como um momento importante de formação permanente do educador. O fundamental é que as cartas não sejam apenas recebidas e lidas, mas discutidas, estudadas e, sempre que possível, respondidas. (texto manuscrito de Paulo Freire, documento oficial do Instituto Paulo Freire, 2011).

Que venham os encontros didáticos de formação alinhados às categorias de ação do mestre Paulo Freire e às categorias interdisciplinares de Ivani C. Fazenda. Que

venham as provocações criativas de Augusto Boal, Viola Spolin e Bertolt Brecht⁷; o frescor poético de Manoel de Barros e os depoimentos documentados repletos de alegria, energia e rigorosidade dos educandos-parceiros que deram o sentido e a razão de ser dessa pesquisa.

Gratidão aos aprendizes que somos todos nós. Vamos nos encontrar inúmeras vezes na escrita das cartas e nos relatos dos encontros; diálogo, parceria e experiência integram-se nesta rede interdisciplinar. Abraços afetuosos deste pesquisador.

Celso Solha

⁷ Eugen Berthold Friedrich Brecht foi um destacado dramaturgo, poeta, encenador alemão do século XX. Seus trabalhos artísticos e teóricos influenciaram profundamente o teatro contemporâneo, tornando-o mundialmente conhecido a partir das apresentações de sua companhia o Berliner Ensemble. Ao final dos anos 1920 Brecht torna-se marxista, vivendo o intenso período das mobilizações da República de Weimar, desenvolvendo o seu teatro épico.. Seu trabalho como artista concentrou-se na crítica artística ao desenvolvimento das relações humanas no sistema capitalista. Brecht é um dos escritores fundamentais deste século: revolucionou a teoria e a prática da dramaturgia e da encenação, mudou completamente a função e o sentido social do teatro, usando-o como arma de consciencialização e politização. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Bertolt_Brecht#Biografia)

CAPÍTULO II - VIDA E PESQUISA: HISTÓRIA E RELAÇÕES

No limiar do século XXI e no contexto de internacionalização caracterizada por uma intensa troca entre os homens, a interdisciplinaridade assume um papel de grande importância. Além do desenvolvimento de novos saberes, na educação ela favorece novas formas de aproximação da realidade social e novas leituras das dimensões socioculturais das comunidades humanas. (FAZENDA, 2002, p. 14)

II. 1 - História de vida: Trajetória Profissional

Para a Mestra Ivani - minha mentora autora-parceira - uma carta especial

Gosto das palavras soltas que fazem sentido, elas são o garimpo do artista e a pedra preciosa do educador; encorajo-me quando algo cala no fundo da alma e provoca uma “chuva” de ideias e sensações; só assim vale à pena correr o risco, encorajar-se.

Aqui mergulho na minha história de vida, numa revisita à minha trajetória profissional a partir do diálogo provocativo e visionário com a minha mestra Ivani C. Fazenda.

Quando elaborei minha dissertação de mestrado “*O jogo teatral no ensino médio: espaço pedagógico de convivência, cultural e lúdico*”, a pesquisa surgiu de um questionamento a respeito do papel da Arte no ensino médio, como área de conhecimento e na aplicação do jogo teatral como uma prática do fazer teatral na escola.

Minha primeira atitude foi verificar se o jogo teatral no ensino médio poderia se transformar em uma prática pedagógica fecunda nas escolas, já que Viola Spolin⁸

⁸ Viola Spolin, já trabalhava com crianças, como aluna de Neva Boyd, aos dezessete anos, tempo em que foi decisivamente influenciada pela prática inovadora de sua mestra. Anos mais tarde, quando assume a supervisão do Works Progress Administration's Recreational Project (WPA) em 1938, percebe a necessidade de criar um sistema de fácil apreensão para o ensino de teatro, como forma de superar as barreiras étnico-culturais que verificava na instituição, dando início ao processo que culminaria na formulação do método que a notabilizou. *Improvisação para o Teatro*, obra pioneira de teatro-educação, é publicado em 1963. Torna-se professora na Brandeis University e em 1975 funda o Spolin Theater Games Center, em Los Angeles. Com uma vida dedicada ao teatro-educação, recebeu, entre outras distinções, o título de doutor *honoris causa* em Artes, em 1978, pela Eastern Michigan University. (SPOLIN, Viola. *Jogos Teatrais para a sala de aula: um manual para o professor*. São Paulo: Perspectiva, 2007).

considera que a prática teatral educativa pode ocorrer mediante a realização de jogos teatrais propostos em escolas de ensino médio:

Poucas são as oportunidades oferecidas às crianças para interferir na realidade, de forma que possam encontrar a si mesmas. Seu mundo, controlado pelos adultos que lhes dizem o que fazer e quando fazer, oferece poucas oportunidades para agir ou aceitar responsabilidades comunitárias. A oficina de jogos teatrais oferece aos alunos a oportunidade de exercer a liberdade, respeito pelo outro e responsabilidade dentro da comunidade da sala de aula. (SPOLIN, 2007, p. 30).

Também dirigi meu olhar para a Lei de Diretrizes e Bases - LDB nº 9394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs / 2000, que contemplam diretrizes pedagógicas para todas as áreas de conhecimento, principalmente para a Arte em suas diferentes linguagens.

Nessas duas ações percebi o quanto seria importante refletir sobre a minha formação e as atividades educativas, melhorar minhas práticas pedagógicas e os procedimentos metodológicos, afinal só assim eu poderia provocar mudanças tanto no educador, no educando, como na Educação propriamente dita, o que me instigou, no doutorado, a continuar essa pesquisa, tendo como foco a formação de um educador interdisciplinar em Arte, especialmente o docente de Teatro, consciente e competente de suas práticas e procedimentos adotados.

Na leitura de Josso⁹, especificamente nas obras *Experiências de vida e formação* (2004) e *O método (auto) biográfico e a formação* (1988), encontrei o porto seguro para revisitar a minha trajetória profissional, formular as questões e refletir sobre o meu desenvolvimento humano e profissional.

Essas duas publicações, além de outras leituras de Finger e Nóvoa, me tornaram um pesquisador mais livre no meu modo de pensar, de viver e dizer o que é ser no mundo para mim e para os outros. Nessas leituras tornei-me mais introspectivo, investigativo, rigoroso, cuidadoso. Concebia o processo de investigação e reflexão das minhas práticas como algo incompleto, limitado e enfraquecido, porém as questões se ampliaram com essas leituras, e conferiu-se um sentido mais amplo, verdadeiro e

⁹ Marie-Christine Josso é professora da Universidade de Genebra. Licenciada em Sociologia, Antropologia cultural e doutora em Ciências da Educação, desenvolve desde os anos 1980 pesquisas sobre os processos de conhecimento a partir de materiais biográficos, em co-interpretação com os autores dos relatos escritos construídos segundo uma metodologia específica. Tem livros e artigos publicados, em várias línguas, sobre essa linha de investigação. (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000200012&lng=pt&nrm=iso)

autoral ao meu trabalho, apropriei-me das referências bibliográficas com mais profundidade e razão. O diálogo, a parceria e as experiências abarcaram uma lucidez essencial à minha formação e trajetória profissional refletidas na ação e atitude interdisciplinar.

Ao revisitar, desvelar e redescobrir a minha jornada profissional houve um alargamento e enriquecimento das minhas experiências vividas. Afinal, como relata Fregtman: “Educar” vem do latim “educare” que indica “levar adiante algo a partir de dentro”. Educar é desenvolver um sistema sensível, em harmonia com outros sistemas mais amplos que o contém; é desenvolver um processo holístico de transformação, em sincronia com o grande processo da vida. Educar é uma arte. A arte de criar uma pessoa “íntegra” (FREGTMAN, 1995, p. 207).

Considero a formação de educador um elemento fundamental de estudo e de análise, e é neste ponto que concentro a minha pesquisa de doutorado, pois acredito que a Educação, especialmente a Arte em suas diferentes linguagens, sofre uma transformação sem precedentes quando se propõe a capacitar um professor propenso a desenvolver a parceria, o diálogo, ser coerente em seu fazer artístico, motivado e competente para exercer a docência na sala de aula. Essa ação docente instigará a criatividade dos alunos; despertará o desejo e a curiosidade tanto pelo aprender como pelo ensinar.

Partindo dessas considerações, início minha investigação revisitando a minha trajetória como docente em 05 (cinco) instituições de ensino.

A minha primeira revisita é na instituição de ensino médio - Instituto Radial de Ensino e Pesquisa, nas unidades Jabaquara e Santo Amaro, no município de São Paulo - onde lecionei a disciplina obrigatória de Educação Artística nos primeiros anos do curso de educação básica – ensino médio regular e técnico-profissionalizante, cujo objetivo era:

- Criar a partir das atividades programadas um espaço de convivência, cultural e lúdico de expressão e desenvolvimento da linguagem artística, Teatro.
- Desenvolver a sensibilidade, a consciência e a percepção corporal.
- Estabelecer um espaço do diálogo e trabalho coletivo a partir das práticas teatrais, principalmente os jogos teatrais.

- Despertar o hábito da leitura e escrita através dos textos dramáticos e literários.
- Desenvolver o exercício da interpretação cênica a partir de montagens teatrais tendo a Arte e a Interdisciplinaridade como eixos principais do processo criativo.

A docência nesta instituição se desenvolveu a partir do ano de 1993 e finalizou-se em 2008. Nesse percurso apresentei e desenvolvi processos criativos e formativos aos educandos e educadores, por meio de algumas parcerias de natureza interdisciplinar com as disciplinas de História, Literatura e Sociologia, parcerias essas que enriqueceram o material dramático e a construção de textos dramáticos e literários desenvolvidos ao longo das aulas ministradas. Também foi criado um diferencial na formação profissional dos educandos nos cursos técnicos e uma ampliação na perspectiva de um futuro ingresso desse aluno no ensino superior tanto nas áreas ligadas às ciências humanas, como na de Artes, em suas diferentes linguagens. Esses resultados foram verificados nos depoimentos de alunos que irão compor esse e os capítulos subsequentes.

Apresento um recorte do depoimento escrito pela aluna Cyntia Medeiros, numa parceria que realizei com a área de Códigos e Linguagens, no componente curricular de Literatura, na leitura do livro paradigmático “As batalhas do Castelo” de Domingos Pelegrini (Moderna, 1987), o qual após um estudo dramático, histórico e sociológico intenso realizou-se a montagem do espetáculo teatral “Bobuque” que ficou em cartaz na instituição durante todo o ano letivo, propondo discussões e reflexões acerca de temas importantes presentes na obra: poder, solidariedade, justiça social, ética e cidadania, entre outros;

A montagem foi permeada por um trabalho de profundidade de pesquisa, semelhante ao processo de muitos grupos profissionais. Essa vivência foi importantíssima para muitos amigos que ali afirmaram seu interesse em se profissionalizar. E eu ali junto! Desta maneira, quando terminado o processo (re)descobri um anseio de menina: ser artista plástica. Enchi-me de coragem e lá fui estudar Artes Plásticas numa universidade pública. E com os amigos que queriam ser atores me mantive aliada, como uma donzela apaixonada pelo canto da cotovia, que segue o canto, pois não consegue deixar de querê-lo em seu ouvido, em seu coração. É aqui então, neste cenário, que componho uma canção coletiva,

chamada Cia Teatral ManiCômicos, com amigos e amiga tão queridos. É aqui que inicio minha vida artística. E mesmo na universidade de Artes não pude, não consegui deixar de lado o fazer teatral. (Cyntia Medeiros, artista plástica, atriz, fundadora da Companhia Teatral ManiCômicos¹⁰, documento apresentado na tese).

Acredito que esse recorte valida a importância desses processos formativos aos educandos e educadores envolvidos em atividades partilhadas e coletivas dentro de uma escola.

Na mesma instituição – Instituto Radial de Ensino e Pesquisa - desenvolvi um projeto educativo artístico cultural denominado “*Projeto Criação*” a partir das práticas dos jogos teatrais propostos por Spolin e a metodologia do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, os quais estão contemplados nos dez encontros didáticos formativos.

A composição do projeto era facultativa aos alunos de todas as séries, fossem dos cursos regulares e dos técnicos-profissionalizantes, e também para os ex-alunos convidados. A sua realização era feita fora do horário escolar – opcional – e disponibilizava a montagem de 12 grupos de teatro na escola, ao longo da semana, formados por alunos interessados e inscritos (20 alunos e ex-alunos por grupo).

A sua duração era de um ano letivo, tendo no encerramento de suas atividades a realização de uma Mostra de Teatro, batizada de “Semana da Criação”, que envolvia um número considerável de participantes em montagens teatrais realizadas. Um evento que agitava a instituição de uma maneira intensa, pelo número de alunos participantes (cerca de 200 inscritos e atuantes), além dos convidados e o público em geral - um contingente de 800 pessoas vivendo, movimentando, respirando Teatro – Arte durante a “Semana da Criação”.

Fábio Resende em depoimento escrito, relata o que vivenciou ao participar do Projeto Criação:

¹⁰ Companhia profissional de teatro, fundada em 1998 na cidade de São Paulo e, desde 2005, em São João del-Rei, Minas Gerais, mantém uma investigação e uma produção teatral ininterrupta, responsáveis pela criação de quatorze espetáculos que alcançaram milhares de pessoas em ruas, praças, escolas, centros comunitários e teatros. Na base da criação da Cia, os temas, as inquietações, as vontades de diálogo com o mundo, que, alimentados sempre por biografias diversas, vão virando gestos, movimentos. O corpo consciente (Klaus Vianna) e desperto para sua localização e suas possibilidades dinâmicas no espaço (Rudolf Laban) vai criando cenas, por meio de improvisos (Viola Spolin), jogos (Cristiane Paoli-Quito) e assim, em processo colaborativo entre elenco e diretor-dramaturgo vão sendo criados os espetáculos da ManiCômicos. (<https://ciamanicomicos.wordpress.com/espetaculos/>).

PROJETO CRIA... AÇÃO – UMA LONGA E VERDADEIRAMENTE INACREDITÁVEL VIAGEM

Em meio a um vai e vem de pessoas, estudantes do colégio técnico, surgiu em 1993 o Projeto Criação – encontros de teatro organizados e coordenados por Celso Solha, criador do Projeto. O Criação, como chamávamos, conseguiu desorganizar a ordem do colégio, conseguiu reorientar desejos, criou novos nortes, novos caminhos.

Em resumo o Criação foi uma espécie de espaço *para-escolar* – conduzir este projeto a uma atividade extracurricular é reduzir demais – onde centenas, isso - centenas de pessoas autopertenciam a esta ideia e prática, a este vulcão de sentimentos e materialidades que era o fazer teatral. Imaginemos centenas de jovens que se encontravam fisicamente durante as aulas teatrais que aconteciam durante a semana e aos sábados, em turmas diferentes e também se encontravam em pensamentos em horizontes aproximados pelo teatro, pelo criar, pelo sentimento de ator da sua própria história, que ali se construía coletivamente.

Em 1994, um ano após a fundação do Projeto no colégio, havia cerca de 200 pessoas envolvidas diretamente com o fazer teatral, muitos grupos, peças teatrais apresentadas em mostras, organizadas por Celso e pelos fazedores / criadores de teatro, encontros com outros fazedores, etc. O projeto cresceu e Celso convidou alguns de nós para serem seus assistentes/aprendizes e eu fui um desses convidados.

Em minha casa, antes de escrever esta carta, recorri às mais de 10 pastas e 20 cadernos desta época em que escritos, manuscritos de cenas, de textos, observações sobre exercícios, transcrição de falas do mestre estão guardadas, fixadas no tempo e na história do Projeto e da minha própria.

Um fato metodológico que destaco é o do pertencimento ao projeto e não apenas participação nele. O espaço ao pertencer-se esteve sempre aberto. Pertencer significava atuar sobre a história que estava sendo construída e não apenas passar por ela, mas acontecer nela, durante sua trajetória. Em minhas pastas e anotações estão escritos, dramaturgias que eu, garoto filho de operários, *office boy*, estudante de escola pública e cursando o colégio técnico, ajudei a criar a compor a encenar. Ora, estou falando de arte, que em nossa sociedade foi sempre um privilégio dos mais ricos, ou melhor, dizendo, pensava que fosse assim.

Nós, os meninos e meninas, atuávamos, escrevíamos, encenávamos, construíamos cenários, figurinos, pensávamos estar a construir maneiras diferentes de se fazer teatro, de criar. Nós podíamos! Construimos novas perspectivas. Aumentava então a tensão entre velhas e novas possibilidades.

(Fábio Resende - fundador da Brava companhia¹¹, ator, diretor e dramaturgista teatral – depoimento autoral escrito).

¹¹ Brava Companhia desde a sua fundação em 1998 tem como princípio a continuidade na investigação cênica, em suas ações na e para a cidade de São Paulo, principalmente na periferia da zona sul, sua região de origem. Em 2005 a Companhia foi convidada, devido a sua intensa atuação na região sul paulistana, a participar da luta para ocupação e construção de um novo espaço de resistência cultural na cidade: o Sacolão das Artes – espaço que fora um antigo sacolão hortifrutigranjeiro. Lá, desde 2007, o grupo opera sua sede: o Espaço Brava Companhia – e é neste espaço que se inicia uma nova trajetória de escolhas e

As experiências vivenciadas pelos alunos e registradas por mim auxiliaram em muito a composição dessa tese, trazendo uma riqueza humana fortalecida pelos objetivos definidos no projeto, aqui expostos:

- Criar uma atividade artística optativa aos alunos que possibilitasse a experiência criativa com as quatro linguagens artísticas: Artes Plásticas, Dança, Música e Teatro.
- Propiciar na escola o lugar do fazer artístico coletivo.
- Desenvolver o diálogo, a convivência cidadã entre os alunos do ensino médio da instituição de todos os cursos (regular e técnico-profissionalizante).
- Montar o espetáculo teatral a partir do processo desenvolvido nas aulas e encontros realizados, utilizando-se das manifestações de todas as linguagens artísticas.
- Estabelecer a parceria entre as disciplinas e a Arte, ou seja, todas as áreas de conhecimento vivenciando a Interdisciplinaridade.
- Instigar a criação de um aluno ético, criativo e crítico.

Essa experiência docente no ensino médio me propiciou um excelente aprendizado, conciliando pesquisa, divertimento e estudo; motivando-me a revisitar outra instituição do ensino médio onde o fazer teatral foi se consolidando como um espaço de criação artística, obtendo ótimos resultados.

A minha segunda visita é no Colégio Stockler, no curso regular do ensino médio, com a disciplina de Arte – Teatro que integra a grade curricular obrigatória das primeiras séries e é optativa na segunda série. A proposta pedagógica nesta disciplina concentra-se em:

- Criar o espaço de convivência, cultural e lúdico de expressão e desenvolvimento da linguagem artística, Teatro, despertando a expressividade dos educandos nessa faixa etária.

lutas. Companhia de teatro premiada nacional e internacionalmente pelo reconhecimento de sua trajetória de teatro de rua e espaços alternativos. (Caderno de Erros. Uma publicação da Brava Companhia sobre seu projeto contemplado pela Lei de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo).

- Reconhecer a sala de aula como o espaço de convivência coletiva do fazer artístico desenvolvido de forma lúdica e espontânea, fazendo uso do corpo e da voz para o aprendizado.
- Desenvolver a sensibilidade e a consciência do corpo com atividades pedagógicas de percepção e expressão corporal.
- Despertar a partir das práticas teatrais, principalmente os jogos teatrais o lugar do diálogo e trabalho coletivo na sala de aula.
- Proporcionar o hábito da leitura e escrita através dos textos dramáticos e literários propostos.
- Praticar o exercício da interpretação cênica a partir de montagens teatrais tendo a Arte e a Interdisciplinaridade como eixos principais do processo criativo fortalecidos pelas áreas do conhecimento envolvidas.
- Criar uma atividade artística optativa aos alunos das segundas-séries que permitisse a experiência criativa com as quatro linguagens artística: Artes Plásticas, Dança, Música e Teatro.
- Fortalecer na escola o lugar do fazer artístico coletivo e da expressividade plena do indivíduo.
- Exercitar o diálogo, a convivência cidadã entre os alunos do ensino médio da instituição; experiências que envolvem a sua formação integral.
- Montar o espetáculo teatral a partir do processo desenvolvido nas aulas e encontros realizados, utilizando-se das manifestações de todas as linguagens artísticas e da parceria entre as disciplinas e o teatro.

Ao longo do trabalho de docência que se iniciou em 1999 com a disciplina de Arte – Teatro procurei estabelecer e garantir o lugar das manifestações artísticas aos alunos nesta instituição.

Pode parecer contraditória essa ação, pois o objetivo da escola está focado numa preparação com eficiência dos alunos numa perspectiva conceitual voltada a qualificação no exame de vestibular para o ingresso nas conceituadas universidades de referência de ensino superior.

O choque de interesses permeava as exigências de se oferecer para esses alunos uma preparação conceitual por excelência, diversamente daquela que incorporava as experiências e vivências artísticas que instigavam a sensibilidade, o autoconhecimento,

a parceria e a aproximação dos alunos e dos grupos de convivência, e que ensejavam um crescimento pessoal a todos os envolvidos, quer no aproveitamento curricular, nas avaliações das disciplinas, quanto nos laços de amizade, convivência e o respeito com a diversidade.

Desafios, conflitos intensos, queixas, dúvidas estavam presentes neste processo de ensino, mas também havia a certeza de estarmos criando um aprendizado para toda a vida, repleto de alegria, felicidade e laços afetivos. Dialogo com o que nos diz Julia Freixedelo, aluna do ensino médio:

Quando entrei no ensino médio e tive contato com o teatro como disciplina foi mágico! Comecei a ver as aulas como desafios que poderiam ser superados de degrau em degrau, sempre com pequenas melhorias. Era o melhor momento da semana! Encarar a “brincadeira séria” com a devida seriedade me fez crescer, mas não sozinha e sim com o outro. O trabalho em grupo, o olho no olho, a união, o improviso são colocados em cena e ver tudo isso funcionando é gratificante.

Fazer teatro é dar seu máximo pensando no outro, é conhecer seu corpo e explorá-lo de novas maneiras e, além disso, é conhecer os diferentes personagens que podemos ser!

No primeiro colegial, o primeiro contato serviu para ganhar a consciência da dimensão que fazer teatro tem. As tais oito pedrinhas que foram apresentadas na primeira aula foram fazendo sentido a cada nova experiência e desafio cumprido. Já no segundo colegial a coisa tomou um rumo de amadurecimento, de maior compromisso e responsabilidade. Foi muito bom ter a oportunidade de continuar com as aulas mesmo com as exigências da escola tendo aumentado. Aliás, digo que foi muito importante.

Era um momento de superar obstáculos, mas de maneira prazerosa. Fazíamos a mesma cena trinta vezes, batíamos o texto 50, cansava, mas era uma delícia saber que tinha dado cada vez mais o melhor que podia! Ter aulas com você, Celso, me fez acreditar. Para mim, essa é a melhor palavra para sintetizar o turbilhão de sentimentos que tenho aqui dentro em relação ao teatro: Acreditar. Acreditar que vai dar certo, acreditar no outro, no personagem, em si mesmo, no improviso. Acreditar na melhoria, na superação, na união e na arte. Fazer arte é acreditar. E, se posso usar outra que complemente toda essa esperança é: descoberta.

Descoberta da crença, das possibilidades, das vias alternativas, do corpo, do espaço, do outro, do sentimento expressado em cada detalhe, cada olhar ou som! Poder participar desse mundo colorido e cheio de energias positivas (com você como mestre) é um prazer. E, saber que aproveitei as chances que me foram dadas, é uma satisfação!

A importância do teatro vai desde o conhecimento do “eu” até do “outro”. Fazer teatro é poder acreditar, melhorar e inovar. É se descobrir.

Esse processo de formação é o que me instiga e desafia até os dias atuais. Espaço provocativo, contraditório, onde as duas forças se complementam e se ampliam; o conteúdo e as informações científicas e cartesianas estão potencializados, e o olhar e a escuta sensível tem o seu lugar de destaque, de cuidado e de encontros intensos, traduzidos nas mostras de teatro realizadas anualmente pela instituição, com a participação maciça dos alunos, professores, direção, funcionários, pais e convidados num teatro - um evento oficial da instituição.

Retomo o que nos diz Prof. Dr. Eduardo M. Valadares, coordenador da instituição na área de humanidades à respeito do fazer teatral e da mostra de teatro de 2012;

O Teatro faz parte do projeto educacional do Colégio Stockler desde a fundação da escola, em 1998. As artes dramáticas permitem ao jovem desenvolver habilidades como a oratória, a consciência corporal e a escuta, entre muitas outras. Ao proporcionar um mergulho na realidade do outro, o teatro favorece também o aguçamento da sensibilidade, da compreensão e da tolerância. A peça que você está prestes a assistir é o resultado de um longo processo. Jogos e exercícios de improvisação marcaram a primeira etapa, momento da descoberta do potencial único de cada aluno. A escolha da peça a ser montada, a distribuição dos papéis e os ensaios... Ah, os ensaios! Formam um segundo momento. Por fim, abrem-se as cortinas, e eis que o resultado de todo esse trabalho se revela, para deleite da plateia. Os estudantes, sejam eles atores ou contrarregas, experimentam, então, intenso sentimento de conquista: “Vencemos!” E não deixa mesmo de ser uma vitória – contra o medo de subir no palco, de falar em público, de tropeçar em cena, de errar. É durante este intervalo tão fugaz, entre o subir e o cair do pano, que o Teatro ensina os nossos alunos sua mais importante lição. Os erros, os tropeços, as falas esquecidas fazem parte da vida. Para superá-los vale o jogo de cintura, o improviso, o bom humor. Vale apoiar-se no colega para soprar aquela deixa, ou então, para ajudá-lo a seguir em frente porque, afinal, “o espetáculo deve continuar!” É com muito orgulho desses jovens intrépidos que o Colégio Stockler apresenta o ciclo teatral 2012!

Entre os anos de 2007 até 2014 foram apresentadas as seguintes obras dramatúrgicas sob minha adaptação e direção, entre os alunos dos 1º e 2 anos:

- 2007 – ***“O Capeta de Caruaru ou O Apocalipse”*** – Aldomar Conrado.
- 2008 – ***“Lisístrata – A guerra dos sexos”*** – Aristófanes.
- 2008 – ***“O Inspetor Geral”*** – Nicolai Gogol.
- 2008 – ***“Tipo, sei lá”*** – criação coletiva
- 2009 – ***“Artimanhas de Scapino”*** – Molière
- 2009 – ***“Tartufo”*** – Molière
- 2009 – ***“Cara, cadê minha pedra”*** – criação coletiva
- 2009 – ***“Arlequim, servidor de dois amos”*** C. Goldoni
- 2009 – ***“Volpone”*** – Ben Jonson
- 2010 – ***“Juiz de Paz da Roça”*** - Martins Penna
- 2010 – ***“O Noviço”*** – Martins Penna
- 2010 – ***“Pluft, o fantasminha”*** – Maria Clara Machado
- 2010 – ***“O Bem Amado”*** – Dias Gomes
- 2010 – ***“Drácula”*** – criação coletiva
- 2010 – ***“O Auto da Compadecida”*** – Ariano Suassuna
- 2011 – ***“Cordel”*** – José Pacheco e Manoel D’Almeida
- 2011 – ***“Lampião, entre o céu e o inferno”*** – criação coletiva
- 2011 – ***“Faceimage”*** – criação coletiva
- 2011 – ***“Romeu e Julieta”*** – William Shakespeare
- 2011 – ***“A Comédia dos Erros”*** – William Shakespeare
- 2012 – ***“Histórias de suspense, para os mentalmente impotentes – Rua Hollywood – Pindamonhangaba / SP”*** – criação coletiva.
- 2012 – ***“Quem mexeu na minha pedra?”*** – criação coletiva
- 2012 – ***“Mirandolina”*** – C. Goldoni
- 2012 – ***“O Doente Imaginário”*** – Molière
- 2013 – ***“O Casamento Suspeitoso”*** – Ariano Suassuna
- 2013 – ***“Vamos bater um papo... Papo?”*** – texto final – Celso Solha
- 2013 – ***“A Capital Federal”*** – Artur Azevedo
- 2013 – ***“Na moral, cadê minhas presas?”*** – texto final - Celso Solha
- 2013 – ***“As sabichonas”*** – Molière
- 2013 – ***“Como se fazia um deputado”*** – França Junior

2014 – “*Zorro e o colar asteca*” – Celso Alves Cruz

2014 – “*Burundanga*” – Luís Alberto de Abreu

2014 – “*Auto da Compadecida*” – Ariano Suassuna

2014 – “*Escola de Mulheres*” - Molière

Em 2015 realizarei a *XVI Mostra de Teatro de Repertório e Dramaturgia do Colégio Stockler*, que tem na sua proposta original a montagem de um espetáculo pela turma optativa de segunda série e uma montagem para cada primeira série do ano letivo com todos os alunos da turma, divididos em dois grupos: 1- o de interpretação que prepara, ensaia e apresenta; 2- o de produção que produz o material gráfico, textual, cenográfico, figurinos, sonoplastia, iluminação e equipe de apoio de palco que compõem o trabalho. Toda a escola é convidada e os alunos realizam o evento.

Um aprendizado com autonomia, comprometimento e dedicação testemunhados pelos depoimentos dos alunos, professores e direção legitimando um processo de construção de aprendizado e vivência nas diferentes linguagens artísticas permitindo uma formação docente e discente pautados nas categorias interdisciplinares de Fazenda e as categorias de ação de Paulo Freire.

Além da experiência com o ensino médio, foi importante para a elaboração dessa investigação, revisitar as atividades desenvolvidas nas instituições de ensino superior em que leciono. Sendo assim, minha terceira revista acontece na Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP, na Faculdade de Comunicação – FACOM, com uma disciplina obrigatória do 5º semestre intitulada *Direção de Atores e Apresentadores* e outra na Faculdade de Direito com a disciplina obrigatória do 1º e 2º semestres intitulada *Teatro – Arte e Expressão I e II*. Ambas as disciplinas tinham os seguintes objetivos em comum:

- Fomentar os processos criativos através de atividades que utilizam as manifestações artísticas nas diferentes linguagens.
- Fortalecer a expressividade plena do indivíduo.
- Desenvolver o hábito da leitura e o exercício da escrita a partir de textos teóricos e dramáticos.
- Vivenciar a Arte como um processo de enriquecimento pessoal a partir das parcerias e práticas artísticas.

- Reconhecer a sala de aula como o espaço de convivência coletiva do fazer artístico desenvolvido de forma lúdica e espontânea, fazendo uso do corpo e da voz para o aprendizado.
- Exercitar o diálogo no trabalho coletivo.
- Instigar a autonomia na busca de novos desafios, conhecimento e aprendizado.
- Ser um cidadão ético, criativo e crítico.
- Fortalecer o autoconhecimento.
- Possibilitar uma vivência artística no estúdio de gravação de rádio e televisão e equipamentos técnicos com autonomia, energia interpretativa e parceria.
- Adquirir o conhecimento técnico profissional no domínio dos equipamentos técnicos específicos, e da expressividade, do corpo e da palavra.

Essas disciplinas integram a matriz curricular dos cursos de Comunicação e Direito da Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP e trazem na sua proposta, vigor e foco em processos formativos, tanto no desenvolvimento da expressividade no curso de Direito, como também, no fortalecimento dos processos criativos dos educandos, futuros diretores, atores, apresentadores, profissionais de Rádio e Televisão no curso de Comunicação.

Os registros dos educandos coletados ao longo dos anos descrevem o envolvimento, a motivação e o interesse dos participantes ao cursarem estas disciplinas, trazendo à minha investigação um material de pesquisa enriquecedor. Núria Büyüd Aleksanyan, aluna do curso de Direito, assim se expressa:

Durante dois semestres da Faculdade de Direito da FAAP confesso que tive uma experiência inesquecível com as aulas de teatro. Com diplomacia e carinho, muito além de técnicas de interpretação, nos ensinou o que é trabalho em equipe, tolerância com as diferenças, respeito aos pontos fracos de cada um, disciplina, além de aos poucos nos ajudar a expressar melhor as nossas emoções. A cada aula, graças a sua valiosa direção/orientação, eu vencia a timidez, aprendia a interagir mais espontaneamente com os demais colegas, [...] incentivou, acreditou, ensinou, criticou, elogiou, “puxou a orelha”, esteve ao meu lado sempre que precisei, me mostrando caminhos que

visavam me tornar não uma boa atriz, mas acima de tudo uma pessoa melhor. (Núria Büyüd Aleksanyan, aluna da Faculdade de Direito – FAAP, depoimento autoral escrito)

Essas experiências me fizeram crescer profissionalmente, possibilitando-me uma formação docente interdisciplinar enriquecida, como também, o diálogo com os professores dos diferentes componentes curriculares e com os profissionais de iluminação de estúdio, cenografia e fotografia, construção de texto e dramaturgia, operação de equipamento técnico de iluminação, edição, direção e finalização de estúdio, que garantiram bons resultados artísticos nos exercícios e na prática dos alunos.

O depoimento da aluna Amanda Flora Sader Costa do curso de Rádio e TV, na disciplina Direção de Atores e Apresentadores comprova esse envolvimento discente:

Queria simplesmente fechar meu relatório falando que sua aula me ajudou muito a descobrir e ponderar muitas coisas sobre o meu eu interior, foi de extrema importância para mim, ela me tirou dos trilhos de uma forma colossal, mas também não posso ignorar toda a experiência de correria e construção do projeto da segunda parte do semestre, [...] senti o que era por em prática organização, criatividade, trabalho em grupo, tudo. O projeto saiu de uma forma mais poética do que imaginei, quando ia ver nas câmeras como tinha ficado o cenário. Ficava orgulhosa, ele ficou bonito, o trabalho duro valeu à pena, a classe se esforçou e tivemos algo concreto e tivemos coragem para fazer o que tínhamos que fazer. Fiquei impressionada com a qualidade de cada um, do empenho do esforço que cada um colocou e cada gota de suor, que foi derrubada naquele chão de estúdio valeu à pena porque o trabalho que no começo pareceu um monstro saiu. (Amanda Flora S. Costa, aluna do curso de Rádio e TV – FAAP, depoimento autoral escrito).

A quarta experiência que engrandece a minha trajetória profissional é o trabalho como docente no *Projeto FESPSP de Teatro* da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo / FESPSP cujos objetivos são:

- Consolidar o projeto educativo pedagógico inovador da FESPSP - uma instituição ícone no campo do saber da sociologia.

- Estabelecer um vínculo mais efetivo na comunidade acadêmica com o aprofundamento das relações humanas do corpo docente, discente e comunidade, partindo de um fazer teatral artístico-cultural que incentiva a leitura e a experimentação artística.
- Desenvolver a expressividade.
- Proporcionar um espaço de diálogo e parceria entre os alunos, ex-alunos, professores, interessados em geral através da Arte.
- Garantir a formação profissional de qualidade dos alunos com posturas reflexivas, críticas e formativas (atitude, participação, ética, cidadania).
- Entender a ação cultural como uma manifestação do homem em todos os seus meios de expressão e linhas de pensamento, relacionando-a com a sociedade atual e destacando sua presença no dia a dia.
- Criar e montar durante os encontros e aulas ministradas do projeto o espetáculo teatral escolhido para apresentação pública.

Construído a partir de 2002 esse projeto movimenta atualmente a comunidade acadêmica da FESPSP – alunos, ex-alunos, professores, funcionários e, é aberto à comunidade interessada em participar das atividades artísticas e das montagens teatrais.

Os espetáculos apresentados surgiram de vários processos desenvolvidos ao longo do tempo: criações coletivas, processos colaborativos ou escolha de um texto a partir das práticas desenvolvidas ao longo do ano letivo e de temas e assuntos de interesse que geraram o estudo, pesquisa e a referida montagem do espetáculo.

A discussão do universo da comunicação e as diferentes mídias; a relação de poder e fortuna; a dramaturgia e a cultura popular nacional; os movimentos históricos universais até a parceria com a Secretaria Municipal da Educação – Prefeitura do Município de São Paulo / PMSP e os espetáculos dirigidos à formação de público do Centro Educacional Unificado - CEUS e do Projeto Escola da Família no município de Cotia – SP, numa realização do Projeto “*Teatro e Cidadania nos quatro cantos da cidade*”, foram alguns dos temas e ações que propiciaram riqueza na composição dos espetáculos. Seguem as peças encenadas ano a ano dirigidas por mim que compõem o repertório do projeto, com os conceitos que foram abordados:

- 2002 / 2003 – “**Banana**” – criação coletiva – o universo da comunicação e as diferentes mídias.

- 2004 – “*Volpone*” de Ben Jonson - a ganância, o poder e a fortuna.
- 2005 – “*Pé de Cabra*” de Dias Gomes - dramaturgia brasileira - guerra e as suas contradições.
- 2006 – “*O Apocalipse ou O Capeta de Caruaru*” de Aldomar Conrado – Dramaturgia nacional e os aspectos da cultura popular nacional.
- 2007 – “*O Inspetor Geral*” de Nicolai Gogol – os 90 anos da revolução russa - questionamentos históricos e análises do grupo.
- 2008 – “*Arlequim, servidor de dois amos*” de Carlo Goldoni – espetáculo dirigido ao Centro Educacional Unificado – CEU numa parceria com a Secretaria Municipal da Educação e a FESPSP - uma realização do Projeto Teatro e Cidadania nos quatro cantos da cidade.
- 2009 a 2013 – “*As Artimanhas de Scapino*” de Molière – espetáculo dirigido ao Centro Educacional Unificado - CEU numa parceria com a Secretaria Municipal da Educação e a FESPSP – a consolidação do Projeto Teatro e Cidadania nos quatro cantos da cidade; a realização do Projeto Escola da Família – no município de Cotia – SP e a experiência artística e coletiva na Fundação Casa.
- 2014 / 2015 – “*Burundanga*” de Luís Alberto de Abreu – Dramaturgia nacional e os aspectos da cultura popular nacional, e inserido no Projeto Teatro e Cidadania nos quatro cantos da cidade.

As atividades práticas desenvolvidas no Projeto FESPSP de Teatro proporcionaram experiências vivenciadas com muita intensidade, tanto nos locais de apresentação, como no entorno, no engajamento com a comunidade local, na discussão da construção artística do espetáculo, no olhar de descoberta presente nesses encontros, o que conferiu a este trabalho um sentido interdisciplinar muito rico.

Os depoimentos / registros coletados dos alunos participantes apontam para uma ação educativa e pedagógica interdisciplinar que fortalece uma proposta de formação integral do indivíduo e não só uma formação tecnocrata. O testemunho da aluna Débora Teixeira corrobora esta verdade:

Hoje estamos inseridos num projeto em parceria com a Secretaria Municipal da Educação: *Teatro e Cidadania nos quatro cantos da cidade*, onde levamos entretenimento e cultura aos CEUs – Centro Educativo Unificado - da região metropolitana de São Paulo. É o segundo ano do projeto e tenho me sentido inteiramente gratificada com

ele. Sempre acreditei que podemos e devemos dar nossa contribuição ao mundo de diferentes maneiras. E a cultura, sem sombra de dúvida, é uma das formas mais prazerosas de atingir esse objetivo. A cada apresentação ouvimos depoimentos que nos emocionam e nos fazem crer que estamos no caminho certo. São crianças que participam conosco da história, na expressão de seus olhos a brilhar, no seu sorriso espontâneo e nos comentários que nos enriquece a todos. São adultos que nos contam que nunca tiveram oportunidade de assistirem a um espetáculo de teatro e saem maravilhados, afirmando que voltarão mais vezes. (Débora Teixeira – Projeto FESPSP de Teatro / 2012 – depoimento autoral escrito)

A quinta experiência que revisito aconteceu nos meus encontros enquanto professor-orientador de monografias nos trabalhos de conclusão do curso de especialização em *Linguagens da Arte – Teatro* da Universidade de São Paulo – USP / Maria Antonia. Este trabalho de docência exigiu:

- Um processo investigativo reflexivo e de parceria, a partir de proposições e do desejo do outro, mas que reverberaram nesse pesquisador nos encontros de orientação.
- Um maior entendimento da importância do rigor, da leitura, do embasamento teórico nos trabalhos elaborados.
- Uma proposição aos orientandos para que em seus trabalhos de conclusão de curso contemplassem a apresentação de alguns procedimentos metodológicos de importância para a pedagogia e a Arte.
- O diálogo dos orientandos com as suas práticas pedagógicas, estabelecendo uma aproximação com a Interdisciplinaridade que enriqueceram seus trabalhos e a sua formação profissional.
- O exercício de docência do educador interdisciplinar na mediação e construção do aprendizado.

No período de 2011 a 2012 orientei as seguintes monografias, procurando garantir aos meus orientandos a autoria e o rigor na sua construção.

- 1- BOTELHO, Cyntia de Medeiros - *“Paisagens imaginárias: práxis criativa do educador e do educando”*.

- 2- CANTO, Guilherme de Mattos - *“Teatro-Educação: Educador e educando em parceria, arte que ensina”*.
- 3- CERQUEIRA, Gabriela Maia - *“Teatro, área do conhecimento do cidadão na periferia”*.
- 4- COSTA, Eduardo - *“O teatro como instrumento educativo e pedagógico: ações e reflexões”*.
- 5- CRUDELLI, Magda Longuini - *“Arte, Teatro: Uma experiência voltada à educação”*.
- 6- CURATOLO, Rafael Aloise - *“Diálogos e reflexões sobre a arte de contar histórias na educação infantil”*.
- 7- GONÇALVES, Edna Rosane - *“O fazer teatral a partir de vivências do cotidiano de adolescentes entre 13 e 18 anos: relato de uma experiência”*.
- 8- KOBAYASHI, Maria do Carmo Monteiro - *“Imaginação e fantasia: brincar, jogar e desenhar”*.
- 9- FERNANDES, Mirelli Rosa Najar - *“Fazer teatral, a hospitalidade em cena sob a regência de suas virtudes humanitárias”*.
- 10- FERREIRA, Mayla Letícia Monteiro - *“Arte no ensino médio, uma experiência com espiritualidade”*.
- 11- FINATTI, Letícia Ribas - *“Educar e aprender através da experiência”*.
- 12- FOGAÇA, Marcos Clóvis - *“Experiências com o fazer teatral e a formação de plateia: Um caminho com a Companhia Engenhoca Teatral”*.
- 13- FREIRE, Luana Peixoto - *“Uma experiência de autoconhecimento e sensibilização na prática teatral”*.
- 14- GALTER, Thais de Oliveira - *“O Teatro e a transformação do indivíduo”*.
- 15- LIMA, Mara Elisa Roberto - *“Programa Primeira Cena: Parceria no ato de criação teatral com autonomia, inclusão e atitude interdisciplinar”*.
- 16- LIMA, Roseli Fernandes Euquério - *“Reflexões sobre a contribuição do jogo teatral na sala de aula, experiências na E.E. Vereador Antônio de Ré”*.
- 17- LOFEU, Denise Monteiro da Costa - *“A prática da contação de histórias: Uma vertente na educação rumo a descobertas”*.
- 18- LOPES, Amanda da Silva - *“Brincadeiras de Fantoche: o processo de criação a partir dos jogos teatrais na educação infantil”*.
- 19- MIGUEL, Diego Felix - *“A prática teatral no envelhecimento – um caminho do autoconhecimento, da autonomia e inclusão social”*.

- 20- OLIVEIRA, Adriana Silva de - *“O ensino de teatro como ato de criação: No traçado do caminho, um passo eu traço e junto faço”*.
- 21- OLIVEIRA, Viviane Araújo - *“Arte: No ato de educar, o teatro e uma atitude interdisciplinar”*.
- 22- PARENTE, Veralúcia - *“O processo de criação no jogo teatral: possível diálogo por meio da representação de manifestações artísticas e culturais”*.
- 23- PELIZZON, Maria Fernanda Iborra - *“O teatro como espaço de diálogo e formação do cidadão”*.
- 24- PEREIRA, Alexandre Almeida - *“Circo-teatro: experiências com arte no circo-escola”*.
- 25- PERSIKE, Julio Cesar - *“A formação de espectadores no espaço teatral Centro Cultural Banco do Brasil / São Paulo, desafios e conquistas”*.
- 26- PESSOA, Henrique Cesarino - *“Teatro-Educação: A arte do Clown e o humor na construção do conhecimento no ensino médio”*.
- 27- PRADO E SILVA, Laura Andrea de Souza - *“Teatro: Uma possibilidade para o autoconhecimento na formação do educador”*.
- 28- RANIRO, Juliane - *“O teatro e a música num entrelaçamento: diálogo e movimento na formação do educador interdisciplinar”*.
- 29- RIBEIRO, Camila dos Santos - *“Ensino de teatro nas escolas de período integral: Um caminho em construção com desafios, descobertas, ousadia e parceria”*.
- 30- SILVA, Ana Luiza Caetano Andrade - *“Experiências do não-lugar: uma vivência sensível conduzida pelo ator aprendiz do “núcleo ausência em cena”*.
- 31- SILVA, Elenira Peixoto - *“O faz de conta e o fazer teatro: Um diálogo entre o jogo dramático e a linguagem teatral”*.
- 32- SILVA, Patrícia Maria Barbosa da - *“Projeto O lixo é um luxo: as experiências artísticas como propulsoras do protagonismo no programa Crê-ser”*.
- 33- SILVA, Renata Maria Cesar da - *“A importância do teatro na formação do professor de educação infantil”*.
- 34- XELLA, Gustavo Temponi - *“Repetir até ficar diferente, relato de uma experiência”*.

Percebo que os caminhos de pesquisa e escrita dos alunos-orientandos foram construídos a partir de um estudo minucioso, seja dos autores-parceiros, como também

das práticas e procedimentos adotados pelos orientandos no seu trabalho artístico e educativo.

Compartilho alguns desses temas relevantes: A monografia “*Fazer teatral: a hospitalidade em cena sob a regência de suas virtudes humanitárias*” (FERNANDES, 2011, p.15). Nela se discute o grau de hospitalidade dispensado ao processo de apreensão do conhecimento e sua importância na prática educativa como um exercício de cidadania e sociabilidade. A abordagem do corpo do indivíduo e suas possibilidades atreladas à preocupação em executá-la de forma a promover o contato com a sua subjetividade e potencialidade, por meio das linguagens cênicas, pode desconstruir ideias e saberes considerados anteriormente como únicos e verdadeiros; incorreções e imperfeições não devem ser julgadas sob um conceito prévio de desempenho, visto que nem sempre a técnica é parâmetro exclusivo de uma boa execução. Isso fortalece o fazer teatral e sua relação com a Educação.

A monografia *A prática teatral no envelhecimento – um caminho do autoconhecimento, da autonomia e inclusão social* de Diego Félix Miguel (2011, p. 11), estabeleceu um diálogo consistente do fazer teatral com o envelhecimento, com a autonomia, valorizando o autoconhecimento. Carregamos os registros de nossa trajetória em nosso corpo, estes podem interferir em nossa qualidade de vida ao longo dos anos, introduzindo marcas como limitações, insegurança, timidez e outros fatores que interferem nas relações interpessoais criadas entre os indivíduos e na visão de mundo.

Por meio da prática teatral favorecemos esta expressão, outrora reprimida, permitindo a criação de um *espaço de trocas* entre os participantes, utilizando-se de reminiscências para o *aprender por meio da experiência*, termo defendido por DEWEY (1944), que adaptado à realidade de uma proposta metodológica teatral contribui para a criação de um teatro inclusivo, possibilitando que se agreguem idosos que possuam características como timidez, insegurança, analfabetismo e até mesmo declínio cognitivo, utilizando-se das referências pessoais e das experiências com o mundo empírico durante o processo de construção, na improvisação ou na criação de um espetáculo.

Para os arte-educadores é fundamental o conhecimento teatral e os conceitos de teatro educação; a pesquisa constante de metodologias e experiências relatadas por profissionais da área; o conhecimento e estudo das especificidades do público em questão; o conhecimento básico gerontológico. Estes são aportes relevantes para a

construção teatral que contribuem para a sensibilidade de (re)conhecer quais as expectativas do grupo para aquele encontro, de forma à aproximá-los desta linguagem estética e proporcionar uma vivência diferenciada, que tenha os devidos cuidados e a consciência do *fazer teatral*.

A monografia *Teatro-Educação: A arte do Clown e o humor na construção do conhecimento no ensino médio*, de Henrique Cesarino Pessoa (2011, p. 19) suscitou uma reflexão sobre o ensino de Arte e o entendimento do erro / falha como elemento lúdico, criativo e de construção. É no *clown*¹² que o teatro e o circo mais se aproximam. O *Clown* proporciona a capacidade de viver o lúdico, que por sua vez, possibilita a experiência da conexão entre as pessoas. No *Clown*, através do humor, o indivíduo pode compartilhar com cumplicidade, momentos de grande alegria e divertimento, enriquecendo-se com tudo que essa experiência oferece. No *Clown* aprendemos que é na “falha” que se encontra a virtude, e, com esta percepção, incluímos e acolhemos o que antes era excluído de nós mesmos. Acredito que essa característica específica possibilita um diálogo entre a Arte do *Clown* e as mais diversas formas e concepções de Pedagogia Inclusiva. Aprendemos no *Clown* que ser adulto não significa excluir ou banir a “criança” que existe em nós. Podemos então, mesmo adultos, resgatar e conservar a nossa pureza e inocência.

Querida mestra Ivani, observo nesse meu relato de reminiscências vivenciadas, que em todas as instituições de ensino citadas e nas demais experiências pedagógicas que realizei procurei identificar e propor mudanças e provocações, quebrar o silêncio castrador da disciplina fragmentada, a ordem física e o espaço de sala de aula; alterar um padrão da educação bancária, encadeirada.

Nesse terreno de contradições presente na educação é que se estabelece o olhar crítico, a construção dialética, o autoconhecimento e a quebra de paradigmas para novas perspectivas de vida, de aprendizado, de conhecimento. Independentemente de se tratar de um espaço escolar privado ou público essa é a investida a se empreender em todos eles. Percebo que esse movimento desaparece nas escolas públicas e muitas vezes o

¹² A máscara do Clown, o nariz, é a menor máscara do mundo, a que menos esconde e mais revela. (Luís Otávio Burnier) A palavra é de origem inglesa. Clown deriva de *cloyne, cloine ou clowne*. O sentido seria homem rústico do campo. O clown tem suas raízes na baixa comédia grega e romana e na *commedia dell'arte*, tal como conhecemos hoje. (PESSOA, Henrique, *Teatro-Educação: A arte do clown e o humor na construção do conhecimento no Ensino Médio*. Monografia apresentada no Centro Universitário Maria Antonia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de especialista em Linguagens da Arte. São Paulo – 2011).

trabalho artístico se descaracteriza nas escolas privadas com propostas mecânicas e utilitárias de Arte.

Reafirmo que é papel da instituição, do educador e dos agentes da escola criar o lugar de convivência, lúdico, cultural, artístico para valorizar as manifestações dos educandos, o que promove a transformação da sociedade.

Mestra Ivani, no exercício da docência me concentrei em romper as barreiras da exclusão, permitindo o acesso à arte e suas manifestações artísticas nas diferentes linguagens, como forma de estimular a criatividade e o desenvolvimento humano; aliei a dinâmica entre o sentir, o pensar e o agir; promovi a interação entre saber e prática relacionados à história, às sociedades e às culturas, possibilitando vivências e explorando o lúdico na sua essencialidade; procurei também, garantir o espaço do coletivo, do diálogo; procurei fazer com que os educandos pudessem se expressar com liberdade e autonomia, buscando sempre o autoconhecimento e uma leitura do mundo e da realidade que os cercavam.

Constato que a minha atuação profissional nem sempre navegou por mares calmos, alguns foram bem turbulentos, porém vitais para a minha existência. Nessas águas, revelo-me um artista, reconheço-me um educador interdisciplinar.

As experiências profissionais nessas instituições de ensino produziram em mim a busca por uma excelência na minha proposta pedagógica e uma visão holística na formação dos educandos e educadores, exigindo um exercício constante de aprimoramento das práticas pedagógicas e procedimentos metodológicos, uma ampliação do repertório bibliográfico e o refinamento constante no ato de aprender e ensinar.

Cara mestra, nesta prática docente interdisciplinar passei a não valorizar intensamente as regras pré-estabelecidas para obter resultados e avaliações quantitativas. Passei a valorizar as ações individuais, a realidade que cerca os objetos de pesquisa, as entrevistas dirigidas, uma vez que ser educador interdisciplinar é transitar na sua área de conhecimento com rigor, sensibilidade e percepção de si e do outro e ampliar esse horizonte, rompendo as barreiras fronteiriças dos componentes curriculares e costurando as parcerias de conhecimento. A interdisciplinaridade exige um movimento de reciprocidade permanente, troca; requer um pensamento lógico, a racionalidade que só faz sentido se conectada com a força intuitiva, o desejo do novo, da curiosidade criativa.

É nesse caminho do aprender e ensinar que se estabelecem os vínculos entre educador e educando, o diálogo, o movimento dialético que amplia a compreensão de mundo, da realidade, do humano; exige-se a coerência daquilo que se pensa, se fala e, principalmente, daquilo que se faz. Nele está a humildade de se reconhecer como um ser em permanente aprendizado e em constante mudança na busca do autoconhecimento e do ser feliz. Registro aqui o que nos diz Spolin - os autoritários acreditam que eles conhecem o único caminho. (2001, p. 19).

Na leitura de suas obras, querida Mestra, compreendi mais intensamente a obra de Paulo Freire, principalmente quando você afirma que este autor em todos os seus escritos insiste nessa dialética do conhecimento, que é a própria *práxis*: reflexão- ação-reflexões sobre a ação – nova ação. (FAZENDA, 2003, p. 36).

Deflagrar os processos transformadores na ação educativa e pedagógica do corpo docente é compromisso da instituição de ensino, uma atitude do educador e o papel da Educação.

Na monografia de Adriana Silva de Oliveira “*O ensino de teatro como ato de criação: no traçado do caminho, um passo eu traço e junto faço*” foi discutida a situação empobrecida do ensino de Arte, e especificamente do Teatro nas escolas públicas, a partir de experiências vivenciadas em três instituições de ensino básico. Em determinado trecho ela relata que a poesia visual pode ser um potente motor de criação teatral e preciosas relações entre a música e o teatro podem ser tecidas nesses passos, junto com os alunos, no encontro pedagógico, que se atualiza em cada situação de ensino e aprendizagem. As mudanças são bem-vindas na atitude, na ação, no fazer pedagógico, na formação docente do arte-educador pesquisador. É uma responsabilidade alegre essa de ser professor de arte, pois onde todos veem corredores e portas, ele vê um mundo a se percorrer: “Ele está aqui a um passo, eu traço e junto faço”. (OLIVEIRA, 2011, p. 29)

Foi nesta perspectiva de formação e atuação cotidiana que construí a minha trajetória profissional, querida Mestra. Isso exigiu um processo de maturação pessoal, uma vez que a maturidade profissional se concretiza com a experiência, a vivência diária, uma conversa constante com o seu repertório de vida; diálogo com a sua história, seus caminhos, seus tropeços e acertos, o seu se reinventar contínuo. Nessa carta aqui traçada, sinto-me agraciado pelos seus ensinamentos.

Celso Solha

II. 2 – Maturidade profissional: comunhão da teoria com a prática profissional

A maior riqueza do homem é sua incompletude.
 Nesse ponto sou abastado
 Palavras que me aceitam como sou eu não aceito.
 Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que
 puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6
 da tarde,
 Que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.
 Perdoai.
 Mas eu preciso ser Outros.
 Eu penso renovar o homem usando borboletas.
 (BARROS, 2013, p. 347).

Uma carta a Manoel de Barros - da metamorfose da borboleta à maturidade, com os “olhos vivos” de Josso

Caro poeta Manoel de Barros¹³, nessa **terceira carta**, tenho presente que o exercício do diálogo desperta novas camadas de reflexão ao meu processo de revisita à história de vida, da trajetória profissional e traz um amadurecimento nas relações estabelecidas ao longo do tempo, a percepção da maturidade no ofício da docência, como uma metamorfose da borboleta à maturidade.

Para a elaboração desta pesquisa será preciso uma retomada do caminho que se iniciou com as primeiras descobertas, os sentidos e as percepções mais porosas para a

¹³ Manoel de Barros nasceu em Cuiabá-MT, em 1916. Até os 17 anos viveu entre a casa da família e um internato, onde iniciou os estudos. Sua vida acadêmica se passou na cidade do Rio de Janeiro, onde ficou até se formar bacharel em Direito, em 1941. Viveu também em Nova Iorque, Paris, Itália e Portugal. Voltou para o Pantanal-MS, para assumir uma fazenda de gado que recebera de herança, passando a dividir seu tempo entre o Rio de Janeiro e o Pantanal. Em 1970, recebe o Prêmio Orlando Dantas, em Brasília e, em 1980, seu livro *Arranjos para Assobio* é descoberto e reconhecido pela crítica e pelo público. Pertencente à geração de 45, onde despontaram os grandes poetas brasileiros da metade do século XX, Manoel constrói uma linguagem inovadora, que chega ao limite da agramaticalidade, cheia de neologismos e, ao mesmo tempo, remetendo a língua portuguesa às suas raízes mais profundas. A profunda correlação da fala poética com as imagens visuais, vem de sua leitura do Pe. Antonio Vieira: “eu aprendera em Vieira que as imagens pintadas com palavras eram para se ver de ouvir”. Seu universo pantaneiro aparece poeticamente filtrado por pontos de vista humanos, animais, vegetais e minerais altamente elaborados: um mundo intocado e profundamente humanizado, um mundo poético, encantado. Manoel cria uma relação única com a linguagem e o mundo. Uma linguagem que desobedece, a seu modo, e que tem um mundo concreto que brinca a seu modo. Enfim, um poeta singular! “Acho que uma inocência infantil nas palavras é salutar diante do mundo tão tecnocrata e impuro. Acho mais pura a palavra do poeta que é sempre inocente e pobre”. – Manoel de Barros. (<http://www.fmb.org.br/> Fundação Manoel de Barros).

experiência criativa; a intensidade da vivência “primeira vez” cujas marcas nos acompanham em todos os instantes do nosso dia, além da necessidade de conversar com elas. Para tanto faço uma reinvestida na minha pesquisa do mestrado, direcionada para o mesmo foco de análise.

Encontro Josso (2004, p. 130) quando considera que o trabalho biográfico faz parte do processo de formação; ele dá sentido, ajuda-nos a descobrir a origem daquilo que somos hoje. É uma experiência formadora que tem lugar na continuidade do questionamento sobre nós mesmos e de nossas relações com o meio.

Volto no tempo, meu parceiro-autor poeta. A Arte instigante e provocativa dos tempos rebeldes dos anos 60 e 70, onde a pintura quebrava regras dos modelos, das combinações de cores e utilização de materiais de composição artística; a dança revolucionava a expressividade do corpo com artistas-pesquisadores que transformaram o seu tempo, a sua criação, o seu universo; experiências artísticas inovadoras, entre tantas, com o ballet Stagium no Brasil e Pina Bausch reverberando em toda a Europa; o corpo artístico assumindo o mundo contemporâneo e agitando a percepção, a consciência corporal, o movimento humano.

A música com os instrumentos elétricos quebra paradigmas e regras de comportamento do jovem em todo o mundo. Os Beatles, Rolling Stones, Pink Floyd, Presley ditam a linguagem e o comportamento do jovem e do homem de sua época. O Teatro e seus movimentos de contestação, de criação coletiva, de dramaturgia e encenação provocam novos processos criativos e a possibilidade da mudança, da transformação social apregoada com vigor e galhardia. Todo esse movimento artístico me mobilizou e a partir dele assumi o meu lugar no Teatro. Neste período participei de grupos de teatro amador que produziam um material artístico rico, seja na parceria engajada de ideias e opiniões, na linguagem com o foco na identidade brasileira, na busca de uma formação profissional específica.

Obtive minha graduação como Ator na Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo – EAD / USP. Uma conquista pessoal e o lugar de inesgotável aprendizado com leituras dramáticas, estudo, práticas de interpretação, dicção e voz, e montagens de espetáculos teatrais; parcerias com verdadeiros artistas das artes cênicas, tais como Miriam Muniz, Eugenio Kusnet, Celso Nunes, Mario Masetti, Iacov Hillel, Silnei Siqueira. Também foram importantes os parceiros de turma e contemporâneos de escola que deixaram histórias e levaram marcas na sua formação profissional, tais como, Genésio de Barros, Norival Rizzo, Noemi Marinho, Elizabeth

Savalla, Adilson Barros, Paulo Betti, Esmeralda Hannah, Eliane Giardini, Vera Holtz, Edson Celulari, entre tantos; o inesquecível Luiz Otávio Burnier, artista completo, pesquisador e estudioso com reconhecimento profissional e artístico em todo o mundo.

Caro poeta, o encontro mais instigante e revelador na minha formação de artista foi com o diretor, artista na plenitude Ulysses Cruz, amigo especialíssimo que o tempo cisma em deixar bem vivo no meu coração, na minha lembrança e que me conduziu à docência. Neste período o exercício da docência em Arte – Teatro - era quase que desconhecida, ainda que a década de 70 tivesse sido um tempo de fervor cultural da juventude extremamente contestadora e criativa nas mais diferentes linguagens artísticas.

Foram riquíssimas as experiências docentes que realizei nesse momento com crianças, adolescentes, jovens e adultos em espaços educativos alternativos e tradicionais (sala de aula), cursos livres, e numa instituição hospitalar onde o teatro mediava o processo de reinserção social juntamente com o tratamento psicológico buscando o resgate humano de sobrevivência na sociedade. Muito aprendizado e intenso movimento em aprender, se apropriar de técnicas, práticas e procedimentos metodológicos que não se apresentavam naquele contexto. Faço o recorte de um relato proferido na minha dissertação de mestrado:

Uma experiência avassaladora num Hospital Psiquiátrico definiria a minha trajetória profissional; eram encontros semanais com os pacientes do hospital, juntamente com a equipe médica, desenvolviam-se atividades dramatizadas e de convivência coletiva através da Arte, do Teatro. A força transformadora do fazer teatral na construção e reconstrução do sujeito; era constatado naqueles encontros intensos de envolvimento e relação humana que jamais em todos os momentos da minha trajetória profissional se revelou de uma forma tão intensa. O teatro era a luz no final do túnel dos “pacientes” a partir do olhar ou da redescoberta do eu, sujeito nos olhos do outro, quanto aprendizado, encontros e emoção. (SOLHA, 2006, p. 24).

Apropriei-me de livros de técnicas de grupo e apostilas de práticas teatrais trocadas de mão em mão para servirem de suporte teórico ao trabalho que se apresentava com vigor e desafios. Valeu à pena o diálogo com o psicodrama, a técnica de convivência nas aulas ministradas utilizando a expressão corporal, vocal, texto

dramatúrgico, improvisação teatral, enfim, um universo de possibilidades criativas que procuravam estabelecer o domínio do conhecimento a partir da prática do jogo, fosse ele definido como lúdico, cênico, dramático, teatral; foram utilizados inúmeros exercícios práticos de interpretação, improvisação e dramatização no fazer teatral.

O mergulho na obra de Peter Slade intitulada *O Jogo Dramático Infantil*¹⁴ (São Paulo, Summus, 1978) contribuiu de maneira intensa no fazer teatral, no resgate da força da imaginação criativa que se intensificaram na minha prática pedagógica utilizando jogos dramáticos.

Retomo Courtney (1974, p. 119) quando relata que o jogo, representação e pensamento estão inter-relacionados; são mecanismos pelos quais o indivíduo testa a realidade, liberta-se de suas ansiedades e domina o seu meio.

Entendo que a inter-relação entre jogo, representação e pensamento é o elemento que faz com que o indivíduo interaja com a realidade, liberte-se e transforme o seu meio de convivência. É um processo contínuo de mediação, nunca está dissociado da relação do olhar do outro, amplia a percepção de si mesmo.

Poeta, nessa investida de obter uma formação atenta às diversas áreas do conhecimento, deparei-me com a obra da educadora, pesquisadora americana Viola Spolin e o seu método de ensino *Improvisação para o Teatro* que aborda o fazer teatral na educação, a fundamentação teórica, os procedimentos metodológicos de todo o percurso de formação, utilizando jogos teatrais. Um divisor de águas na ação pedagógica e construção de todo o processo de formação nos encontros da Arte, Teatro e Educação, seja na ação docente, na atuação discente, critérios de avaliação e o papel da Arte, especialmente o Teatro. Sob esta perspectiva ela fortalece a função da Arte e a sua inserção como componente curricular obrigatório na educação básica; uma conquista para os arte-educadores e um diferencial na formação dos educandos garantidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional– 9394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais – 2000.

Identifico-me com a obra de Viola Spolin por seu caráter desafiador, provocativo; sua fala está sempre presente na minha prática docente: “todas as pessoas

¹⁴ Neste livro, Peter Slade, escritor e dramaterapeuta inglês e um dos pioneiros no estudo do teatro para crianças, relata suas inúmeras experiências com crianças e adolescentes e procura responder as dúvidas que todo professor sente quando se propõe a fazer um trabalho de Teatro na Educação. Slade coloca regras claras de atuação, mostra como ampliar o jogo, como enriquecê-lo, como introduzir outras linguagens. Ele dá ideias, abre perspectivas, alarga o repertório e separa nitidamente as propostas em função de cada faixa etária ou escolar, fazendo um paralelo entre o Jogo Dramático Infantil e a Arte Infantil desde a pré-escola até a adolescência. (SLADE, Peter. *O jogo dramático Infantil* – São Paulo: Summus, 1978).

são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco” (SPOLIN, 1979, p.3).

Courtney (1974, p. 47), corroborando as ideias de Spolin, afirma que o jogo oferece oportunidade para um controle emocional e, assim, favorece a autodisciplina interna. É nesse mergulho interior que se vislumbra o autoconhecimento. Trata-se de uma ação que promove um mergulho de corpo e alma, um trabalho que incorpora razão e emoção, raciocínio e sensibilidade, ser e estar inteiro, o desvelar e o camuflar, na busca de um objetivo comum - o coletivo.

Para Courtney, o jogo é uma parte integral da vida e isolá-lo, como fez o homem moderno, é destruir o espírito verdadeiro, natural e seu derradeiro valor para o homem em sociedade.

Fortaleço esse entendimento com uma contribuição de Lopes¹⁵ (1989, p. 61) quando afirma que na dramatização espontânea, o atuante não é um mediador da expressão criada por um dramaturgo, interpretada por um diretor de cena, juntamente com seu grupo de atores. No jogo dramático espontâneo, o atuante é a fonte de expressão, fazendo o jogo do autor-ator, portanto, a metamorfose – fenômeno básico deste jogo – aparecerá como resposta genuína do atuante interessado em se transformar num outro, o que significa ampliar seu universo de comunicação, capacidade de expressão e criatividade.

Nesse processo de formação docente, no estudo e pesquisa do mestrado, e principalmente no exercício da docência nos espaços educativos, o conceito de jogo tornou-se presente e um elemento fundamental das práticas aplicadas. Nessa prática, a visão do educador interdisciplinar se fortaleceu, pois o sentido do jogo é o de se envolver com o outro.

Parceiro-poeta Manoel, constato na revisita a minha trajetória profissional muitos encontros ao longo da jornada, parcerias que se solidificaram e buscaram novos caminhos e possibilidades, exercício de desapego, humildade que faz com que o educador seja forjado na sua formação interdisciplinar a vivenciar o respeito, a

¹⁵ Joana Lopes é uma pesquisadora empenhada em registrar a teatralidade brasileira através de seu jogo dramático. Foi articulista do Folhetim, crítica de teatro da revista Visão e free-lancer da Deutsch Welle da Alemanha. Atualmente é professora do Instituto de Artes da Unicamp. Prestou assessoria ao grupo de trabalho coordenado por Paulo Freire com o objetivo de reorientar a escola pública da cidade de São Paulo. Realizou diversos seminários sobre suas experiências em teatro em Portugal, Dinamarca e França, sempre a convite dos governos desses países. É autora do livro infantil-juvenil *Pedrina e o Mar* e co-autora de Brecht no Brasil. (LOPES, Joana. *Pega Teatro* / Joana Lopes. – Campinas, SP; Papirus, 1989).

coerência. Percebo que essas experiências criativas com os alunos se tornaram aspectos fundamentais para uma boa formação tanto pessoal como profissional, criando uma conduta mais ética, um olhar crítico e cuidadoso nas relações estabelecidas, aguçando a sensibilidade e a criatividade, favorecendo o exercício do autoconhecimento, desde que realizado com maturidade e amadurecimento profissional.

Querido Manoel de Barros, movido por essas escolhas concebo esta investigação como o momento mais revelador da formação integral do educador, e faço da trajetória dessa pesquisa o caminho para a sua consolidação. Um abraço afetuoso de *Celso Solha*.

CAPÍTULO III – TRAJETÓRIA DA PESQUISA

O bom professor deixa sempre pairar um pouco de mistério, provocando no aluno o respeito diante do desconhecido e a curiosidade de saber mais. O Universo reduzido a um conjunto de leis e fórmulas inteligíveis a um adolescente seria, deveras, algo bem pobre... (LANZ, 2005, p. 96)

Nesse capítulo manifesto a minha inquietação com relação aos processos formativos nos cursos de formação de professores, de jovens e adultos em geral, tanto na graduação, quanto na especialização e nos cursos livres de Arte.

As graduações em Arte, nas suas diferentes linguagens, adotam um modelo de ensino tecnicista, sem qualquer conotação interdisciplinar. A publicação de Lima, Braz e Clementino, intitulada Arte, Cultura e Educação na formação de docentes: ilusão ou realidade? Retrata os resultados obtidos em uma pesquisa realizada por um grupo de pesquisadores coordenados pela Profa. Dra. Sonia Regina Albano de Lima. A pesquisa financiada pela FUNADESP em parceria com o Instituto de Pesquisas Aplicadas e Desenvolvimento Educacional (IPADE) concentrou-se em verificar como as Artes foram introduzidas nos cursos de formação de docentes e nos diversos bacharelados em Arte do Estado de São Paulo.

Teriam esses cursos adotado um padrão de ensino das Artes interdisciplinar, capaz de integrar todas as linguagens artísticas e repassar conteúdos artísticos articulados e interligados com a Cultura e a Educação? Estariam esses cursos atendendo as necessidades de uma sociedade que exige a participação intensa dos profissionais habilitados nas diversas áreas de conhecimento para resolver os problemas complexos do nosso dia-a-dia? Os resultados alcançados nesta investigação não foram satisfatórios:

Considerando-se o contingente expressivo de disciplinas voltadas para as Artes (59,07%), pode-se afirmar com segurança a preocupação tecnicista atribuída a esses cursos. Esta característica já tem sido apontada por inúmeros pesquisadores da área. Embora as artes tenham um componente técnico muito expressivo, pois são profissões voltadas para o *fazer artístico*, deve-se considerar a necessidade de inclusão de disciplinas nestes cursos voltadas para a educação, bem como aquelas, referentes à humanização e aprimoramento cultural, como fator impreterível para a melhor inclusão desse profissional na cadeia pedagógica-sócio-cultural. (LIMA et allium, 2012, p.114).

Uma formação tecnicista habilita um profissional com uma visão reducionista da Educação, um educador descomprometido e desiludido com a sua prática, capaz de transmitir um conhecimento descontextualizado e repetitivo, incapaz de responder aos anseios socioculturais presentes na humanidade, totalmente afastado de um projeto pedagógico interdisciplinar que privilegia uma postura docente impregnada de criatividade, ludicidade e inovadora. Como nos diz Lima et alium:

A compreensão exata do sentido do *fazer artístico* seria mais que necessária para que esse fazer não se transformasse em puro lazer. Ao *fazer e conhecer* arte, o aluno percorre zonas de cognição altamente subjetivas, comportamento que poderá ser incorporado às demais áreas do conhecimento. O aluno de Artes também desenvolve potencialidades da sua personalidade, bastante importantes, tais como: percepção, observação, imaginação, sensibilidade e convívio social. (LIMA et alium, 2012, p.115)

A citação acima me reporta novamente ao grande educador Paulo Freire (1996, p. 46), quando afirma que o docente deve criar condições para que o educando em suas relações uns com os outros e com todos, vivencie a experiência de se assumir como ser social e histórico, pensante, comunicante, transformador e realizador de sonhos. Nesse sentido, bem oportuno o relato que se segue:

Novas descobertas, novos espaços de conhecimento, novos questionamentos socioculturais, novos padrões de ensino exigem reconstrução teórica e prática da maneira de analisar as Artes e a Estética. O respeito ao vínculo das Artes com a construção intelectual, sociocultural e filosófica é que possibilitará a integração do pensamento artístico com as demais áreas de conhecimento, garantindo-lhes maior notoriedade e sentido. Sendo assim, a introdução do pensamento interdisciplinar em contextos artísticos é mais do que oportuno para o desenvolvimento da Arte e sua integração com os fenômenos culturais a ela circunscritos. Tal vínculo também se estende para a Educação e a Cultura, visto que ela é capaz de conferir aos fenômenos aí consubstanciados, maior expansão epistemológica e humanitária. (LIMA et al., 2012, p. 28)

Reverter o modelo pedagógico alienante apresenta-se mais do que necessário. As políticas públicas, as instituições de ensino, os pesquisadores e os agentes da Educação precisariam romper paradigmas antigos e ir ao encontro das propostas pedagógicas que fortalecessem o aprimoramento profissional e cultural de seus alunos.

Seria mais que necessário estabelecer um modelo de ensino nos cursos de formação docente, capaz de trabalhar as diversas linguagens artísticas de forma inclusiva e de maneira a se adequar às necessidades sociais, culturais e psicológicas dos indivíduos. Para isso algumas questões precisavam ser avaliadas, entre elas:

- a- A formação docente em Arte, especialmente em Artes Cênicas, reproduz um modelo de ensino que privilegia a formação integral do educando, valorizando prioritariamente a formação de um ser humano sensível, criativo e crítico?
- b- Existe um método de ensino artístico voltado para o Teatro que utiliza os jogos cênicos como uma das possibilidades de promover mais intensamente as manifestações artísticas de seus educandos?
- c- Existe uma metodologia de ensino voltada para o Teatro que permita a criação de um espaço escolar coletivo?
- d- Quais critérios e procedimentos metodológicos poderiam ser utilizados pelo docente para combater o ranço pedagógico advindo de uma pedagogia tecnicista que ainda circunda o ensino artístico?

Na tentativa de responder a esses questionamentos tracei uma trajetória que norteou a elaboração dessa pesquisa; ela concentrou-se nas aulas que ministrei ao longo da minha docência; na leitura das publicações de autores-parceiros; no rememorar das experiências profissionais que vivenciei na minha trajetória; na retomada de depoimentos de educandos coletados ao longo da minha carreira; nas categorias interdisciplinares motivadoras de uma ação docente eficiente e responsável.

Essa perspectiva de trabalho me fez pensar que um fazer teatral embasado nessa trajetória seria capaz de propiciar aos alunos um espaço de experiências capaz de tocar, formar e transformar os seres humanos em pessoas mais saudáveis, mais equilibradas e aptas para conviver em nossa sociedade. As mudanças necessárias já haviam sido programadas por Paulo Freire quando relatou:

Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a *franquia* de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha *franquia* ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e

consciente do inacabamento. Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. (FREIRE, 1996, p. 55).

Revedo as aulas que ministrei na minha trajetória profissional, escolhi 10 delas que me propiciaram criar 04 (quatro) princípios interdisciplinares básicos para a realização de um ensino artístico eficiente nas escolas, a saber: **Coletividade, Autonomia, Experiência e Alegria.**

Esses princípios poderiam ser utilizados em sala de aula como um modelo ativo para trabalhar conteúdos, ações e práticas fundamentadas nas categorias interdisciplinares, pois foram concebidos ao longo das aulas ministradas onde se consolidavam a sua construção e serão relatados em capítulo próprio:

O primeiro princípio previa a criação e a consolidação de um espaço escolar coletivo de convivência, cultural e lúdico que respeitasse a diversidade do grupo e despertasse nos educandos, o ser criativo, crítico e agente do seu tempo.

O segundo princípio estimulava a criação de um fazer teatral que privilegiasse as manifestações artísticas dos educandos, sua expressividade em todos os seus atributos e a autonomia no ato de aprender.

No terceiro princípio o docente deveria possibilitar ao grupo que esse fazer teatral se transformasse num local de experiências, de transformação, de sensibilização.

O quarto e último princípio privilegiava um fazer teatral lúdico, de jogo, de brincadeira, celebração do encontro e o compartilhamento das sensações, percepções e emoções em parceria, troca entre o educador interdisciplinar e os educandos. A minha intenção de trazer ao fazer teatral a interdisciplinaridade consolidou-se na fala que se segue:

[...] a interdisciplinaridade promove a reexploração das fronteiras das disciplinas, das ciências e das zonas intermediárias existentes entre elas, com o intuito de organizar os saberes e as parcelas de contribuição de cada uma das disciplinas. Ela sintetiza as diversas áreas em prol dessa unidade; para o benefício do ser humano de forma holística. (LIMA et alium, 2012, p.23)

A escolha das 10 (dez) aulas das quais extrai os 04 princípios interdisciplinares foram provenientes do diálogo que mantive com a Interdisciplinaridade, a Arte e com a minha experiência enquanto professor de Arte – Teatro.

CAPÍTULO IV – ARTE E EDUCAÇÃO: ENCONTROS DIDÁTICOS FORMATIVOS - A CRIAÇÃO DOS 04 PRINCÍPIOS INTERDISCIPLINARES NO FAZER TEATRAL

Para G. Gusdorf a ambiguidade é o território da interdisciplinaridade, pois o saber universal não está presente em um único indivíduo, mas no todo da humanidade. A representação do saber também não é totalitária, pois mostra parte do conhecimento, não a sua totalidade. Nesse sentido, a especialização é um contrassenso, pois o quanto mais o indivíduo se especializa em um único saber, mais se desagrega do saber da totalidade do conhecimento. Somente a interdisciplinaridade é capaz de repensar a desarticulação que a energia epistemológica provocou, reagrupando o que a análise dissociou. (LIMA, 2012, p.20)

4.1. AS PROPOSTAS

Ao educador que quer ser eterno aprendiz.

Querido educador

Quando formulei a proposição ao educador objetivei apresentar uma sequência didática para que houvesse a compreensão e a apropriação do processo criativo do fazer teatral, pois os procedimentos adotados e as atividades desenvolvidas formulavam um método, um modelo de ação que garantia os pontos fundamentais do fazer teatral, dos quais permeavam todo o exercício da expressividade proposto.

Inicia-se com a formação de um grupo, um coletivo que partilha as questões que suscitam essa prática, na troca, na parceria, no fazer junto, regidos por uma energia que envolve, contagia, reverbera em todos os participantes alinhados no olho recorrente em todas as proposições estabelecidas. Com criatividade deparamo-nos com o inesperado, espontâneo, autoral. Focado na proposta dada, nos enunciados elaborados e nos objetivos traçados pelo grupo, resgato e revisito o universo das experiências vividas pelos participantes e isso contribui para estabelecer uma ação coletiva definida e

atitudes interdisciplinares caracterizadas como “uma brincadeira séria”, um jogo, lúdico, cênico, teatral, dramático.

Reafirmo a necessidade de registrar essa ação educativa como elemento fundamental da minha formação docente, porém, fica claro que o legado dessas práticas não se estabelece com as aulas propositivas, mas com as ações e atitudes interdisciplinares que as executam. Deparei-me com um impasse, mas assumo o caminho de compartilhar essa construção, esse modelo interdisciplinar de fazer teatral.

Na sequência deste capítulo parto das propostas e estabeleço um mapa de ação docente para a costura e execução das atividades programadas no espaço de criação, o fazer teatral.

As propostas e os objetivos que subsidiaram a instauração dos encontros didáticos formativos, extraídos das aulas que realizei ao longo da minha trajetória foram assim definidas:

- Criar um fazer teatral que utilizasse o jogo (cênico, dramático, lúdico, teatral).
- Propor um espaço de convivência, artístico, cultural, lúdico onde as manifestações artísticas ali trabalhadas fossem capazes de desenvolver um ser criativo, crítico e participativo.
- Fomentar a formação de um educador interdisciplinar para o ensino das Artes em geral.
- Estabelecer o exercício da oralidade em grupo.
- Desenvolver a escrita, a leitura e o poder de análise do educando a partir da leitura de textos literários, textos dramáticos, relatórios e registros realizados pelos próprios alunos.
- Exercitar a elaboração de ideias e opiniões a partir do diálogo entre os participantes.
- Desenvolver a escuta sensível utilizando as categorias interdisciplinares (parceria, respeito, humildade, desapego e coerência).
- Motivar os educandos para trabalhar com a sua sensibilidade e com o corpo de forma expressiva, desenvolvendo relações de silêncio, palavra e movimento.

4.2. MAPA DE AÇÃO: ESPAÇO DE CRIAÇÃO - O FAZER TEATRAL

Na minha trajetória defini como espaço de ação docente o local onde se desenvolve a ação cênica, o jogo, o fazer teatral. Trata-se de um espaço de convivência, artístico, cultural, lúdico onde as manifestações artísticas desencadeadas despertam a criatividade, a participação coletiva, a autonomia e a expressividade dos alunos, alinhadas numa ação e atitude interdisciplinar do educador e educando.

Ele quebra o paradigma de um fazer artístico num modelo reprodutor de arte, instrumental e tecnicista, alicerçado há muito tempo, numa sala de aula encadeirada, possibilitando uma locomoção espacial que amplia a percepção sensorial e corporal dos participantes; concebe um ambiente mais acolhedor, evitando a intervenção e a sonoridade externa que dispersa, distrai e provoca a falta de concentração do grupo. Um ambiente com espaço livre, que amplia as percepções do indivíduo e do grupo.

A minha prática docente se constitui de 05 (cinco) momentos de ação, definidos após a apresentação do projeto de construção no semestre letivo:

1. A Chegada – O grupo se estabelece no círculo da roda inicial, define-se o coletivo do encontro. Quando é realizada a leitura do registro da atividade desenvolvida na aula anterior, o que permite o repasse e a memorização do caminho já trilhado; momento de um sentido ao trabalho de construção proposto, pois as observações, anotações e contribuições apresentadas pelo grupo são lidas e analisadas; evidencia-se a apropriação do aprendizado compartilhado por todos. Batizado como o momento do protocolo, o registro, o diário de bordo, o livro dos encontros.

2. Leitura do Texto de Partilha – O educador ou os educandos escolhem um texto literário de sensibilização, motivação e embasamento teórico das atividades, para uma reflexão do grupo. Trata-se de um momento de leitura e reflexão, análise e síntese, ação e reflexão, pontos estruturantes da nossa prática pedagógica.

3. O professor propõe atividades capazes de desenvolver no educando a concentração, a atenção, para dar ao grupo uma sintonia coletiva, um aquecimento corporal para a prática teatral através dos jogos lúdicos, cênicos, dramáticos, teatrais. Dinâmicas de grupo que instiguem o envolvimento integral do educando: o corpo, a razão e a sensibilidade. O educando inteiro, pleno na prática pedagógica.

4. O educador promove no grupo uma dramatização coletiva / encenação / interpretação. O exercício da expressividade e do trabalho cênico coletivo. O instante mais celebrado dos encontros didáticos formativos. A energia interpretativa na consolidação do ato criativo, artístico, teatral.

5. O professor realiza o momento da roda, quando são feitos os comentários, sugestões e observações das atividades desenvolvidas ao longo da aula e apresentados os caminhos subsequentes com todas as contribuições que o grupo possa sugerir e propor coletivamente. O momento da reflexão – ação; ação – reflexão que amplia o aprendizado adquirido. O ser crítico e criativo em permanente movimento.

Para auxiliar os professores que trabalham com as linguagens artísticas, principalmente os que atuam com o fazer teatral, condensei o meu trabalho docente em 10 (dez) seguimentos pedagógicos com objetivos previamente definidos, que denominei Encontros Didáticos Formativos. Esses encontros, que nada mais são do que a síntese do trabalho pedagógico que desenvolvi ao longo da minha carreira, me permitiu estabelecer os 04 princípios interdisciplinares que poderão ser empregados em um trabalho docente vinculado ao fazer teatral.

Cada um desses encontros contemplam leituras teóricas, aulas ministradas, ações e atividades que serviram para cumprir uma finalidade pedagógica específica para o fazer teatral e embora aqui estejam separados, podem ser utilizados pelo docente simultaneamente o que pontua mais evidentemente tratar-se de um trabalho docente interdisciplinar.

A leitura dos textos em cada encontro está pautada nos autores parceiros já esboçados ao longo da minha tese. Essas leituras pontuam o objetivo pedagógico abarcado e também vislumbra o aprimoramento cognitivo e sensorial dos alunos. Em todos os encontros deve ser valorizado o trabalho coletivo, o diálogo, a integração do grupo, as parcerias e as trocas que se estabelecem, como também, as dificuldades e os interesses que surgem nas situações experimentadas.

Reitero que o docente demonstre para o grupo a importância do registro das atividades realizadas, já que essa ação desenvolve a percepção, o senso crítico, as relações construídas neste espaço e o desenvolvimento da linguagem escrita, ponto fundamental na construção da expressividade plena do educando.

No encontro inaugural é prevista a exposição das ações e das atividades artísticas que serão desenvolvidas durante o semestre letivo; o docente promove um diálogo com o grupo no intuito de apresentar os procedimentos metodológicos, os

critérios de avaliação e as leituras que serão efetuadas. A partir dessas práticas pedagógicas pude desenvolver um modelo de ensino da Arte, especificamente de Teatro, com ação e atitude interdisciplinar provocado pela proposição de Viola Spolin;

As oficinas de jogos teatrais são úteis ao desenvolver a habilidade dos alunos em comunicar-se por meio do discurso e da escrita, e de formas não verbais. São fontes de energia que ajudam os alunos a aprimorar habilidades de concentração, resolução de problemas e interação em grupo. (SPOLIN, 2007, p. 29).

Formulei um texto de referência que embasa todos os procedimentos adotados e permeiam as práticas dadas. Este texto que destino ao educador interdisciplinar de Arte, especialmente de Teatro, traduz e define de uma maneira definitiva esse processo criativo. O encontro inaugural entre o educador e o educando. Peço que leia com atenção e aproprie-se integralmente de sua proposta:

Caro leitor, educando interdisciplinar,

Aqui é o momento da Arte, da Educação e dos encontros didáticos formativos – uma construção minuciosa que exige tolerância, escuta sensível, olhar aguçado, diálogo e muita energia interpretativa na construção do aprendizado através do fazer teatral. Seja bem-vindo ao nosso encontro do aprender e ensinar permanentemente.

A apresentação do fazer teatral nas aulas se dá nos encontros iniciais. Hora de definir claramente as pedras fundamentais; de instigar os educandos, mobilizando-os com as “pedras” escolhidas.

Vamos fortalecer o **GRUPO**, o coletivo, as diferenças, outros olhares. Isso é fundamental na nossa formação de educando e educador e na execução dos encontros formativos. Teatro é coletivo, é grupo, é trabalhar com o outro.

Mantenha a **ENERGIA** viva! Sempre! Olho no olho! Olho vivo! Você atinge a expressividade plena com a energia selada entre palco e plateia, ator e público, quem faz e quem assiste. A energia é fonte geradora de envolvimento, troca e relação entre os participantes. Você deve saber muito bem. Currículos melhores, piores e iguais aos nossos estão aí! É o olho no olho que faz a diferença no contato, nas relações! É importante o educando perceber isso.

Que tal provoca-los com ideias diferentes para as atividades propostas? A **CRIATIVIDADE** é um exercício diário - acredito que não tem a ver com o talento. É mais vocação, busca, determinação e dedicação.

A **EXPRESSIVIDADE** é o que nos conecta com o mundo. Deixe fluir a espontaneidade, a naturalidade, a sua maneira de se expressar livremente, com improviso e originalidade. Todos nos sentimos ameaçados diante da difícil situação de falar em público. Enfrente-as.

Teatro é um ato de coragem. Colocar-se em um determinado grupo, expor-se; é autoconhecimento, descoberta, aprendizado. Não percam esta oportunidade.

Teatro é **OBJETIVO** - objetivar uma ideia a ser transmitida com início, meio e fim, construir um personagem, uma história. Sem objetivo não se chega a lugar nenhum. É importante estabelecer objetivos nas atividades propostas.

O grande mestre Augusto Boal nos ensinou que não existe o reino da criação onde só os escolhidos reinam absolutos! Buscamos nossas **EXPERIÊNCIAS DE VIDA** na nossa **VIVÊNCIA**, o material inesgotável para a jornada de vida; criando, relacionando-se, conhecendo, aprendendo, ensinando e provocando a mudança como nos ensinou Paulo Freire, Ivani Fazenda, Augusto Boal, Viola Spolin e outros tantos autores que não devemos deixar de estudar, pesquisar, dialogar e **reinventar**! Afinal o Teatro é um **JOGO** de todos esses elementos, ingredientes de vida que povoa o nosso dia a dia, transformando-se e transformando-nos!

Educador, descobrimos, ao burilar essas pedras, a cultura da nossa gente e vivemos a Arte, o Teatro, essa gostosa brincadeira - uma **BRINCADEIRA SÉRIA**, muito séria!

A melhor apropriação do aprendizado acontece nos espaços de **DIVERSÃO**. É isso que a Educação pede de nós: **DIVERSÃO E IMAGINAÇÃO CRIATIVA**.

Diversão é a brincadeira mais séria que os nossos encontros didáticos formativos de teatro podem proporcionar na construção de um ser humano pleno e feliz. Desejo muito que você aceite este convite: Vamos juntos nessa aventura! Colocar parte por parte do todo, letra por letra, pedaço por pedaço ao inteiro, esse é o sentido da reconstrução do eterno saber. A atividade começa agora, e como estamos no teatro, uma saudação teatral e usual desta coletividade – “Merda!”

Esse texto retrata o diálogo do educador com o educando e define os pontos fundamentais desse modelo de ensino, e com eles seguiremos a nossa jornada.

Vamos dar início à apresentação dos dez encontros pedagógicos; tanto o primeiro, como o segundo e o terceiro estabelecem um conjunto de ações, atividades, leituras e aulas programadas com o intuito de difundir um fazer teatral interdisciplinar e demonstrar a importância de um trabalho coletivo, a partir de atividades e jogos de integração e da leitura de textos. Aqui o docente deve trabalhar com o grupo, a expressividade, a espontaneidade, utilizar jogos de improvisação, concentração e dinâmica de grupo capazes de assegurar uma prática teatral coletiva, como também, promover experiências criativas compartilhadas em grupo, num exercício da expressividade dos educandos.

Deve demonstrar para a classe, a importância do registro das atividades realizadas em cada ação ou aula dada. As leituras aqui realizadas podem demonstrar a importância da sensibilização para a ação teatral.

Na composição deste fazer teatral e deste espaço de ação cênico o professor poderá utilizar cubos, retângulos, divisórias, panos, objetos e adereços, papel, jornal, fita crepe e aparelho de som, o que propicia um ambiente mais adequado ao ato criativo, à interpretação e à encenação.

A participação nas atividades com uma roupa confortável é necessária, assim como os pés descalços que aguçam a percepção corporal de todos os processos vividos em aula, fortalecendo o movimento de ensinar e aprender que caminham lado a lado e as categorias interdisciplinares (Coerência, Espera, Respeito, Humildade, Desapego) que são colocadas à prova, juntamente com as categorias de ação de Freire (Autonomia, Grupo, Alegria, Diálogo, Criticidade, Emancipação, Parceria, Participação entre outras).

Tem início a ação dramática. No primeiro encontro a ação do docente enfatiza, instiga e provoca o grupo. A ação corporal. O corpo que vê, sente, faz e ouve. Como o corpo participa da dramatização sem a utilização da palavra e o trabalho corporal é realizado como uma extensão cognitiva e emocional do fazer teatral. Evidencia-se que o corpo fala no silêncio e em outros espaços. Apresentam-se para cada situação dramática os seus três elementos constitutivos – QUEM – O QUE – ONDE que o docente promove nesta atividade, definindo os conflitos de ação.

As leituras realizadas são norteadas para definir a importância da partilha no processo artístico e da participação do corpo para entender o sentido do ver, sentir, ouvir e fazer. Nesse seguimento a leitura do livro de Pierre Weil e Roland Tompakow - *O corpo fala – a linguagem silenciosa da comunicação não verbal* parece fundamental, instigante e provocadora:

O Corpo Fala sem Palavras

Pela linguagem do corpo, você
 Diz muitas coisas aos outros.
 E eles têm muitas coisas a
 Dizer para você.
 Também nosso corpo é antes de tudo
 Um centro de informações para nós mesmos.
 É uma linguagem que não mente,
 E cuja estrutura é demonstrada
 Nas páginas que você tem agora
 Em suas mãos.
 Eles darão a você uma nova
 Dimensão na comunicação pessoal.
 [...] Pois todo ser humano tem que lidar
 Consigo mesmo e com os outros. (1975, p. 05)

No segundo e terceiro encontros o professor necessita ampliar os processos de articulação de ideias e elaboração de discursos analíticos, reflexivos e sintéticos; provocar na classe o autoconhecimento, a autoestima, uma mudança de atitude em relação ao grupo; envolver o corpo de dentro e de fora da ação dramática como um fator de ampliação e apropriação do espaço cênico.

Os procedimentos estabelecidos anteriormente são repetidos para a estruturação das propostas pedagógicas, como a leitura do registro e do texto de partilha, etc. O grupo deve criar, com autonomia, a dramatização voltada ao objetivo / foco da proposta dada. Observa-se após esses três encontros que se consolidou dentro do grupo, uma ação coletiva consistente, com parceria, diálogo; cada integrante se apropriou desse processo de aprendizado de uma maneira autônoma, porém com os olhos da coletividade. Acredito que seja a maturidade da autonomia do indivíduo compartilhada com a ação conjunta da coletividade que estruturam e estabelecem os eixos, os princípios norteadores dessa prática pedagógica; vamos dar sequência aos dez encontros pedagógicos.

No quarto, quinto e sexto encontros trabalham-se a palavra e a vivência pessoal de cada elemento do grupo para fortalecer mais a construção no coletivo. A palavra torna-se algo vital e fundamental na cena; ela é introduzida com a sua força motriz,

precisa, cirúrgica, integral e completa. O diálogo com a palavra se insere nas propostas pedagógicas nesses encontros didáticos.

Permanecem as proposições das aulas anteriores de personagens, intenções, elementos cênicos provocativos para a composição das cenas. O fazer teatral coletivo com “intimidade cênica”, ou seja, energia e olho no olho. Para tanto recorro à obra de Joana Lopes *Pega Teatro* que retrata (1989, p. 21): o teatro como uma prática de educação da criatividade e da expressão dramática é uma das formas de relacionamento teatral entre grupos. Para isso, não necessitam ser particularmente grupo de artistas ou escolares: é uma vivência para todos que, tradicionalmente espectadores, queiram reconhecer sua teatralidade, levando-a a uma composição poética.

Compartilho com Lopes quando afirma que esse fazer teatral se configura como prática de educação popular – o que significa também dizer de arte popular. Reafirma Lopes (1989, p. 21): Teatro é livre educação, se comparado às formas de transmissão de conhecimento utilizadas nas escolas curriculares. Ele, como arte, tem a sua própria organização, como também terá seus próprios métodos. Pensado dessa forma parte-se do princípio de que todos temos capacidade de dramatizar e que seremos nós, os atuantes, a primeira fonte de informação e criação. Entendimento compartilhado com Spolin que nos apresenta a mesma provocação e definição.

Retomo o que diz Lopes (1989, p. 23): Teatro não é giz nem quadro-negro. Ele é jogo dramático que abre uma perspectiva de educação para quem faz e quem o assiste. Por ele flagramos a realidade e podemos chegar a compreender que ele é um universo tão versátil como nós, atuantes de uma história que se desenvolve lentamente em todos os níveis de demonstração da vida humana.

Nesses seguimentos práticos do processo dos encontros didáticos essa construção se faz necessária para dar uma sustentação aos exercícios propostos, afinal a experiência e o repertório pessoal ocupam e estabelecem nessas atividades um sentido ao aprendizado apropriado, afinal há uma coletividade que assume a autonomia do seu aprendizado e possibilita espaços de experiências significativas com prazer. Trata-se de uma busca permanente de todos os envolvidos nesse processo criativo; razão de ser desse modelo de ação, dessa prática teatral.

No sétimo e oitavo encontros serão trabalhados as cenas teatrais com a criatividade, ousadia, o inusitado, o recorte abstrato. “O Ato Intuitivo”. As atividades práticas propostas se caracterizam por elementos fictícios, ruídos sonoros, sons inteligíveis que não nos remetem a nenhum elemento concreto, seja personagem, lugar,

ou um conflito na ação. São estímulos para que a imaginação criativa se manifeste no coletivo, porém se mantêm todos os procedimentos adotados nos encontros estabelecidos anteriormente.

Percebe-se um mergulho dos participantes na atividade com descontração, motivação, humor, alegria e confiança no ato criativo que emerge. É esse o sentido, a função, o foco do processo proposto, pois se fortaleceu ao longo dos encontros essa ação criativa, individual, própria de se assumir como ser criativo, condição inerente ao nosso processo criativo. Parafraseando Ostrower, é essencial ao ser livre ocupar o seu espaço de vida, com consciência de si. Criar é tão difícil ou tão fácil como viver e é do mesmo modo, necessário.

No nono encontro buscamos a construção da encenação ensaiada a partir de um texto escolhido, objetos definidos, personagens em ação e reação; os grupos trocam entre si as propostas a serem dramatizadas. O foco da proposta é estabelecer uma cena, apresentar um conflito, definir o espaço cênico e apresenta-la com uma proposição, um desenvolvimento e o desenlace de cena, respeitando o recorte dado pelo coletivo.

O último e 10º encontro presentifica-se com a apresentação do trabalho teatral realizado ao longo do semestre letivo, observando que os procedimentos devem ser mantidos; as aulas se complementam ao todo, utilizando todo o processo desenvolvido a partir de: sem a palavra – o diálogo – construção de cena – estímulos e expressões – montagem de cena inteira – apresentação do processo criativo coletivo.

Observo que nas ações, nas atitudes docentes na construção da minha prática pedagógica, nessas dez aulas programadas se originaram alguns elementos que funcionam como eixos de ação, como princípios norteadores dessa prática, os quais os denominei de 04 (quatro) princípios interdisciplinares que consolidaram uma prática pedagógica que desenvolvo em diferentes instituições de ensino e que podem auxiliar os docentes que ministram aulas de Arte nas escolas, principalmente as que envolvem o fazer teatral.

Nesse diálogo permanente e revelador com os depoimentos recebidos trago para a reflexão o registro de Marjorie Prado Junqueira de Faria, aluna do curso de Direito / FAAP falando sobre o processo desenvolvido nas aulas de Teatro em poesia e lucidez;

*A aula de teatro é mais que encenação
É energia em muito multiplicada
Através dos encantos do coração
Transposta no corpo e nos gestos*

*Forma ligeiro a roda dos poetas
Cujas utopias encontram-se escondidas
No âmagô que se revela nas linhas
Dos marcados textos de partilha.*

*Desperta-se a tímida sensibilidade
Ao andar sem rumo por todo salão
Desvendando ângulos e limites
Com os pés descalços no chão.*

*E o esperado jogo do “olho no olho”
Forma instigante jamais vista antes
De conhecer todos os presentes
Interagindo na atitude seus semblantes.*

*A brincadeira do zip, zap, boing
É uma alusão divertidíssima da bola
Do qual alguns aproveitam as formas
De comedidamente “trocar as bolas”*

*As cenas tão rápidas improvisadas
Encaixam-se assim, perfeitamente
Nas palavras não tão pronunciáveis
Que deságuam no delírio da mente*

*O círculo dos comentários por fim
Encerram a aula da “brincadeira séria”
Unânime é a experiência compartilhada
De fazer da vida uma deliciosa pilhéria*

*Inesquecível professor Celso Solha
Ensina com a maior maestria
Sem os códigos escritos em folha
O ser humano, sem cair na monotonia.*

É imprescindível nesse percurso de formação estabelecer no próximo capítulo a formulação dos quatro princípios norteadores interdisciplinares concebidos a partir dos encontros didáticos formativos e que solidificaram o método de ensino interdisciplinar de Arte - Teatro.

Compreendo que esse movimento de construção requer uma força motriz, um eixo vital que se constitui numa ação e atitude interdisciplinar que se calca em quatro princípios norteadores, cujas costuras foram estabelecidas ao longo das práticas, das vivências, das experiências compartilhadas no coletivo. No diálogo com Paulo Freire, as categorias de ação formuladas, sedimentam essas práticas como movimentos de ação e criação imprescindíveis à prática educativa que deseja um educando crítico, criativo, participativo. Nessa direção mergulho na formulação desses quatro princípios interdisciplinares norteadores do fazer teatral.

CAPÍTULO V. OS QUATRO PRINCÍPIOS INTERDISCIPLINARES

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.
 Não gosto das palavras
 fatigadas de informar.
 [...] Entendo bem o sotaque das águas
 Dou respeito às coisas desimportantes
 e aos seres desimportantes.
 [...] Tenho abundância de ser feliz por isso.
 Meu quintal é maior do que o mundo.
 Sou um apanhador de desperdícios:
 [...] Porque eu não sou da informática:
 eu sou da invencionática.
 Só uso a palavra para compor meus silêncios.
 (BARROS, 2006, p.15).

Ao longo das atividades apresentadas observo a relevância de elementos e aspectos do trabalho que poderiam se configurar como princípios norteadores da minha prática docente interdisciplinar; porém 04 (quatro) deles serão aqui abordados, pois os considero essenciais no exercício e apropriação desses processos criativos e de formação interdisciplinar.

Para a formulação desses princípios foram importantes as leituras de autores de diferentes campos do conhecimento; embasei-me em Carl Rogers, na obra *Tornar-se pessoa* (2009) onde o autor apresenta a importância de valorizar o universo humano, como a sensibilidade e as relações humanas; as técnicas de dinâmicas de grupo as quais fortalecem as relações interpessoais nos processos criativos em construção.

Escolhi a pedagogia waldorfiana que reforça o olhar holístico do educando de uma maneira vital, proporcionando à criança e ao jovem o desabrochar de todas as capacidades: física, emocional e espiritual do ser humano, dando-lhes um sentido existencial com uma visão ampla do mundo; recorro a Lanz (2005, p. 50) quando afirma que a função do professor é basicamente trazer o mundo para dentro da sala de aula. É esse o verdadeiro ensino. Cada dia de aula deveria ser para os alunos uma série de vivências que lhes despertassem a admiração, o entusiasmo diante das maravilhas do mundo, da História, da matemática, etc...

A proposta instigante de Peter Slade e a sua concepção dos jogos dramáticos que fortalecem as dramatizações e o material dramático das atividades de expressão artística também foram importantes para mim; como também a leitura de textos específicos que abordavam a importância da ludicidade, da experiência significativa, conforme relatado por Larrosa¹⁶ (2011); a importância do ato de brincar nos espaços escolares, a brincadeira suscitada nos exercícios de interpretação de histórias e personagens que fortalece nossa imaginação criativa.

Contudo, as obras de Viola Spolin intituladas *Improvisação para o Teatro* (1978), *O Jogo Teatral no livro do Diretor* (2001), *Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin* (2001), *Jogos Teatrais para a sala de aula: um manual para o professor* (2007) foram fundamentais para alicerçar a minha prática docente e no processo de construção dos 04 (quatro) princípios interdisciplinares.

Acrescento a esta trajetória as leituras de Eugenio Kusnet (1975), com a sua obra *Ator e Método* onde relata uma sequência didática criativa no ato de interpretar e na construção do universo da personagem, corpo, voz; a obra de Augusto Boal – *Teatro do Oprimido*, Joana Lopes (1989), Antonio Januzelli (1986) autores parceiros com larga experiência criativa no campo da interpretação, improvisação, expressividade e dramaturgia, o lugar das mais intensas pesquisas na arte de interpretar com contribuições essenciais no campo da Arte, do Teatro e da Educação.

Para a compreensão, aplicação e execução desse modelo de ensino de Arte é fundamental apropriar-se dos quatro princípios norteadores com bases interdisciplinares da prática docente: Coletividade – Autonomia – Experiência – Alegria.

5.1. COLETIVIDADE

A linguagem não é mais um instrumento, não é mais um meio; é uma manifestação, uma revelação do ser íntimo e do lado psíquico que nos une ao mundo e aos nossos semelhantes... [...] Assim sendo, a linguagem é um elemento constitutivo da realidade humana, que somente tem sentido no contexto da experiência humana global (FAZENDA, 2003. p. 31)

¹⁶Jorge Larrosa Bondía é Doutor em pedagogia pela Universidade de Barcelona, Espanha onde atualmente é professor titular de filosofia da educação. Publicou diversos artigos em periódicos brasileiros e tem livros traduzidos para o português. Foi doutorado na Universitat de Barcelona, UB, Espanha. Título: Interdisciplinarietà y Pedagogía. Cuestiones Epistemológicas. Ano de obtenção: 1990. Orientador: Josep Puig Rovira. (<http://lattes.cnpq.br/3063531902259314>)

Desde o primeiro momento das práticas pedagógicas destaco a importância do trabalho coletivo, o respeito à diversidade e o papel do grupo para uma experiência humana significativa.

Mergulhei na leitura dos escritos de Fazenda atentamente, desde o momento que percebi, dentre outras coisas, que o aprendizado não se faz sozinho, se estabelece com a linguagem, compreendendo-a como uma manifestação reveladora de si, que nos une ao outro e ao mundo. É preciso a mediação, o olhar do outro, um caminho de tese e antítese formulado pela palavra; assim como a mestra nos diz, que a palavra preenche a vida, não há vida social, apesar da ambiguidade: o que cala no silêncio e o que ela nos diz, porém só tem sentido na ação.

Penso que a Arte, especificamente o fazer teatral traduz com toda a latência essa concepção, pois é na ação do coletivo que ele se concretiza, pois envolve a atuação, a palavra, o silêncio, o “olho vivo” dos que fazem e dos que assistem.

É preciso conceber a COLETIVIDADE como um princípio norteador dos encontros didáticos formativos, pois é a força da ação coletiva que garante um embasamento na prática individual que se fortalece no grupo.

Essa ideia se aproxima dos ensinamentos de Paulo Freire, que ao iniciar os seus estudos com o exercício de “formar sentenças” com a escrita de duas ou três palavras, intuitivamente desenvolvia a prática da oralidade e expressividade, constatando que ao invés de decorar os verbos era preciso viver os verbos, afinal o “eu sou” em si, na pura recitação do tempo verbal não é coisa nenhuma, numa citação de Gadotti (1989, p.21).

É o que o fazer teatral provoca: uma aproximação íntima com o exercício da expressividade no ato criativo coletivo, dentro dos seus pontos principais, das suas “pedras fundamentais”, nas quais, o grupo é um elemento constitutivo, pois aproxima as diferenças que formam o todo, e todas as manifestações que abarcam esse exercício de cumplicidade e parceria. Reporto-me ao que nos diz o orientando Marcos Clóvis Fogaça:

Às duas da manhã era a hora marcada para estar na rodoviária, deixar Ribeirão Branco e partir para a capital. Assim foram os meus sábados de 2010. Especializar-me na Universidade de São Paulo foi pessoal e profissionalmente uma enorme satisfação, um momento de entender melhor as linguagens da arte e como elas se articulavam com o currículo. [...] No primeiro encontro o Celso nos ajudou a pensar sobre o que escrever, lançar questões que pudessem gerar reflexões, escolher caminhos para trilhar uma

pesquisa de significados, pulsante. Nesse momento tive muitas dúvidas! Gostaria de falar sobre o teatro, mas não sabia exatamente o que, pensava em algo que pudesse contribuir para a minha prática, para o meu trabalho como professor de teatro.

Refletindo sobre o que eu já havia feito com teatro, lembrei-me dos alunos de Ribeirão Branco e das dificuldades que enfrentávamos para apresentar as nossas peças e familiarizar os alunos e a população com as artes cênicas. Decidi então falar sobre esse meu grupo de teatro, a Companhia Engenhoca Teatral, saí do primeiro encontro com um esqueleto de pesquisa, era hora de pensar... [...] Escrever uma monografia deveria ser um dever de todo educador, pois quando olhamos criticamente para a nossa prática percebemos nossos erros, os acertos e como melhorar. Quando iniciei a minha introdução fui buscar livros que embasassem o meu trabalho, autores que já tivessem pesquisado sobre o meu assunto. Nas leituras percebi que o meu projeto com teatro em Ribeirão Branco estava no caminho certo. [...] Com muito compromisso com seu trabalho o Solha me deu uma devolutiva cheia de questionamentos para melhorar a minha escrita, e a partir da introdução fui escrevendo a minha história com a Companhia Engenhoca Teatral, buscando relatos, registros e autores para embasar a minha prática, e Solha estava sempre atento ao percurso, sugerindo, corrigindo, orientando.

[...] Durante o processo eu revisei muito as minhas práticas, os erros, os acertos e fui escrevendo sobre o fazer teatral na cidade de Ribeirão Branco, as possibilidades de formação de plateia e as dificuldades que o teatro encontra para nascer e se fortalecer nos pequenos centros.

[...] Escrever, encaminhar, receber, reescrever, assim foi todo o percurso da escrita, até chegar ao ponto final. Eu olhava para a minha monografia e tinha orgulho dela, afinal eu estava registrando o meu trabalho, hoje quando eu releio o que eu escrevi vejo que muitas das ideias ali se perderiam no tempo.

[...] Quando apresentamos a monografia para o pequeno grupo ganhamos autonomia, um colega de curso aprendia com o outro, e eu não vou esquecer-me das palavras do orientador após a minha apresentação: disse que o meu trabalho era bom, que tinha uma força, mas a minha apresentação para o pequeno grupo de orientandos parecia um pedido de desculpas, eu estava inseguro, desacreditando da minha monografia. Isso foi o suficiente para eu abraçar a apresentação como um desafio e mostrar que o meu trabalho tinha a sua relevância.

[...] Hoje, 3 anos depois de ter finalizado o curso, vejo que muita coisa mudou na minha prática após a feitura da monografia. Percebo que a escrita é de extrema importância para o trabalho do professor, pois muita coisa se perde no tempo, e a escrita permanece, então todo projeto desenvolvido, toda experiência que tenho eu registro. Acredito que isso ainda será muito útil, para um futuro mestrado ou coisas do gênero.

[...] Da especialização nas Linguagens da Arte eu sempre digo que a escrita e a orientação para a monografia com o querido Celso Solha, foi sem dúvida onde eu mais aprendi, onde eu mais ganhei suporte para o meu trabalho profissional. (Marcos Clóvis Fogaça, orientando da pós-graduação USP / Maria Antonia, educador, diretor teatral – depoimento escrito).

O educador interdisciplinar deve se aventurar nesse diálogo com o outro em todos os momentos de sua prática. Encorajar-se nesse processo de libertação do educando, de autoria na relação com o outro; estabelecendo na instituição de ensino o espaço da coletividade, da liberdade de expressão, e o ser criativo em ação de grupo a partir dos exercícios práticos, do estudo de textos propositivos literários e dramáticos, de pesquisa na linguagem cênica, do estudo e fazer teatral na educação.

Parafraseando Gadotti (GADOTTI, 1989, p. 29) estudar seriamente um texto é estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu; é perceber o **condicionamento histórico-sociológico do conhecimento**; é buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins do conhecimento. Estudar é uma forma de reivindicar, de recriar, de reescrever – tarefa de sujeito e não do objeto. Não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las, assim como fazemos no teatro, na educação, através das práticas e procedimentos adotados.

Augusto Boal (BOAL, 1975, p.136) nos diz: no meu livro *200 exercícios e jogos para atores e não atores com vontade de dizer algo através do teatro* sistematizei diversas séries de exercícios que podem ser utilizados nesta etapa. Creio, porém, que é sempre conveniente propor um exercício e ao mesmo tempo propor que os participantes inventem outros. É importante manter uma atmosfera criadora: todos estão criando, os que ensinam e os que aprendem. Todos devem inventar.

Acredito que isso valida o ato educativo como o encontro de si com o outro na concretização de algo comum.

Sensibiliza-me essa citação do Centro de Teatro do Oprimido de Augusto Boal na obra “*Augusto Boal, a estética do oprimido*”:

Augusto Boal foi um homem de coletivos, um semeador de multiplicadores. Ensinava aprendendo e aprendia ensinando, num constante processo de criação. Além de sua fundamental contribuição para a criação de uma dramaturgia genuinamente brasileira no Teatro de Arena de São Paulo, criou o Teatro do Oprimido que é um dos métodos

teatrais mais praticados no mundo, presente em todos os continentes, através do trabalho de milhares de praticantes. (BOAL, 2009, p.11).

É fundamental o diálogo permanente com esse autor-parceiro, caro leitor.

Observo o que aponta (LANZ, 2005, p. 118) a respeito da ação docente - Nunca devem cair numa rotina didática, considerando sua matéria como definitivamente assimilada e perfeita para ser transmitida aos alunos. A autocrítica constante e até uma dose de frustração são, pois, a atitude mental constante de todo professor. Ele vive comparando a aula realmente dada com o ensino tal como sonhava ministra-lo. Penso que as relações em sala de aula se configuram como um organismo onde todos vivem e trabalham em função do todo, mas também de todos os outros. Os problemas de um são problemas de todos. Lanz nos diz que só quem fez essa experiência sabe apreciar o que significa semelhante espírito comunitário.

A coletividade estrutura a nossa ação educativa, alicerça os procedimentos metodológicos, norteando a nossa prática pedagógica.

Educador interdisciplinar fique atento e rigoroso nesta direção e faça as articulações que estreitem essas relações estabelecidas em grupo e que constitui um dos princípios norteadores, afinal, coletividade deve estar sempre presente nas atividades propostas.

O segundo princípio reporta-se a:

5.2. AUTONOMIA

Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros (FREIRE, 1987, p.58; apud Dicionário Paulo Freire, 2009, p. 377).

A autonomia nos escritos de Paulo Freire está sempre presente e fortalecida. Ela deve permanecer viva no dia a dia do meu caro educador interdisciplinar, pois a autonomia é uma conquista, uma apropriação do conhecimento, a formação do ser integral.

Aponto também para as contribuições da mestra Ivani quando nos fala da sala de aula interdisciplinar. Ela relata que na sala de aula interdisciplinar a autoridade é conquistada, na outra é simplesmente outorgada. Numa sala de aula interdisciplinar a

obrigação é alternada pela satisfação, a arrogância pela humildade, a solidão pela cooperação, a especialização pela generalidade, o grupo homogêneo pelo heterogêneo, a reprodução pela produção de conhecimento. Numa sala de aula interdisciplinar existe sempre um ritual de encontro no início, meio e fim (FAZENDA, 2003, p. 70).

Leio com atenção os recortes das “*cartas ao educador*” e os depoimentos que recebi, os quais relatam as experiências vivenciadas ao longo do trabalho desenvolvido com o fazer teatral e das orientações e provocações apresentadas que reafirmam a autonomia como um dos princípios norteadores:

E hoje, mesmo não pisando mais em um palco, sinto o eco, a trombeta, a sinfonia das descobertas feitas em 1995, em meus quase 15 anos... Não sabia, mas talvez pressentisse já a genialidade deste processo de criação, legitimando a voz do jovem. Um educador que se mostra em sua inteireza, inclusive com uma ternura paterna, mas sem nenhum paternalismo, sem postura de mestre vaidoso. Numa relação de alteridade que conduziu tantos jovens a descobrir a própria vida. Um Teatro que não se encerra em suas coxias, mas que revela o palco da vida. Cada colega buscou e seguiu os próprios anseios. Mas sem dúvida o ambiente de criação do Projeto forneceu ferramentas para os jovens conhecerem um tipo de cultura (Teatral), para se conhecer e (re)conhecer o outro. (Cyntia Medeiros, aluna do Projeto Criação - depoimento autoral escrito).

Essa lucidez apontada no texto de Cyntia Medeiros traduz a apropriação consciente do processo educativo e o sentido pleno da autonomia a partir das aulas dadas, que compuseram os encontros didáticos formativos.

No outro recorte que apresento percebe-se a elaboração e a articulação do aluno Ademir de Almeida na construção do seu aprendizado, observando o exercício de mediação do educador nas práticas apontadas nos encontros que garantem a autonomia do conhecimento;

Foram nessas aulas que um dia me dei conta de algo incrivelmente poderoso: no teatro era possível materializar absolutamente qualquer coisa. Era possível criar e recriar mundos, dar vida a qualquer personagem, fosse ele humano, animal ou monstro, era possível convocar exércitos, fazer guerras, coroar e derrubar reis, ir para outros planetas, ressuscitar mortos... Não havia limites. A não ser a nossa própria capacidade de imaginar. Daquele

instante em diante o teatro se tornou, de vez, parte da minha vida. (Ademir de Almeida, ator e fundador da Brava companhia - depoimento documental escrito).

E para complementar a proposição da autonomia como princípio norteador fundamental no processo ensino-aprendizagem, nas atividades propostas e orientações da pós-graduação; cito o que nos diz o orientando Diego Félix Miguel no depoimento elaborado a partir do curso de pós-graduação – especialização – USP – Maria Antonia na parceria com o orientador.

Na época, eu mantinha um blog no qual descrevia todas minhas experiências com os processos artísticos de idosos em diversos grupos que atuava como arte educador, porém desde o início da minha trajetória na especialização, eu o havia deixado de atualizá-lo e com isso caiu-me no esquecimento.

No processo de orientação, diante das tentativas de reaproximar-me da essência presente nos encontros criativos que eu já tinha vivenciado, o Profº Celso Solha enviou-me um e-mail dizendo-me que havia visitado meu blog e que era “aquele Diego” que precisava estar presente em minha monografia. Mostrou-se um orientador ousado e que não media esforços para potencializar esse processo que muitas vezes pode ser desgastante pelos mistos de ansiedade e teorias.

Seguindo suas sugestões, revisei minha história, busquei os artigos do blog e as anotações das percepções que tive em cada encontro dos grupos que atuei e a partir dessa releitura encontrei o caminho que queria percorrer, com muito mais proximidade com aquilo que acredito e que fazia sentido para minha formação. A figura do orientador foi fundamental, sempre apresentando possibilidades e os potenciais presentes da construção desse diálogo. Propondo algo inovador, outros pontos de vistas.

Caro educador interdisciplinar, que tal acreditar nas possibilidades de assumir o seu caminho, apropriar-se do aprendizado com autonomia?

Siga nessa direção buscando fortalece-la para que as práticas desenvolvidas possam despertar nos educandos, educadores e todos os envolvidos o aprendizado e a apropriação do conhecimento em Arte. Os autores-parceiros testemunham o caminho.

Os ares interdisciplinares nos trazem o terceiro princípio.

5.3. EXPERIÊNCIA

Mas, enfim, o jogo está aberto e cabe a vocês agora entrar nele. Com suas palavras, com suas ideias, com seus sentimentos. Também com suas experiências. Talvez este livro possa ser, para vocês, uma experiência de linguagem, de pensamento, de encontro. Só me resta desejar-lhes que a travessia seja longa e fecunda e que, independentemente de que possam (ou não) aprender algo que não sabem, independentemente de que este livro lhes possa ser (ou não) de alguma utilidade, algo lhes passe no caminho. A vocês. Talvez (LARROSA, 2011, p. 26)

Afirmo como são enriquecedores os diálogos com os caros Boal e Larrosa, trazem o sentido e o significado do aprendizado, são autores-parceiros permanentes da minha trajetória, que nos seus escritos, cartas inspiradas e recheadas de estudo falam de experiência, sentido, o que nos toca, o se formar, e principalmente o transformar a si mesmo, os outros e o mundo. Este princípio norteador dos encontros didáticos formativos suscita muitas abordagens. Parece que a experiência abarca várias questões no âmbito do ensinar e aprender e a sua apropriação válida e valoriza o ato educativo.

Larrosa (2011, p. 4) instiga nosso entendimento quando nos diz que [...] faz parte da estratégia geral dedicada a fazer soar a palavra experiência, a mostrar algumas de suas dimensões [...] é dar certa densidade à experiência e mostrar indiretamente que a questão da experiência tem muitas possibilidades no campo educativo, sempre que sejamos capazes de lhe dar um uso afiado e preciso. Há um uso e um abuso da palavra experiência em educação. Mas essa palavra é quase sempre usada sem pensar, de um modo complementemente banal e banalizado, sem ter consciência plena de suas enormes possibilidades teóricas, críticas e práticas.

Retomo Larrosa (2011, p. 22) A experiência é o que me passa. Não o que faço, mas o que me passa. A experiência não se faz, mas se padece. A experiência, portanto, não é intencional, não depende de minhas intenções, de minha vontade, não depende de que eu queira fazer (ou padecer) uma experiência. A experiência não está do lado da ação, ou prática, ou da técnica, mas do lado da paixão. Por isso a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, vulnerabilidade, exposição.

No diálogo com o mestre Larrosa percebo que a experiência teatral perpassa esse caminho de construção.

Larrosa continua a nos provocar, instigar (2011, p. 26) Em educação dominamos muito bem as linguagens da teoria, ou da prática, ou da crítica. A linguagem da educação está cheia de fórmulas provenientes da economia, da gestão, das ciências positivistas, de saberes que fazem tudo calculável, identificável, compreensível, mensurável, manipulável. Mas talvez nos falte uma língua para a experiência. Uma língua que esteja atravessada de paixão, de incerteza, de singularidade. Uma língua da sensibilidade com o corpo. Uma língua também atravessada de exterioridade, de alteridade. Uma língua alterada e alterável. Uma língua com imaginário, com metáforas, com relatos. Qual seria essa língua? Em que linguagens se elabora e se comunica a experiência? [...] Pode se comunicar a experiência? O que é o saber da experiência? O que é que se aprende na experiência? O que significa ser uma pessoa “experiente” no campo educativo? O que significa que uma pessoa experiente está ao mesmo tempo aberta a experiência? Como se transmite o saber da experiência?

Vive-se a sociedade da informação, sociedade do conhecimento, porém o que se observa é um esvaziamento das experiências com sentido dentro da educação.

Caro educador interdisciplinar acompanhe o enunciado de Larrosa:

afinal a experiência, ou seja a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, nº 19, p. 20)

É isso que devemos provocar nas práticas e ações educativas: A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova; devemos ser o sujeito da experiência, que está aberto à sua própria transformação, absorver o saber de experiência que se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana, dando-lhe o sentido daquilo que nos acontece.

Dialogo, ainda, com o depoimento do aluno Jean Fábio Valério, que nos apresenta uma percepção apurada da sua experiência no depoimento sobre a Arte, o Teatro no ensino médio:

Além das aulas de teatro, também havia as apresentações. Lembro-me da estreia de “Quem te viu, quem TV”. Entrei em cena com o texto decorado e sabendo as marcações, mas sem a menor ideia do iria acontecer entre o palco e a plateia. Mas tudo bem não saber, as aulas tinham me preparado para dar as mãos para meus colegas e me arriscar, me lançar. Alguns anos mais tarde eu iria ler que “o que a vida quer da gente é coragem...”. E essa experiência – palco-plateia – me transformou. O menino cujo teste vocacional no último ano do ensino fundamental apontou para uma carreira profissional na área de exatas, o menino que fazia SENAI e Processamento de Dados, o menino que nem tinha o hábito de ir ao teatro resolveu ser ator. Mas antes disso, quero falar de outras coisas que me lembro. Ajudei criar outras peças: “Cadê a tocha?”; “Bi-verdades – Além do espelho”; “O fio da meada no fio da espada” e “Entre as rimas do céu e do inferno – Lampião”. Durante o processo de criação desta última tomei consciência de que aquilo que criamos tem relação com o que nos cerca. Criamos a partir daquilo que vivenciamos, em outras palavras, ficou claro para mim que “a arte não é a expressão do eu, é o eu expressando os elementos da cultura que o moldou” – Kit White.

Também me lembro das peças criadas pelas outras turmas do Projeto: “Subterrâneos”; “A mansão da meia-noite ou dia”; “Bobuque”; “Terra e Marte sem distância”. Você sempre insistia, Celso: “A resposta está com o outro, busque no outro, aprenda com o outro”. Apreendi a ver meus colegas de teatro como mestres. Com cada um deles eu tinha um aprendizado específico.

Com Boal, meu mestre, constato que o ato criativo, o fazer teatral coletivo provoca esse processo, essas relações interpessoais, o diálogo do conhecimento com a vida humana; é um fragmento de experiência que se exercita em grupo, aberto ao desconhecido, que não se pode antecipar, nem prever, nem predizer, só se pode vivenciar intensamente dando-lhe o sentido do que nos toca, do que nos passa.

Peço a devida licença aos meus caros autores-parceiros Boal e Larrosa para citar o mestre Paulo, que define como uma categoria de ação o saber de experiência feito, uma construção feita ao longo dos seus livros, das suas preciosas cartas que apontam para o movimento dialético acerca das relações entre o saber e ignorância e a visão

dicotômica entre “os que sabem” e “os que não sabem”; repudia, discorda e aponta que não há saber nem ignorância absoluta; há uma relativização do saber ou da ignorância.

Paulo Freire rompe com essa concepção quando aprofunda a reflexão e sinaliza o educador progressista e enfatiza que o saber de experiência feito traduz a leitura do mundo dos educandos e deve ser tomado como ponto de partida na relação educador-educando, e que a mediação do educador requer supera-lo, e que esse caminho será fecundo e verdadeiro se considerarmos o saber escutar, ou seja, a aprendizagem da escuta que transforma os discursos uníssonos em diálogo provocador que requer uma atitude de respeito aos saberes de experiência feito dos educandos.

Caros Boal, Larrosa e Paulo é importante dialogar com a mestra Ivani (2003, p. 66) quando nos diz sobre os fundamentos para a compreensão de uma prática docente interdisciplinar, o movimento dialético de rever o velho para torna-lo novo ou tornar novo o velho. E a mestra finaliza [...] O movimento dialético a que nos referimos, próprio de uma abordagem interdisciplinar, está no fato de havermos todo o tempo realizado o exercício de dialogar com nossas próprias produções, com o propósito de extrair desse diálogo novos indicadores, novos pressupostos que nelas ainda não se haviam dado a revelar. Compartilho com Fazenda (2003, p. 66) que nunca devemos desprezar as experiências vividas – elas se constituem na possibilidade de inovação, da revisão e da análise interdisciplinar.

Constato nesse recorte da mestra, a relação entre o conhecimento e a vida humana dando-lhe o sentido daquilo que nos acontece, uma experiência e o sentido.

Percebo que esse movimento se estabelece no fazer teatral, a experiência e o saber de experiência feito germinam na construção do conhecimento do educando, fortalecendo principalmente o que o mestre Paulo Freire tem definido como outra categoria de ação, **ser mais**; isto é a vocação para a humanização, a sua libertação, a concepção de ser humano, o que nos move na direção de uma intervenção transformadora no mundo visando à superação em busca do “ser mais”. Trago um recorte profundo e verdadeiro da orientanda Magda Crudelli para o diálogo e refletirmos à respeito;

Desde criança a arte esteve presente em minha vida. A dança me levou para o teatro, o teatro me levou para as artes visuais e para o teatro de animação; tais experiências me levaram para a educação. Tornei-me artista e arte educadora. Foi na antiga FEBEM, em 1991, como professora de teatro, que pude perceber, através das mediações e dos resultados dos processos, o valor transformador

da arte na vida dos sujeitos. Tal constatação veio seguida de inúmeras indagações. Atualmente sou professora de Artes Visuais em uma escola formal. Sigo pesquisando.

Encontrar o Celso Solha em meu caminho foi um presente. Nós tínhamos, em comum, o interesse pelo teatro e pela arte educação. As escolhas de cada um de nós podem ter contribuído para o encontro sincrônico. Nas reuniões, ele promovia a fala, a escuta... O respeito, pelo indivíduo e pelo coletivo, estava ali o tempo todo pulsando. Se eu pretendia enfatizar a necessidade de humanizar as relações, não poderia estar em lugar mais apropriado. Havia coerência entre aquilo que eu pretendia abordar e o lugar em que eu me encontrava. Era orientada por alguém que trazia a troca de experiências como mola propulsora, alguém que agia respeitando seus pares mantendo sua condição de liderança. A teoria e a prática dialogavam sem melindres.

O fazer teatral, seja como artista ou como educador ou educadora pode enriquecer nosso modo de convívio. No teatro temos a chance de exercitarmos a vida, ao mesmo tempo em que vislumbramos e criamos novas possibilidades. É na própria experiência que as teorias estudadas ganham forma.

Assim, construí o trabalho de conclusão de curso.

Fui motivada, pelo Celso, a trazer minha experiência de arte educadora para construção monográfica. Relutei no início, temendo que ficasse pessoal demais. Engano meu. O Celso tinha razão. Não só fiz um levantamento da história vivida bem como sistematizei conhecimentos. Fiquei muito feliz com o processo e com o resultado.

Agradeço a você, Celso por acreditar na liberdade e fomentá-la, por ser um estudioso e compartilhar generosamente seus conhecimentos. Por cultivar o “valor sagrado” do ser coletivo; por se empenhar, assim como eu, para trazermos à tona a necessidade da arte voltada para humanizar as relações. Por manter a seriedade sendo afetivo, atencioso, bem humorado... Por ser humano. Obrigada por orientar-me, obrigada pela parceria! Com respeito, carinho e afeto. (Magda Crudelli - atriz e atriz bonequeira, professora de Artes Visuais, pedagoga e especialista em Linguagens da Arte).

Caro educador interdisciplinar, a experiência consiste em resgatar o essencial, abrir-se ao desconhecido, disponibilizar-se ao novo, ao educando – prática e ação de todos os encontros. Para que isso ocorra é importante que a alegria nos acompanhe em todos os instantes dos encontros. Ela se configura como outro princípio interdisciplinar.

5. 4. ALEGRIA

Ensinar exige alegria e esperança. (FREIRE, 1996, p.80)

Início com a objetividade voraz de Freire, caro educador interdisciplinar.

Alegria. Concebo-a nas nossas atividades como uma celebração, os encontros de todos com liberdade, descontração, prazer e parceria; uma brincadeira séria compartilhada no coletivo.

Boal nos diz:

Teatralizar problemas individuais, por si só, já traz benefícios e saudáveis alegrias aos usuários-atores e suas famílias – disso temos exemplos. A alegria do oprimido, quando consciente, é terapêutica porque é expansiva; a tristeza é retraída. A alegria questiona valores tidos como absolutos pela tristeza, que eterniza situações que a alegria torna transitórias. A alegria é dinâmica e veloz, social e crítica; a tristeza tende a ser imobilista e solitária e fatal. (BOAL, 2008, p. 241).

Caro educador interdisciplinar, podemos proporcionar aos educandos vivenciar instantes de alegria e prazer nas suas ações educativas, momentos marcantes cheios de energia e envolvimento traduzidos numa motivação pelo ato de aprender e ensinar.

Faz-se imprescindível dialogar com o mestre Paulo – ensinar exige alegria e esperança. (FREIRE, 1996, p. 80) O meu envolvimento com a prática educativa, sabidamente política, moral, gnosiológica, jamais deixou de ser feito com alegria, o que não significa dizer que tenha invariavelmente podido criá-la nos educandos. Mas preocupado com ela, enquanto clima ou atmosfera do espaço pedagógico, nunca deixei de estar. Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança: esperança de que o professor e alunos juntos possam aprender, ensinar, se inquietarem, produzirem e juntos igualmente resistir aos obstáculos que impedem a alegria.

Paulo completa esse enunciado afirmando:

A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar como inconciliáveis, seriedade docente e alegria, como se alegria fosse inimiga da rigurosidade. Pelo contrário, quanto mais

metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. (FREIRE, 1996, p.160)

Caro Mestre Paulo observo a sua preocupação em se fazer coerente:

O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e às educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa de outro, a alegria necessária ao que-fazer-docente. É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido. (FREIRE, 1996, p. 160);

Pontuo essa afirmativa de Paulo Freire com o que nos diz Henrique Pessoa, aluno de pós-graduação em linguagens da Arte:

No primeiro encontro com o professor-orientador Celso Solha e meus colegas tivemos muita sorte. Digo isto porque o professor pareceu ter simpatizado com a minha ideia do Clown como instrumento pedagógico. O fato de ele ter “comprado” minha ideia fez com que suas primeiras palavras servissem como um grande estímulo para minha pesquisa. Na verdade essa pesquisa já existe há alguns anos uma vez que sou professor de teatro e amante do Clown faz algum tempo. No entanto, o exercício da minha monografia exigiu que eu teorizasse, e aprofundasse esse conhecimento que de certa forma, já existia. A disciplina e a organização são indispensáveis para esse tipo de trabalho. Li muitos livros e fiz muitas anotações. Alguns livros eu mesmo escolhi e outros foram sugestões do professor Celso Solha. Dos livros sugeridos pelo professor me aprofundei especialmente em Paulo Freire e Luiz Otávio Burnier. O professor costumava dizer que teatro é “olho no olho”, ou seja, não se faz teatro sozinho. Eu traduzi esta colocação dizendo que o teatro e o jogo proporcionam a conexão entre as pessoas e o aprimoramento do relacionamento interpessoal. Uma preocupação que sempre esteve presente foi a de falar e refletir com profundidade tanto sobre teatro como sobre

educação. (Henrique Pessoa, ator, professor, pós-graduado em linguagens da Arte – USP – depoimento escrito).

Caro educador interdisciplinar mergulhe nessas possibilidades e invista nesse percurso, vale a pena esse encontro cheio de emoção e história de vida, veja o que nos diz Viviane Araújo Oliveira;

A ansiedade só aumentava, e enfim chegou o dia. Antes desse primeiro encontro de orientação ainda me restavam duas ideias. Pensei em começar falando delas, mas ao entrar na sala fui surpreendida com a pergunta *Quem é você?* Andava tão perdida que nem eu sabia ao certo quem eu era naquele momento – mudança de valores, de prioridades, de ideias para o futuro. E comecei a falar de mim, da minha trajetória de experiência nos palcos (enquanto atriz e bailarina) e no ensino (experiência com crianças e jovens). E como tudo culminava no encontro das diversas linguagens (teatro, dança, música e artes visuais), o orientador apontou: *está aí! Essa é sua pesquisa! Sua trajetória de vida nas diversas linguagens no encontro com a educação.* Fiquei surpresa – Poxa, tinha pensando em tantos projetos e tudo estava ali, tão fácil, na minha história! Topei o desafio. [...] Como coloquei para o orientador, meu maior medo de falar da experiência pessoal era criar um texto voltado ao próprio umbigo, que não pudesse interessar aos outros. Tal receio foi desmistificado: era importante sim falar da própria experiência de modo a verificar como era meu modo de desenvolver esse trabalho, verificar acertos e tropeços e quem sabe até impulsionar outros colegas a compartilharem suas vivências ou iniciarem um projeto a partir da minha proposta. Assim foi feito... (Viviane Araújo Oliveira, Atriz, bailarina e arte-educadora – orientanda pós-graduação em Linguagens da Arte - USP – depoimento escrito).

Celebremos os encontros, as parcerias, as trocas, as experiências. Momentos de vivenciarmos as melhores emoções, com sensibilidade aguçada e extremamente disponíveis e abertos para os instantes que deixaram marcas definitivas na maneira de ser, pensar, agir e partilhar. Partilho o que nos diz o aluno Edivaldo Gomes Bezerra;

Muitas coisas teriam que ser ditas para abarcar a quantidade de experiências passadas por mim nesses onze anos de convivência

com o Projeto de Teatro FESPSP e, por conseguinte com você, Mestre Solha.

Dado a dimensão de situações, o espaço torna-se pequeno, então vou tentar narrar as passagens mais importantes que resultaram numa gama de vivências, que graças ao teatro só me acrescentaram experiências que levarei onde quer que esteja. Tudo começou em 2003, quando fiquei sabendo que existia um projeto de teatro dentro da FESPSP – Faculdade de Sociologia e Política. Estava cursando a graduação em sociologia, e de cara me interessei. Gostei dos exercícios iniciais, do jogo, brincadeiras e movimentações que eram propostos aos alunos. Com o passar do tempo, percebi que isso me ajudou a entender o que era o teatro, pois até então meu contato era muito esporádico e apenas como expectador. Depois de alguns trabalhos realizados pude participar da minha primeira peça: Pé de Cabra (Dias Gomes). Não sabia ainda, apesar do interesse, que o teatro me fisionaria. Então ao subir num palco pela primeira vez, pude sentir o que é essa adrenalina, essa emoção de estar trocando com a plateia, sentir a energia que vinha do público.

Daí em diante foram experiências e mais experiências gratificantes. Dessas experiências a que posso citar como mais enriquecedora, foi a participação do grupo nos CEUS de São Paulo. Primeiro com o espetáculo Arlequim Servidor de Dois Amos (Carlo Goldoni) e depois com Artimanhas de Scapino (Molière). Levar teatro para uma população que em algumas situações nunca viram um espetáculo teatral, foi transformador. Ouvir depoimentos de pessoas que ficaram extasiadas diante do que tinham visto e compartilhando conosco essa alegria, foi maravilhoso. Muitos outros espetáculos vieram depois. Algumas viagens a São João Del Rey - MG (outra experiência fascinante). Novos elementos foram agregados ao grupo, outros saíram, mas o que importa é que o projeto foi mantido, o foco de levar educação através do teatro a diversos lugares, e assim procurar através dessa arte, despertar em algumas pessoas a capacidade de ver e se ver, de sentirem refletidos dentro do palco. Posso dizer que hoje tenho outra percepção de muitas coisas da vida, o teatro me ajudou muito. Espero com isso ajudar na transformação de outras pessoas usando essa maravilhosa arte. Como disse um dia Milton Nascimento: “Todo artista tem de ir onde o povo está”. Levar o seu amor, a sua entrega e compartilhar com quem está ali famintamente, mesmo que às vezes inconscientemente, esperando algo que os transforme. Muito obrigado Solha, espero que você continue por muito tempo utilizando desse teatro, educando, despertando e alimentando a alma de todos que cruzem o seu caminho. Valeu! (Edivaldo G. Bezerra, aluno do Projeto FESPSP de Teatro, sociólogo, pós-graduado).

Alegria é um dos princípios norteadores interdisciplinares que contempla integralmente as bases estruturais da formação docente interdisciplinar e o modelo e

método de ensino em Arte focalizados nas práticas pedagógicas, ou seja, nos dez encontros didáticos formativos que compõem essa tese. O depoimento de Ademir de Almeida, aluno do ensino médio e do Projeto Criação, suscita essa percepção, consciência e poder de transformação humana no ato de brincar;

Gente de todos os tipos aparecia nessas aulas. Alguns bem jovens, outros nem tanto, uns poucos com experiências passadas em teatro, outros que buscavam seu primeiro contato, muitos curiosos, outros aventureiros e alguns deslocados, como eu.

Depois de algum tempo, todos estavam contagiados pelo “vírus” do teatro e as particularidades individuais pouco importavam para o grupo que passava a ter um objetivo comum: fazer teatro. Dois ingredientes eram essenciais nessa alquimia produzida nas aulas do Professor Celso Solha: diversão e liberdade. A linguagem teatral era trabalhada em jogos e práticas que privilegiavam a diversão, a alegria no fazer. Fazia-se teatro jogando, brincando. Não havia cobrança por conhecimentos prévios e nem exigência de talentos individuais. Todos podiam participar. Para quem não tinha a menor ideia do que era fazer teatro, realizar o primeiro contato com a linguagem dessa forma fazia toda a diferença. A liberdade para criar também era um estímulo poderoso para todos. Vivendo num mundo onde nossa imaginação é limitada o tempo todo, encontrar um espaço onde a prática do imaginar e do criar é totalmente livre era como encontrar a terra de Utopia. Nada era cerceado, todas as ideias e criações dos participantes, mesmo as mais absurdas e estranhas eram aproveitadas, e sempre costuradas em situações e cenas divertidas. Lembro-me de aulas em que nos divertíamos tanto que, ao final, era triste ter que ir embora para casa. A vontade era de ficar e criar mais.

Mãos à obra, caro leitor, educador interdisciplinar, nesse processo de formação docente e construção de práticas pedagógicas destinadas principalmente para a arte do teatro.

CONCLUSÃO

COM UM ABRAÇO, AGUARDO A RESPOSTA

Começo minhas conclusões com parte do texto citado no início da tese: “*o fundamental é que as cartas não sejam apenas recebidas e lidas, mas discutidas, estudadas e, sempre que possível, respondidas*”. (texto manuscrito de Paulo Freire, documento oficial do Instituto Paulo Freire, 2011).

Procurei ao longo da construção desta pesquisa estabelecer uma relação de diálogo permanente com os meus autores-parceiros, meus alunos, ex-alunos e comigo mesmo. Acredito que a metáfora por mim estabelecida tenha fortalecido essa investida, afinal permearam-se no trabalho esse olhar cuidadoso, com rigor e sensibilidade retratados nas ***cartas ao educador: cartas escritas, palavras soltas no espaço criativo da vida, da escola, do educador, do educando***. Deparei-me com algo que fortaleceu a minha ação de pesquisa, afinal não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino; é preciso valer-se desse ensinamento de Paulo Freire.

Apresento o diálogo reflexivo desenvolvido em toda a tese; as aproximações com os autores-parceiros, afinal os passos foram dados com cuidado, firmeza e direção; sinto que as ideias apresentadas foram digeridas, formuladas e embasadas com sentido e calcadas em proposições explicitadas ao longo desse caminho de construção. Observo as categorias de ação que o mestre Freire nos ensinou, costurando os diálogos das cartas e depoimentos formulados compactuando com a constatação da qual Gadotti nos fala de Freire (1989, p. 38): O que é original em Paulo Freire é a ótica pela qual ele enxerga esse processo, que é uma ótica libertadora. Aprender faz parte do ato de se libertar, de se humanizar.

Vejo o lado inverso da costura e observo a força e a precisão dos arremates e do acabamento; sem cerimônia e com convicção explicitam-se as preocupações e as realizações das ações educativas e pedagógicas de Paulo Freire, Ivani Fazenda, Augusto Boal, Viola Spolin em cada linha, em cada parágrafo, em cada frase, em cada carta, em todas as cartas. Um mérito de todos. Faço uma citação:

Trata-se basicamente de uma visão diferente da prática educativa. Na educação das crianças, o importante não é abrir a cabeça delas para lhes dar nomes de ilhas e vultos, mas

possibilitar que as crianças criem conhecendo e conheçam criando [...] expressando-se e expressando a realidade, numa compreensão crescentemente lúcida de sua realidade. Isso é difícil porque os pais, ideologizados pela consumação, exigem que, nas escolas, seus filhos consumam conhecimentos. As universidades, mais tarde, transformam-se em armazéns de conhecimentos. Os pais exigem que as escolas sejam pequenos pegue-pagues para seus filhos. Mas hoje também há espaços para que mudemos essa prática. (GADOTTI, 1989, p. 40 - num registro de Paulo Freire, revista Vozes, 79, jan / fev. de 1981).

Temos de saber o que fomos para saber o que seremos, o que se explicita de uma maneira autoral nas cartas e nos diálogos estabelecidos nesta tese. Quebraram-se os paradigmas das salas de aulas encadeiradas, enfileiradas e instrumentalizadas.

Concebo a Arte como um espaço de ação, vivo, latente e criativo, na contramão da história recente da formação docente na educação, dos descaminhos da pedagogia; contrariando a visão da atualidade, acreditando na formação do educador artístico voltado para o ensino da linguagem teatral que rompe com o modelo pedagógico que privilegia o tecnicismo e o utilitarismo, trazendo para a sociedade um profissional com potencialidade criativa e lúdica, atento à obtenção das categorias interdisciplinares (a parceria, a coerência, o diálogo, a humildade e o desapego), pois o diálogo cria base para colaboração no coletivo, na ação educativa.

Constato que a formação docente, especialmente de Arte - Teatro deve objetivar um profissional mais humano, criativo, crítico e agente do seu tempo; pesquisador e inserido num modelo e um método de trabalho teatral, estruturado nos quatro princípios formulados a partir dos encontros didáticos formativos: Coletividade – Autonomia – Experiência – Alegria. Tais princípios configuram-se como ferramentas necessárias para a formação de alunos e docentes e podem ser utilizadas em sala de aula, como um modelo propício de trabalhar conteúdos e desenvolver atitudes e ações interdisciplinares.

Fortalecido e respaldado nas cartas dos depoimentos “autorais” com os relatos de profissionais e estudantes da área, coletados ao longo da carreira, como também de momentos presentes e significativos; esse material poderá de alguma forma, auxiliar o educador artístico, principalmente aquele que atua com a linguagem teatral, a transformar a sala de aula em um espaço que estimula a criatividade, o desenvolvimento

humano - um espaço de convivência coletiva, cultural, lúdico, dotado de maior sentido e significado.

Observo que se consolidou nesse exercício de ação e reflexão uma prática de avaliação democrática que favoreceu o autoconhecimento do educando, o sujeito do seu processo de aprendizado, a relação pedagógica democrática entre educador e educando, o caminho de reciprocidade entre o educador e o educando no ensinar a aprender / aprender a ensinar, e o exercício do refazer, replanejar a ação docente, enfim aspectos qualitativos do desenvolvimento do educador e do educando. A avaliação emancipatória como nos ensina Saul¹⁷;

A avaliação emancipatória tem dois objetivos básicos: iluminar o caminho da transformação e beneficiar as audiências no sentido de torna-las autodeterminadas. O primeiro objetivo indica que essa avaliação está comprometida com o futuro, com o que se pretende transformar, a partir do autoconhecimento crítico do concreto, do real, que possibilita a clarificação de alternativas para a revisão desse real. O segundo objetivo aposta no valor emancipador dessa abordagem para os agentes que integram um programa. Acredita que esse processo pode permitir que o homem, por meio da consciência crítica, imprima uma direção às suas ações nos contextos em que se situa, de acordo com valores que elege e com os quais se compromete no decurso de sua historicidade. (SAUL, 2008, p.21).

Sigo nessa reflexão, aprofundo o olhar no educando, o que se revelou nos depoimentos, nas cartas autorais escritas e que desvelaram o ser integral.

Evidenciou-se o ser interdisciplinar do educando.

Reafirmo esse diálogo consistente com o educando, na parceria estabelecida durante todo o processo desenvolvido, na busca de coerência na escrita elaborada dos depoimentos, nas análises, no olhar rigoroso e comprometido com a ação docente estabelecida, na atitude de humildade e desapego com a relação de ensino-aprendizagem que se explicitaram em todos os instantes desse percurso formativo compartilhado entre o educador e o educando; o processo educativo se revela fortalecido.

Acredito que o Teatro possa ocupar dentro do contexto escolar, o lugar da irreverência e ousadia criativa, do autoconhecimento, do exercício da expressividade e da parceria. O espaço do diálogo que constrói o humano e as relações humanas com

¹⁷ Ana Maria Saul, doutora pela PUC/SP onde é professora titular do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo. Integra a linha de pesquisa Currículo e Avaliação Educacional e coordena a Cátedra Paulo Freire da PUC/SP.

criticidade, autonomia e sensibilidade. A coletividade, a autonomia, as experiências vividas, a alegria do instante criativo, da vida; o ser sensível, da escuta e do olhar do todo; alcançar instantes de utopia, que gera, movimenta, provoca, instiga e encoraja. Ir além.

Vislumbro na afirmação de Freire:

[...] estarei engajado, tanto quanto hoje, numa pedagogia alegre, boêmia, como eu sou, tropical, uma pedagogia do riso, uma pedagogia da pergunta, da curiosidade, uma pedagogia do amanhã pelo hoje, uma pedagogia que acredita na possibilidade de transformação do mundo, que acredita na história como possibilidade. (GADOTTI, 1989, p. 144 – **entrevista com Paulo Freire**).

Educar é anunciar a possibilidade de um novo dia, outros sonhos, utopias, acreditar no impossível sendo viável.

Procuro, por fim, dar um fechamento conciso de todas as minhas ideias e proposições; respostas a todas as cartas como nos ensina e instiga Paulo Freire.

Nesse caminho interdisciplinar evidenciou-se a força das provocações dos autores-parceiros, assim como os depoimentos elaborados pelos educandos que explicitam as questões mais relevantes desse estudo e que embasaram toda a escrita. Segui o fundamental com as cartas, sempre que possível, respondidas.

Agora gostaria de compartilhar essas cartas com toda a comunidade acadêmica. Vamos começar nossa brincadeira, um jogo de cenas, em que trocaremos várias vezes de papel, enxergando assim os grandes problemas de nossa prática por ângulos inusitados, em diálogos originais.

Algumas vezes podemos colocar uma carta numa garrafa e lançá-la ao mar, na esperança quase desesperada de que alguém a encontre e a compreenda! Também podemos receber um punhado de cartas de amigos distantes, podemos embaralhá-las ao acaso e configurar diálogos impossíveis, ao sabor da imaginação e da necessidade. Podemos, enfim, propor uma bela conversa, endereçando muito bem o assunto, desejando não só receber novas respostas, mas que essas respostas se espalhem pelo mundo, em novas cartas para o jogo.

Nesse jogo de possibilidades, eu falo com minha querida Ivani, mestra interdisciplinar que recheou com todos os ingredientes da sabedoria humana, os ensinamentos que se multiplicam, os quais condensaria no - SER INTERDISCIPLINAR

que me tornei - autônomo e consciente do meu papel social, transformador e agente do meu tempo.

Caro Paulo, não poderia ficar alheio ao SER MAIS, ditado nesses recortes de depoentes queridos e ávidos de saber e conquistas, traduzidas em novas perspectivas de mundo, de sociedade, de vida; o de assumir uma postura com consciência crítica, a conscientização alinhada à uma educação problematizadora e não bancária que cerceia os princípios democráticos defendidos por você, Mestre Freire. Também é fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática consciente, construtiva e embasada, desfazendo o ranço acadêmico das verdades absolutas cientificamente respaldadas e comprovadas; alçando a emancipação tão desejada e apregoada por esse querido mestre.

Leio atento o que nos fala Ettore Botteselli, aluno do curso de Direito, com uma escuta sensível, o autoconhecimento presente e o olhar cuidadoso na ação do outro:

Esse processo de evolução foi muito interessante, pois passamos a nos conhecer melhor, tanto o corpo como a mente, desenvolvendo nossos próprios raciocínios, como também aprendendo a escutar, pois quem escuta mais aprende muito mais do que aquele que apenas fala. O mais interessante é o fato de podermos ter aprendido um pouco mais sobre nossos colegas, assim como acompanhando a sua evolução. Acredito ter aprendido muito nesses seis meses de teatro, esperava muito dessa cadeira e garanto que todas as expectativas foram superadas.

Assim como Paula Duprat Ruggeri, aluna do quinto semestre do curso de Rádio e TV quando nos permite uma percepção mais apurada de si mesmo, do grupo, de coletividade e diz:

[...] começamos a aula indo ao encontro de nós mesmos. A partir de uma dinâmica que envolvia a percepção corporal, fizemos movimentos e alongamentos que estimulavam o nosso autocontato e ia soltando para além do corpo, a própria cabeça. Com o passar dos minutos, fomos intensificando essa percepção até que nos encontramos deitados na sala com o objetivo de potencializar o autoconhecimento. Dessa vez focamos no ato mais natural e quase imperceptível, a respiração. A dinâmica introspectiva terminou associando o movimento corporal, a nossa inspiração e expiração. [...] Depois de termos entrado em contato com nós mesmos, estávamos prontos

para ir ao contato do outro. A partir de dinâmicas que dependiam dessa interação, fomos estimulados a se comunicar e perceber o próximo. Primeiro através do olhar, e depois somado a isso, através do corpo e da voz. [...] Fica evidente o quanto cada aluno se solta ao longo das dinâmicas. E o quanto a sala termina mais “livre”, mais “leve” e sendo mais “grupo”.

Nesse percurso de construção através do diálogo que emancipa, detenho-me no depoimento de Amanda Flora Sader Costa, aluna do curso de Rádio e TV que nos revela:

Agora como todo espetáculo os aplausos se fizeram em forma de crítica. Sem detalhar nenhuma delas exatamente, o mais interessante foi ouvir a opinião dos outros em relação ao que eles presenciaram. [...] Ver que, de cada cabeça sai realmente uma sentença, muito do que vemos vem de nossa experiência, repertório e que muda realmente o rumo que uma história pode tomar é que em minha opinião é fascinante. As pessoas são diferentes, as histórias também por isso que, em vez de uma rua pensaram em galeria, em vez de obra pensaram em supermercado, em vez de pneu furado não viram nada. Isso tudo para dizer que a arte está nos olhos de quem vê e nos olhos e nos corpos de quem se comunica.

Ao longo dos processos desenvolvidos muitos encontros reverberam de uma maneira intensa, dentre alguns, aponto o depoimento de Adriana da Silva Oliveira, pós-graduanda que registrou:

[...] No início não queria relatar minhas experiências, a quem elas interessariam além de mim mesma? Queria investigar algo novo supostamente mais difícil e desafiador. Queria lançar um olhar adiante. Mas no diálogo, da insistência do orientador, percebi que o desafio era justamente esse: lançar um olhar crítico e investigativo para o passado e para o presente, para minha prática, essas pequenas experiências fugidias de criação na escola, tornando-as o foco do meu trabalho. No começo foi difícil entender a mim mesma, entender o que o orientador dizia, o que ele queria do meu trabalho, a que servia essa monografia em minha trajetória, mas a insistência de valorizar a prática foi importante para repensar o ensino e procurar conceituar de forma mais clara esse olhar para o ensino. Agora compreendo como foi importante essa

insistência do orientador, pois há poucos trabalhos que refletem a criação teatral dentro de escolas e percebo que esse é um grande interesse que tenho, pois ele amadureceu junto com meu trabalho, e uma demanda, afinal a existência de teatro na escola é um ato de resistência que deve ser levado adiante por professores e pesquisadores. [...] aquele que ensina, aprende e aquele que aprende também ensina, célebre frase de Paulo Freire exercitada durante todo o processo. A forma de conduzir essa escrita foi bonita de se ver: dançada com entusiasmo a quatro mãos nos e-mails trocados, na proposta de banco de textos, nos comentários dos outros no grupo, a indicação mútua de leituras e caminhos foi muito profícua, pois todos estavam formando-se mutuamente pelo diálogo.

Boal, Spolin, Lopes, Slade, Barba¹⁸ e tantos autores-parceiros sensíveis e rigorosos no “lidar” com a Arte, o Teatro, vejo-os presentes e vivos nesses depoimentos mesclados de emoção, aprendizado e sonhos realizados. Novamente referendando o Mestre Paulo quando nos diz que conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos; é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer; é desse lugar que pontuei todas as conversas, os diálogos e as reflexões dessa tese.

Vejo um painel que dialoga conosco: emancipação, conscientização, humanização, curiosidade, temas geradores, dialogicidade, ser mais, saber de experiência feito, criticidade; alegro-me com o encontro e o processo da busca do conhecimento, afinal Freire (1996, p.160) nos sussurra: Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. Parafraseando Fisher (1959, p.14) a arte “cativa” de modo diferente da realidade, e este agradável e passageiro cativar artístico constitui precisamente a natureza do “divertimento”, a natureza daquele prazer que encontramos até nos trabalhos trágicos.

Identifico-me com essa percepção; e conclui nos apresentando:

Desse prazer, dessa qualidade libertadora da arte, Bertolt Brecht disse o seguinte: “Nosso teatro precisa estimular a avidez da inteligência e instruir o povo no prazer de mudar a realidade.

¹⁸ Eugenio Barba, diretor e estudioso do teatro contemporâneo, fundou em 1964 o Odin Teatret, um dos pontos de referência da arte teatral do nosso tempo. No Odin, criou entre outros espetáculos: *Feraí* (1969), *Min Fars Hus* (1972), *O Livro das Danças* (1974), *Come! And the Day Will Be Ours* (1976), *Cinzas de Brecht* (1980), *O Evangelho de Oxyrhyncus* (1985), *Talabot* (1988), *Kaos-mos* (1993). Em 1979, fundou o ISTA (International School of Theatre Antropology). Entre suas publicações, destacam-se: *Em Busca do Teatro Perdido*, *Além das Ilhas Flutuantes*, *O Corpo Dilatado*, e, com a colaboração de Nicola Savarese, *A Arte Secreta do Ator*. (BARBA, Eugenio. *A Canoa de Papel – Tratado de Antropologia Teatral*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994).

Nossas plateias precisam não apenas saber que Prometeu foi libertado, mas também familiarizar-se com o prazer de libertá-lo. Nosso público precisa aprender a sentir no teatro toda a satisfação e a alegria experimentadas pelo inventor e pelo descobridor, todo o triunfo vivido pelo “libertador”. (FISHER, 1959, p. 14).

Amigos de jornada, companheiros de criação e brincadeira – o sagrado no ato de aprender e ensinar – abraço-os com o coração e a consciência do dever “sendo cumprido” na leitura desses depoimentos. Compartilho uma citação que a pós-graduanda Mirelli R. Fernandes registrou de Stela Maris de Rezende, da qual me aproximo, pois dialogo com as práticas propostas e os processos criativos e as manifestações artísticas que devem ser provocados nos encontros didáticos formativos:

Tem que saber brincar igual criança. Brincar levando à sério, viver fervorosamente certas imagens essenciais: imagens que arrepiam, imagens que acalmam, reinventam coisa-ou-outra e avivam a imaginação. Entender que as imagens vêm e cortam, alinham, ajeitam, desajeitam, franzem, pregam e desmancham a tramela, o almofariz, o olhar do menino sem sono, o coité, a canequinha de leite, o brejo, as brenhas do mato, a vontade acordada de apenas viver, voar, freir as asas. Não abrir mão de sonhar com imagens de ingovernável alegria. Não se deixar corromper pela sisudez dos adultos. E do cinismo deles, Deus o livre e guarde, amém (REZENDE, 2007, p.13).

Deparo-me com uma citação marcada nos meus registros de Eugenio Barba e que traz sentido e força para essa jornada:

Não escrevo para transmitir. Porque muito me foi dado. Tive mestres, que não sabiam e nem queriam ser meus mestres. A maioria deles já tinha morrido quando vim ao mundo. Em suas palavras, as coincidências e os equívocos favoreceram a descoberta de um conhecimento que me conduziu até mim mesmo. Escrevendo, sei que coincidências como estas acontecerão com alguns de meus leitores. Mas não é essa esperança que me impulsiona. É algo que eu devo fazer, ainda que tenha mil razões para me opor. Acredito que seja um dever. Simplesmente, estou em dívida. E não quero ir embora deixando as dívidas para trás. (BARBA, 2010, p. 14)

A roda de brincadeira das cartas está se finalizando. Jogue-as ao mar da criação, da vida, para que outros as encontrem, as leiam, escrevam e novamente as leiam, mas, por favor, nunca as deixem sem respostas!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBA, Eugenio. *Queimar a casa: origens de um diretor*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARROS, Manoel, *Poesia Completa / Manoel de Barros* – São Paulo: LeYa, 2013.

_____, *Memórias Inventadas para Crianças*. São Paulo: Ed. Planeta Jovem, 2006.

BOAL, Augusto, *O Teatro do Oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1975.

_____, *Jogos para Atores e Não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____, *A estética do Oprimido / Augusto Boal*. – Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em 28 de agosto de 2012

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília: MEC/SEF, 1997, vol. 1, 126 p.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte/ Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997, vol.6, 130 p.

COURTNEY, Richard. *Jogo, Teatro & Pensamento: As bases intelectuais do Teatro na Educação*. São Paulo, Perspectiva. 1974.

CRUDELLI, Magda L. *Arte, Teatro: Uma experiência voltada à Educação*. Monografia apresentada no Centro Universitário Maria Antonia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2011.

DELLORS, Jacques et. Al. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: UNESCO/Cortez, 2006.

FARIA, Alessandra Ancona de. *Contar histórias com jogo teatral*, São Paulo: Perspectiva, 2011.

FAZENDA, Ivani C. (org.) “*Interdisciplinaridade na Educação Brasileira – 20 anos*”. São Paulo: CRIARP, 2006.

_____, (org.) *Dicionário em construção: Interdisciplinaridade*. São Paulo, Cortez, 2002

_____, (org.) *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo, Cortez, 1989.

_____, *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo, Cortez, 1993.

_____, *O que é Interdisciplinaridade?* – São Paulo: Cortez, 2008.

_____, *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* São Paulo. Paulus. 2003.

_____, *Interdisciplinaridade – História, Teoria e Pesquisa*. São Paulo. Papirus Editora, 2013.

_____, *Interdisciplinaridade na formação de professores – da teoria à prática*. Canoas: Ed. Ulbra, 2006.

_____, *Interdisciplinaridade – Um projeto em parceria*. São Paulo. Edições Loyola, 2007.

FERNANDES, Mirelli R. Najar. *Fazer Teatral – A hospitalidade em cena sob a regência de suas virtudes humanitárias*. Monografia apresentada no Centro Universitário Maria Antonia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2011.

FISHER, Ernst: “*A necessidade da Arte*” tradução: Leandro Konder - São Paulo, Brasil, Círculo do Livro S.A. 1959. Licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia da Zahar Editores.

FOGAÇA, Marcos Clóvis. *Experiências com o fazer teatral e a formação de plateia: Um caminho com a Companhia Engenhoca Teatral*. Monografia apresentada no Centro Universitário Maria Antonia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2011.

FREGTMAN, Carlos. *Música Transpessoal*. São Paulo, Ed. Cultrix, 10ª ed. 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____, *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo, Cortez, 2000.

_____, *A importância do ato de ler*, São Paulo, Cortez, 2008.

_____, *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____, *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

GADOTTI, Moacir. *Convite à Leitura de Paulo Freire – Scipione*. SP. 1989.

JANUZZELI, Antônio. *A Aprendizagem do Ator*. São Paulo: Ática, 1986.

JAPIASSU, Ricardo, *A Linguagem Teatral na Escola – Pesquisa, Docência e Prática Pedagógica*, Campinas, SP: Papirus, 2007.

JOSSO, M-Christine. *O método (auto) biográfico e a formação*. Cadernos de Formação nº 1, Pentaedro, Lisboa, março de 1988.

_____, *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

KUSNET, *Ator e Método*. Rio de Janeiro, Serviço nacional de teatro, 1975.

LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento / Rudolf Laban*; ed. Organizada por Lisa Ullmann. (tradução de Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto; revisão técnica de Anna Maria Barros De Vecchi). – São Paulo: Summus, 1978.

LANZ, Rudolf. “*A Pedagogia Waldorf – Caminho para um ensino mais humano*”. São Paulo: Antroposófica 9ª edição, 2005.

LARROSA, J. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, tradução de João Wanderley Geraldi – Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística - Revista Brasileira de Educação – 2002, nº 19.

_____, IN: *Experiencia y alteridade em educación*, org. Carlos Skliar e Jorge Larrosa, publicado na Argentina – E. Homo sapiens Ediciones (2009). Tradução Maria Carmem Silveira Barbosa e Susana Beatriz Fernandes – p.26) – Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez.2011.

LIMA, Sonia Regina Albano de. II. BRAZ, Ana Lucia Nogueira. III. CLEMENTINO, Adriana. *Arte, cultura e educação na formação de docentes: ilusão ou realidade?* – São Paulo: Editora Som, 2012.

LOPES, J. *Pega Teatro*. Campinas, Papirus, 1989.

MAGALDI, Sabato. *Iniciação ao Teatro*. São Paulo. Ática, 1998.

MIGUEL, Diego F. *A prática teatral no envelhecimento – Um caminho do autoconhecimento, da autonomia e inclusão social*. Monografia apresentada no Centro Universitário Maria Antonia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2011.

NÓVOA, Antonio e FINGER, Matthias. (org) *O método (auto)biográfico e a formação*. Cadernos de Formação nº 1, Pentaedro, Lisboa, março de 1988.

OLIVEIRA, Adriana S. *O ensino de Teatro como ato de criação: No traçado do caminho, um passo eu traço e junto faço*. Monografia apresentada no Centro Universitário Maria Antonia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2011.

OSTROWER, Fayga, *Criatividade e Processos de Criação* – Petrópolis, Vozes, 2010.

PEIXOTO, Fernando. *O que é Teatro*. Nova Cultural. SP. 1986.

PELLEGRINI, Domingos. *As Batalhas do Castelo*. São Paulo. Moderna, 1987.

PEREIRA, Lucia Helena Pena. *Ludicidade em sala de aula: montando um quebra-cabeça com novos sabores e saberes* – GEPEL – Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Ludicidade, Programa de Pós-Graduação em Educação, FAGED – UFBA, ensaio 3, 2004.

PESSOA, Henrique, *Teatro-Educação: A arte do clown e o humor na construção do conhecimento no Ensino Médio*. Monografia apresentada no Centro Universitário Maria Antonia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2011.

REZENDE, Stela Maris de. “*Esses livros dentro da gente – uma conversa com o jovem escritor*” São Paulo, Casa da palavra, 2007.

SANTO, Ruy Cesar Espírito. *Autoconhecimento na formação do Educador*. São Paulo: Ágora, 2007.

_____, *O renascimento do sagrado na educação*. Campinas: Papirus, 1998.

SANTOS, A. MARINHO, M. ROSMAN, M. “*PERSONA: O Teatro na Educação, o teatro na vida*” Rio de Janeiro, Eldorado, 1975.

SAUL, Ana Maria. *Avaliação Emancipatória: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____, *Referenciais Freireanos para a prática da avaliação*. Revista de Educação PUC – Campinas, Campinas, nº 25, p. 17-24, novembro 2008.

SLADE, Peter. *O Jogo Dramático Infantil*. São Paulo, Summus, 1978.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro* – São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.

_____. *Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin*; tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *O Jogo Teatral no livro do diretor* – São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *Jogos Teatrais na sala de aula: um manual para o professor* – São Paulo: Perspectiva, 2007.

WEIL, P. TOMPAKOW, R. *O corpo fala – a linguagem silenciosa da comunicação não verbal* - Petrópolis, Vozes. 1975.

ANEXO

É nessa perspectiva que apresento esse anexo: Algo agregador que se complementa e se insere criando um corpo único de força, que gera um movimento de compartilhar o todo. Conceba-o como algo inteiro e parte do todo.

Caro leitor foi colocado esse anexo para que os interessados possam se apropriar de suas escritas para pleitear novas pesquisas, quiçá interdisciplinares de formação docente. Os desafios estão lançados. A viagem às *Cartas ao Educador – depoimentos dos alunos: Reflexões das vivências dos encontros* é um transitar por caminhos tortuosos, belos e desafiadores.

Durante um tempo procurei assimilar os registros dessas cartas, suas histórias, marcas e descobertas. Um enorme prazer tê-las comigo e compartilhar juntamente com o aprendizado construído por todos os envolvidos nessa empreitada da vida. Surgiu como metáfora no início dessa caminhada, como um sinal, uma provocação, um toque sensível, uma carta de Paulo Freire manuscrita que instigou o movimento de leitura e escrita de cartas.

Aventurei-me nessa ideia criativa, compartilhei com todos a ansiedade e o desejo de revelar-se e revelar-me; foi de um aprendizado e tanto.

A disponibilidade dos depoentes traduz o envolvimento na escrita, pulsante, viva e reveladora; afinal o tempo é distante em muitos registros; passaram-se aproximadamente vinte anos ou mais; instiga a precisão dos momentos vividos e que solidificaram um ensinamento marcado, testemunhado, compartilhado.

E as cartas chegaram de longe... Europa. Ásia. América do Sul. Regiões das montanhas paulistas, mineiras. Cheias de vigor, lembranças vivas, parceria, carinho, respeito, admiração e provocações, características que distinguem os artistas e suas criações.

1. CARTAS AO EDUCADOR – Depoimentos dos alunos: Reflexões das vivências dos encontros

“O pesquisador que denominamos interdisciplinar precisa antes de mais nada embebedar-se de conhecimento – sem isso será incapaz de habitar o interior das escolas descobrindo seus segredos. Sem esse preliminar exercício

será impossível sentir o pulsar da vida de uma sala de aula, muito menos ensaiar respostas quanto impossível formular perguntas. Argumentar, nem pensar, pois o argumento nasce de uma sólida imersão na produção anterior. Questionar e argumentar requer a disciplina e estudos constantes porque a sabedoria ensina que o conhecimento se transforma ininterruptamente”(FAZENDA, 2006, p. 06)

Neste anexo estabeleço uma conversa com as cartas, considerações breves das vivências que contribuíram na proposição da tese.

Registro que as contribuições dos depoimentos colhidos dos agentes envolvidos nessa jornada do conhecimento humano garantem uma leitura criteriosa e uma compreensão consistente da nossa atuação profissional e revelam quais os indicadores para uma ação pedagógica e educativa eficiente e eficaz do educador-educando no olhar sensível e rigoroso do educando-educador com ação e atitude interdisciplinar.

Percebe-se o reconhecimento e a apropriação dos conhecimentos adquiridos a partir das atividades e exercícios propostos na vivência dos encontros; fica evidente nas cinco instituições de ensino das quais escolhi para a reflexão e análise desta tese que elas apresentam especificidades que permitem uma observação mais apurada das atividades propostas, como também a ação e atitude interdisciplinar adotada nas orientações das monografias e dos encontros didáticos formativos.

Para tanto, faço uma divisão dessas experiências para que a leitura possa traduzir de uma forma plena os processos criativos e os caminhos de orientação traçados pela ação do educador pesquisador.

Início essa observação com os depoimentos dos alunos do ensino médio - do Projeto Criação:

Carta ao educador de Arte que acredita na possibilidade inesgotável de mudança

Ao assumir a docência na Instituição Radial de Ensino e Pesquisa – Colégio Radial - procurei romper com os paradigmas de fazer arte no ensino médio que abordassem o treinamento técnico, a reprodução mecânica de exercícios e uma ligação eminente com os eventos comemorativos da instituição.

Caro educador, era necessário a criação de um espaço de convivência, artística, lúdico, cultural que pudessem reverberar todas as manifestações artísticas dos

educandos; propor atividades nas aulas que desconstruíssem a dinâmica de sala de aula, tanto na questão espacial quanto nas práticas pedagógicas adotadas. Um desafio que contagiasse a todos os envolvidos – educador e educandos, pois além do ensino regular era preciso mobilizar os do ensino profissionalizante que estavam totalmente absorvidos pela formação técnica profissional, proposta pedagógica dos cursos profissionalizantes.

Acreditar que a escola possa ser o lugar das grandes descobertas, do autoconhecimento, da convivência coletiva que fortalece as relações humanas e da Arte que nos constroem com seres criativos, críticos, sensíveis e que abram novas perspectivas de vida ao educando. Vejamos caro educador, o que nos disse alguns dos registros dos depoimentos:

Boa noite querido mestre,

É com grande alegria que escrevo essas palavras. Passei momentos incríveis durante o Projeto Criação no Colégio Radial, Unidade G, em meados do ano de 1993. Eu buscava uma forma de interagir e deixar de lado minha timidez. Encontrei autoconhecimento, muita energia, compartilhamento e principalmente uma nova percepção e visão de mundo. Foi nesse projeto que pude perceber que poderia ultrapassar a barreira dos meus medos internos e ganhar o mundo. Guardo muitas lembranças com muito carinho e amizades que perduram até hoje. Obrigada professor Celso Solha por essa oportunidade. (Zildete Araújo, aluna do Projeto Criação, depoimento autoral escrito)

Outro depoimento, focado na vida profissional, porém observa-se no relato o diálogo permanente com o ato artístico original, o envolvimento da razão e sensibilidade:

Querido e eterno Professor Celso Solha,

É com muito carinho que escrevo este pequeno depoimento para dizer o quanto foi importante o encontro que você me proporcionou com o descobrimento do teatro e todas as suas vertentes em um momento de descobertas, de aprendizado, imagina, eu tinha apenas 19 anos [...] Com a oportunidade que você me proporcionou, e a todos que participaram do seu Projeto, “Projeto Criação”, fez com que pudéssemos descobrir um mundo antes desconhecido, um mundo fascinante, maravilhoso, que fez com que sonhássemos mais e mais, que aprendêssemos a ter uma percepção melhor de mundo e de nós mesmos, nunca mais fui a mesma. [...] Embora não esteja diretamente trabalhando com teatro, todo aprendizado no que diz respeito a comunicação, desinibição, apresentação, improvisação, a paixão em fazer o que se gosta está muito presente em minha vida profissional, vida pessoal, [...] pois sempre é tempo de aprender. Inclusive agora em minha nova empreitada que é

minha outra graduação, o Curso de Direito, que já estou no 4^a. semestre, em minhas apresentações, reuniões posso aplicar a essência da arte de interpretar. Com muito carinho agradeço a você Celso por ter tido uma participação em minha vida em um momento muito especial, e que fez toda a diferença. Beijos (Tulla Duarte, aluna do Projeto Criação, depoimento autoral escrito).

Os depoimentos se abrem para novas percepções e leituras, marcas que ficam; Luiz Souza teve uma experiência com processos artísticos ligados a uma rede de televisão - seriado brasileiro; refaz esse percurso e registra;

Foi um divisor de águas na minha vida. Despertou minhas potencialidades adormecidas que precisavam apenas de alguém para me aguçar e despertar.

Ainda sinto o cheiro do palco... Da coxia... As vozes... A preparação... As mãos dadas... Enfim... Tudo está latente... Obrigado Mestre. (Luiz Souza, aluno do Projeto Criação depoimento autoral escrito).

Cartas distantes que atravessam montanhas e ou mares

Que trazem nas suas linhas, o caminho do aprendizado maravilhoso, burilado intensamente entre escolhas e despedidas, porém com a clareza e procura de uma relação mais verdadeira e reveladora do fazer artístico com sentido, paixão e troca:

Querido Celso;

Em 1995 eu fiz teatro pela primeira vez. Já tinha participado de peças na igreja e na escola, mas nunca havia feito uma aula de teatro. Eu e três colegas (a Alcione, o Fábio e o Fabiano) do 3º ano do Curso Técnico em Processamento de Dados do Colégio Radial em Santo Amaro, zona sul de São Paulo, resolvemos participar de uma das turmas do “Projeto Criação” e uma vez por semana depois da aula íamos ao auditório fazer teatro. Eu me lembro de pouca coisa das aulas frequentadas nos quatro anos que participei do Projeto, mas cada recordação ainda ecoa em mim profundamente. Lembro-me do pedaço de giz que ganhei de você Celso quando perguntou o que era preciso para fazer teatro. Eu respondi: “Criatividade”. Eu ainda tenho o giz. Lembro-me da fita cassete com a música “Brincar de Viver” do Guilherme Arantes. Você cantava um trecho que havia sido desgravado acidentalmente. Lembro-me da minha primeira improvisação: Onde? Numa marcenaria. Quem? Um funcionário. O que? Um acidente na serra elétrica. Como? Esta pergunta nós não fazíamos, a cena era justamente o “como” as coisas iriam acontecer. O “como” era a improvisação. Lembro-me do “segredo de Barbadlim”; do “ai vem o Juvenal!”; do “ai meu Deus” e do “Eu não

acredito”, estímulos para a criação de cenas. Lembro-me do momento antes da cena: em pequenos grupos combinávamos o que iríamos apresentar. Foram momentos de prazer e agonia, ouvindo e colocando ideias, vontades e desejos. Essas conversas me ensinaram a dificuldade e a importância de abrir mão da cena perfeita elaborada na minha cabeça e sempre acreditar no jogo, na imperfeição, no contraditório, no outro. Afinal “ninguém é o centro do universo, assim é maior o prazer” (Guilherme Arantes). Além das aulas de teatro, também havia as apresentações. Lembro-me da estreia de “Quem te viu, quem TV”. Entrei em cena com o texto decorado e sabendo as marcações, mas sem a menor ideia do iria acontecer entre o palco e a plateia; mas tudo bem não saber, as aulas tinham me preparado para dar as mãos para meus colegas e me arriscar, me lançar. Alguns anos mais tarde eu iria ler que “o que a vida quer da gente é coragem...”. E essa experiência – palco-plateia – me transformou. O menino cujo teste vocacional no último ano do ensino fundamental apontou para uma carreira profissional na área de exatas, o menino que fazia SENAI e Processamento de Dados, o menino que nem tinha o hábito de ir ao teatro resolveu ser ator. Mas antes disso, quero falar de outras coisas que me lembro. Ajudei criar outras peças: “Cadê a tocha?”; “Bi-verdades – Além do espelho”; “O fio da meada no fio da espada” e “Entre as rimas do céu e do inferno – Lampião”. Durante o processo de criação desta última tomei consciência de que aquilo que criamos tem relação com o que nos cerca. Criamos a partir daquilo que vivenciamos, em outras palavras, ficou claro para mim que “a arte não é a expressão do eu, é o eu expressando os elementos da cultura que o moldou” – Kit White. Também me lembro das peças criadas pelas outras turmas do Projeto: “Subterrâneos”; “A mansão da meia-noite ou dia”; “Bobuque”; “Terra e Marte sem distância”. Você sempre insistia, Celso: “A resposta está com o outro, busque no outro, aprenda com o outro”. Aprendi a ver meus colegas de teatro como mestres; com cada um deles eu tinha um aprendizado específico. Lembro-me da primeira vez que operei a mesa de luz no Teatro Paulo Eiró numa apresentação do “Bobuque”. Eu sempre achei fantástico como alguns instantes podem mudar completamente a nossa trajetória. Aprendi que esses momentos podem ser chamados de bardos: “intervalos ou períodos em que a possibilidade do despertar está particularmente presente”. As aulas no Projeto Criação foram decisivas na escolha da minha carreira profissional, que é a maneira que escolhi para atuar no mundo. Junto com quatro colegas e um ex-professor do Projeto fundei uma Cia Teatral profissional da qual fiz parte de 1998 a 2012. Hoje a Cia ManiCômicos tem sede em São João del-Rei/MG e os integrantes que ficaram em São Paulo mantêm um outro grupo, a Brava Cia, ambos com relevância no cenário teatral nacional. E eu? Moro em São José dos Campos/SP, com minhas duas filhas e minha esposa, Cyntia, que conheci no Projeto Criação; sou ator, professor de teatro, iluminador cênico e graduando em Educação Física. Em 2013 fundei uma Cia teatral que curiosamente batizei de Cia Estado Criativo. Esse nome é, com certeza, eco do Criação. É a minha busca por um teatro vivo, verdadeiro, necessário, artesanal, com olho no olho, corajoso, vibrante, que compreende a técnica como meio e não como fim, que aposta tudo no encontro. O

Projeto Cria... Ação, ou melhor, o encontro com você Celso Solha determinou sutil e implacavelmente o meu olhar para o fazer teatral. Borrou os limites entre teatro e educação e até hoje me orienta na busca pelo que é essencial. E a coisa mais essencial da qual me lembro, a maior lição que tive no nosso encontro é que é vital estar sempre apaixonando. É sempre difícil falar da própria gênese, em geral é um momento com pouca ou nenhuma consciência. Foi muito bom dedicar um tempo para olhar para esta linda história. Um grande abraço, amigo e mestre Celso Solha. (Jean Fábio Valério, aluno do Projeto Criação, ator, diretor, fundador da Cia. Teatral ManiCômicos, depoimento autoral escrito)

Mergulho na carta cheia de vida, como uma conversa ao lado do fogão à lenha, sinal da vida no campo, sem a correria ditada pelo relógio e o tempo “perdido” que traz ao dia a dia uma conexão particularmente especial com a razão de viver:

É uma vez... Fevereiro de 2015... Recebi uma encomenda: falar de um aspecto de minha vida há muito vivido e que ecoa seus sons, movimentos e cores até hoje. É a minha vivência no Projeto Criação, conduzida pelo Professor Celso Solha. Na época tinha quase quinze anos, quando tudo começou. Hoje quase 36 anos, quando escrevo. Era estudante do ensino técnico de uma escola particular que prometia profissionalizar os jovens. Mas por ironia do destino isso se cumpriu, no meu caso, não no curso escolhido, mas nas atividades paradidáticas de Teatro, o chamado Projeto Criação, podendo me expressar por esta linguagem como também vivenciar num coletivo de jovens aspirantes o que o fazer teatral envolvia: jogos de improvisação, corpo, som, iluminação, experimentações em artes visuais. Enfim, toda a complexidade criativa e expressiva que o fazer teatral permite. Ali, naquele auditório que deveria ter capacidade para umas 280 pessoas na plateia, passei meus sábados e muitos domingos durante três anos. No primeiro ano vivenciei as rudimentares ferramentas da linguagem, culminando com uma montagem “Futuro do Pretérito Imperfeito”, num processo colaborativo – muitos anos depois conheci este termo denotando um processo criativo, mas que na época vivenciei em sua inteireza, sem nenhuma pompa e com toda a intensidade. Tinha um tom futurista e bastante politizado o texto, mas claro, com uma pitada de humor, própria da juventude, com as piadas que o grupo via no dia-a-dia, nas grandes mídias e sociedade. No segundo ano uma imersão maior, a montagem “Bobuque”, a partir da obra de Domingos Pelegrini “As batalhas do Castelo”. Lembro-me de minha insegurança: era a novata do grupo de amigos e colegas da montagem. Estava na época afirmando minha rebeldia juvenil, reconhecendo potenciais e habilidades que dariam margem para minha escolha profissional e minha postura na vida. A montagem foi permeada por um trabalho de profundidade de pesquisa, semelhante ao processo de muitos grupos profissionais. Essa vivência foi importantíssima para muitos amigos que ali afirmaram seu interesse em se profissionalizar. E eu ali junto! Desta maneira, quando terminado o processo (re)descobri um anseio de menina: ser artista plástica. Enchi-me de coragem e lá fui

estudar Artes Plásticas numa universidade pública. E com os amigos que queriam ser atores me mantive aliada, como uma donzela apaixonada pelo canto da cotovia, que segue o canto, pois não consegue deixar de querê-lo em seu ouvido, em seu coração. É aqui então, neste cenário, que componho uma canção coletiva, chamada Cia Teatral ManiCômicos, com amigos e amiga tão queridos. É aqui que inicio minha vida artística. E mesmo na universidade de Artes não pude, não consegui deixar de lado o fazer teatral. É neste ambiente que conheço o afeto por aquele que é meu companheiro até hoje, Jean Fábio – também aluno-ator do Criação e que em 1998 se soma à trupe. É neste solo fértil que planto as duas sementes mais fecundas de minha vida, minhas filhas Aurora e Bárbara. E hoje, mesmo não pisando mais em um palco, sinto o eco, a trombeta, a sinfonia das descobertas feitas em 1995, em meus quase 15 anos... Não sabia, mas talvez pressentisse já a genialidade deste processo de criação, legitimando a voz do jovem. Um educador que se mostra em sua inteireza, inclusive com uma ternura paterna, mas sem nenhum paternalismo, sem postura de mestre vaidoso. Numa relação de alteridade que conduziu tantos jovens a descobrir a própria vida. Um Teatro que não se encerra em suas coxias, mas que revela o palco da vida. Cada colega buscou e seguiu os próprios anseios. Mas sem dúvida o ambiente de criação do Projeto forneceu ferramentas para os jovens conhecerem um tipo de cultura (Teatral), para se conhecer e (re)conhecer o outro. Cabe ainda nesta carta, numa declaração de amor explícita, narrar que em 2011, quando ferida da partida da companhia na qual fiz carreira, família e vida, re-encontrei este querido homem nos corredores do Centro Cultural Maria Antonia, onde fui fazer minha especialização. E como que presente da vida, o recebi como meu orientador de monografia e com a mesma postura dos idos de 1995 me acompanhou na tessitura- texto, criação em palavras, da monografia que registrou meu processo de docência em arte teatral e plástica para crianças, me ajudando a fechar as feridinhas expostas e abrir o peito para a vida... É Celsão! Mais uma vez você me acompanhou na reafirmação de minha voz! Namastê. Hoje, São José dos Campos, 09 de março de 2015. (Cyntia de Medeiros Botelho, aluna do Projeto Criação, depoimento autoral escrito).

Depoimentos que atravessam o oceano e chegam ao porto seguro. Marcelo Gomes Miguel foi um daqueles encontros e pessoas que ditam um movimento de acolhida que nos enche de prazer, alegria e saudades. Enveredou-se por caminhos distantes, frios, desafiadores e de muito aprendizado. Alemanha é o porto de chegada, o início de uma aventura maravilhosamente intensa e cheia de vida, de filhos: Iara e Severino: o milagre da multiplicação. Muitas bênçãos acolham esses amigos eternos!

Querido Mestre, com grande alegria recebo notícias do doutorado sobre o seu trabalho, que por absoluta sorte e felicidade tive a honra de participar. A minha memória é repleta de imagens e sentidos do tempo

que fiz parte do projeto Criação no início dos Anos 90 no Colégio Radial em São Paulo. Ali tive a chance de descobrir um grande amor por um ofício, por uma profissão: a fazedor de teatro, profissão que por grande sorte posso hoje exercer. Sim fazedor de teatro, não somente ator, diretor ou arte-educador, naqueles tempos me apaixonei por tudo que fazia parte desse mundo chamado Teatro. Eu venho de uma família muito simples, de emigrantes que vieram tentar a sorte em São Paulo, por isso vivíamos na chamada periferia da cidade. Para poder estudar em uma escola particular como o Radial, eu, como outros tantos amigos daquele tempo, tinha que trabalhar durante todo o dia (das 7 hs as 17 hs) em uma fábrica para poder pagar a mensalidade da escola profissionalizante que eu podia frequentar no período noturno. O meu curso era de Administração de Empresas, veja só a ironia, entrar numa escola para ser administrador e sair fazedor de teatro. Tudo foi acontecendo aos poucos, uma paixão anunciada. Não me lembro de praticamente nada do curso de Administração, todavia das aulas de teatro tenho algo pra contar. Lembro-me muito bem do primeiro dia que eu te encontrei, que te procurei para fazer parte do curso de teatro extracurricular que a escola oferecia. Recordo-me do seu sorriso e olhos brilhantes. O grupo já estava no meio do processo de criação, por isso estavam no momento de escrever o texto do espetáculo. Mesmo chegando atrasado nesse processo, você fez questão de deixar claro que eu era bem vindo ali, que podia fazer parte do grupo e também do espetáculo que estavam preparando. A história da peça falava da situação política do Brasil, com seus políticos corruptos e o povo lutando por uma vida melhor, se chamava “Brasil Mostra Sua Cara”. Ah esse sonho juvenil de transformar o mundo, quebrar as barreiras do sistema. Pena que o Brasil tenha mudado pouco nesses mais de 20 anos passados. Com o texto praticamente pronto, fomos para os ensaios, destes momentos não tenho tantas imagens concretas, mas sentimentos. O que mais me recordo de você nesses momentos é o tesão de fazer aquilo, esse sentimento eu carrego dentro de mim até hoje. Aquilo era o seu trabalho, você ganhava o pão de cada dia para sua família, mas pra você aquilo era muito mais, você fazia tudo aquilo com muita gana. Lembro-me muitas vezes de ver você vibrar com as cenas, como um torcedor que vai para o estádio louco por seu time de futebol; lembro-me de você assistindo os seus alunos no palco de uma escola. Era impressionante a sua fé em todos os participantes do grupo, não importava quem era o melhor ou pior ator, o grupo era mais importante, o espetáculo era de todos. Hoje sei que isso deveria ser um dos princípios básicos da arte-educação, mas também deveria ser do convívio social. No segundo ano que participei do projeto, eu veria a ver e vivenciar naquele ano um dos acontecimentos mais impressionantes que eu vi na minha vida. Por ter feito parte do projeto no ano anterior, eu me dispus a ajudar nas inscrições daquele ano, os novos alunos não paravam de chegar para se inscrever, os grupos em pouco tempo estavam completamente lotados e você tinha que buscar soluções para a enorme demanda, se me lembro bem foram mais de 500 inscritos. Então foi feita a dádiva: numa escola técnica, centenas de alunos se dedicavam a essa arte de imitar a vida. Foi como uma bomba atômica de arte que tinha em seus ingredientes um professor dedicado, altamente

capacitado e apaixonado por seus alunos e jovens que expressavam seus sonhos, valores e ideias em cenas teatrais. Eu fiz parte do grupo que criou o espetáculo “Ser Atemporal” que inventamos para contar histórias de uma luta entre o bem e o mal, que acontece tanto no mundo que vivemos e na sua história humana no decorrer dos séculos quanto dentro de todo o ser humano que tem que escolher seu caminho. Para aqueles jovens daquele tempo, envolvidos num furacão de ideias, o sonho era muito claro: queríamos um mundo melhor. Sim, apresentar com as próprias ideias foi uma experiência emocionante. Mas tudo foi muito além quando todos os grupos se encontraram para apresentar seus trabalhos, neste momento acontece um festival de teatro com a participação de centenas de alunos de uma mesma escola que descobrem que além de apresentar seus pensamentos podem assistir a outros tantos amigos e colegas que sobem ao palco e que de um momento para outro deixam de ser pessoas simples do cotidiano para ter um brilho diferente quando as luzes do palco se acendem. Que coisa era aquilo? Porque aqueles jovens tinham uma força diferente quando estavam representando? Poucos minutos antes da apresentação eram pessoas normais e de repente se transformavam. Era uma presença que contagiava a todos, como uma onda magnética sobre todos nós. De uma pequena sala de iluminação, através de uma pequena janela que mirava para o chamado auditório da escola, nos acompanhava com olhos de águia um Mestre chamado Celso Solha que teve a ousadia de acreditar nos seus alunos, que ainda foi além, teve a coragem de amá-los. A terceira experiência, querido Mestre seria para mim fundamental para descoberta da minha ideia/sonho de vir a ser um trabalhador de teatro. Quando nos reunimos naquele grupo que iria criar o espetáculo “Bobuque” sabíamos que queríamos ir além, muitos de nós alunos já tínhamos participado de duas experiências anteriores, além disso, era também para a maioria de nós o último ano na escola, ou seja, aquilo seria também uma despedida. Acredito que naquele momento nos foi proporcionado a oportunidade de vivenciar a criação de um espetáculo com qualidades profissionais, tanto no trabalho de criação como no de finalização como figurinos, luzes, cenário e etc. Sim, sonho podia se tornar realidade. Em um dia depois de um dos ensaios eu e, como você sabe, meu grande amigo e companheiro de cena daquela época, Fabio Resende decidimos ali na porta do colégio que iríamos trabalhar como atores, no dia seguinte deixamos o trabalho nas empresas que nos contratavam. Claro que a vida rapidamente nos mostrou que se tem que lutar muito pra conseguir o que quer, e que sonhos juvenis passam por muitas provações. Ainda passariam alguns anos para fundarmos nossa Companhia de Teatro. Outra coisa muito importante nesse terceiro período foi a sua sensibilidade para convidar alguns de nós “mais velhos” para nos tornarmos seus assistentes com os grupos novos. Eu me dava conta naquele momento que tinha aprendido muito naqueles anos e a oportunidade de repassar conhecimentos para o mais novos me dava imenso prazer, porém mais do que isso você Mestre compartilhou comigo a arte de ensinar, que também era uma arte de aprender, ou talvez mais do que isso era uma arte de trocar. Sou imensamente grato por nossas horas de conversas que passaram a ser cotidianas. Como um mestre pode ser amigo de uns jovens que ainda estavam no fim de suas

adolescências? Não sei, só sei que meu sentimento já era de ter um Mestre-Amigo. Passados todos esses anos, estou aqui em minha mesa de trabalho em Freiburg, sul da Alemanha, onde vivo e trabalho, atualmente tenho me dedicado no desenvolvimento de dois projetos teatrais que devem estreiar em 2015 aqui. Eu me emociono profundamente com as recordações daqueles tempos, de lá pra cá, passei por inúmeras experiências teatrais pelo mundo a fora, com atores e diretores das mais diversas culturas. Porém sinto que minha base foi fundada no Projeto Criação, é o alicerce para tudo o que eu faço, é a base que eu tenho certeza que vou levar para toda a minha vida. A você querido Mestre-Amigo mando um abraço de coração quente, daqueles que nos ofertamos em nossos encontros. Com amor, (Marcelo Gomes Miguel, aluno do Projeto Criação, ator, diretor, fundador da Cia. Teatral ManiCômicos)

Notícias vindas da Cordilheira dos Andes, Chile. Clarisse G. Fu encontrava-se no canto de raízes latinas, nos instrumentos de cordas e sopros que encantavam a todos. Com os amigos, também chilenos, que compactuaram com as mais lindas criações artísticas que envolviam as linguagens artísticas da música, da dança, da literatura e do teatro. Vivemos versos do poeta chileno Pablo Neruda, canções das raízes chilenas, danças, com muita pulsação, parceria, vida! Quantas apresentações do grupo, nas escolas da região sul do município de São Paulo, no centro cultural Monte Azul e a recepção calorosa que acolhiam esses artistas:

Primeiro que tudo, Celso, peço desculpas pela minha ortografia, já que faz 19 anos que estou morando no Chile e não escrevo há muito tempo uma carta em português. Teclado espanhol não tem cedilha, e outras acentuações, e o corretor ortográfico troca algumas palavras. Projeto Criação, o meu processo vivido no projeto criação mais que um processo, foi uma maravilhosa e fascinante experiência de vida. Antes de chegar ao projeto, era bem tímida, falava somente com pessoas conhecidas dentro do meu círculo, e me sentia muito a vontade passar despercebida. Decidi entrar no projeto, para de certa forma, perder essa timidez, trabalhar meu pânico de falar em público. Conheci gente maravilhosa, pessoas muito diferentes umas das outras, lindas por dentro e por fora.

Trabalhei o meu pânico para falar em público, o seu apoio Celso foi no momento exato, cheguei a pensar que não poderia dizer minhas palavras em cima do palco, pensei que não servia para isso, mas a forma que você dirigiu e organizou a obra, me fez sentir muito a vontade, que nem lembrava do meu pânico que tinha de falar em público. Uma época maravilhosa, insisto, e inesquecível, meu último ano no Brasil, uma despedida maravilhosa. Realmente uma época inesquecível tem fotos, e fotos da faixa de despedida que fizeram para mim. Nunca pensei que conheceria gente tão linda e maravilhosa assim... Obrigada Celso pela

oportunidade de me receber, sem ter um pingão de experiência na área teatral, projeto criação está dentro do meu coração para sempre. Um abraço gigante, e muita saudade. pd: espero ter transmitido o caminhar de sentimentos que levo dentro do meu coração quando lembro de projeto criação. (Clarisse González Fu, aluna do projeto Criação, depoimento autoral escrito).

Cartas dos mestres do ofício da docência no chão da sala de aula e do lugar criativo de ensaio

Antigos alunos, hoje parceiros na arte, na busca do ser criativo, crítico e agente do seu tempo. Que prazer tê-los ao meu lado! Esses registros corroboram com a máxima de que: se a escolha de um educando acontecer, faz todo o sentido a busca empenhada!

Um verdadeiro mestre deve reconhecer no voo do aprendiz o salto mais lindo e amplo de todos. Acompanho o “voo incrível” no depoimento do querido amigo Fábio Resende, um artista intenso que pulsa vibrante nas suas criações artísticas. Realiza um trabalho teatral de grupo, coletivo, uma referência nacional com a Brava Companhia; traduzido em pesquisas acadêmicas de mestrado e a elaboração de teses de doutorado, que legitimam um trabalho artístico teatral de primeira linha no cenário nacional; a sua ação através da vivência pedagógica artística com a educação confere a sua trajetória profissional como arte-educador uma excelência nas realizações elaboradas ao longo dos (16) dezesseis anos de existência da companhia teatral e da sua inserção no teatro educação. Esse depoimento traduz fielmente a trajetória, o percurso de aprendizado, de ensino, de conquistas, os quais nos constroem:

CARTA AO MESTRE CELSO SOLHA OU PEQUENAS PALAVRAS SOBRE A TRAVESSIA QUE É A VIDA

PRÓLOGO: Fato inesperado

Um sábado do ano de 1993. Numa sala de um colégio privado, jovens adolescentes realizam uma improvisação teatral. Entram em cena quatro pessoas. Três garotos e uma garota. Fingem estar assistindo a um jogo de futebol pela TV. Nenhuma fala. Apenas palavras do corpo. No ápice do jogo assistido, o inesperado acontece e os jovens fazem gestos mostrando que a energia elétrica havia acabado. Confusão em cena. A energia elétrica retorna e ouvem-se as palavras do corpo num grito de gol sem som, com potência de corpos que começaram a desabrochar, a reviverem. Eu era um destes jovens. Felizmente!

Quando fui convidado a escrever uma carta ao meu querido amigo e mestre Celso Solha, me perguntei: Por que não o fiz antes? Por que nunca havia, a exemplo de Bertolt Brecht, escrito um poema a um companheiro de estrada, de teatro, de vida? Talvez porque parte deste poema não escrito em palavras vem sendo escrito e dedicado a ele pelas obras realizadas no teatro por mim, a partir dele. Celso Solha representa, sem dúvida, meu ponto de partida. Faço parte de uma geração de pessoas que compôs uma história quase inacreditável, extremamente vigorosa, uma história cujos atores e atrizes a compunham ao mesmo tempo em que se compunham, que se descobriam, que se permitiam lançar-se à linda aventura do risco, da dúvida, do movimento que é a vida. Essa história teve início em 1993 no Colégio Radial – *instituição de ensino médio cuja vocação era a formação de técnicos*. Eu estudava, ao mesmo tempo, o colegial e técnico em publicidade. Eram centenas de alunos e alunas que se enfileiravam para passarem seus cartões magnéticos nas catracas de entrada do colégio, rumo às dezenas de salas sobrepostas em andares múltiplos que eram fechadas no horário exato e abertas quando o tempo da fala dos professores acabava, não por desejo, mas pela imposição das horas vendidas pela informação que nos era dada. Nós, os jovens, sedentos por encontrar um caminho na vida, eu, um menino magricelo, office boy de uma metalúrgica, seguia o caminho trilhado por séculos a quem depende da venda da força de trabalho para sobreviver, ou seja, estudar, trabalhar e dormir para depois um dia, trabalhar e dormir e mais a frente quem sabe, não dormir por que muito trabalhou. Baseávamos nossos desejos naquele lugar numa operação tripla: pagar a mensalidade, aprender e quem sabe trabalhar na área estudada. Olhando distante posso dizer que ainda bem que o inesperado rondava aquele mar de falsas certezas. Eis que ouvi de uma professora de português- que infelizmente esqueci seu nome – que começariam em março as aulas de teatro dadas por um professor, ator e diretor teatral. Imediatamente fui procurar como me inscrever e recebi a notícia do próprio professor Celso Solha, que as vagas estavam esgotadas. Devido ao trabalho e ao estudo à noite, só poderia fazer na turma de sábado pela manhã. Fingi que não ouvi a recusa da inscrição e lá estava eu num sábado de março para fazer a primeira aula. Celso olhou para mim, com um sorriso na boca e principalmente nos olhos e pediu que eu entrasse. O primeiro exercício foi justamente o que havia acontecido no fluxo da minha vida: “*vocês combinarão um onde, um lugar. Combinarão o que farão neste lugar. Algo inesperado deve acontecer dentro deste lugar que mudará o que estava acontecendo antes. Tudo isso sem uso da fala*”. Disse Celso com os olhos vibrantes. Ora, aquela cena transcrita acima, decorrente do enunciado dito por Celso, foi sem dúvida, a melhor metáfora viva encontrada para este prólogo sobre o teatro, sobre o encontro com Celso Solha, meu fato inesperado. Nunca mais olhei as catracas, os cartões, as salas da mesma forma. Aquela operação tripla do pensamento, a saber: pagar a mensalidade, aprender e trabalhar na área estudada, se transformou em dúvida em interrogação que aumentava a cada dia, a cada aula de teatro a cada encontro com os amigos e amigas daquele tempo mágico, inacreditável. Por que render-se às falsas certezas se um

milhão de fatos inesperados poderiam deslocar-nos a outro milhão de possibilidades?

Aos amigos e amigas Marcelo Gomes, Cynthia Botelho, Jean Fábio e Leila Terra ou Fragmento de um poema dedicado¹⁹

Tão longe
 Medida do oceano impreciso
 Matéria d água de vidas
 Tão perto
 Medida de saudades precisas
 Matéria de vidas amigas
 Tão presente
 Medida de pensamento indeciso
 Matéria de idas e vindas
 Para o leite e o pão
 Violão
 Para o arroz e feijão
 canção
 Para o canto
 Castelo de criação
 Quebra-se o mundo
 Entorta-se a ordem
 Proclama-se a utopia
 Escorre-se o sangue em lágrimas
 Misto de sonho e dor: poesia!
 Cria-se a ação: vida, vinda, ida...
 Nos horizontes
 O encontro

PROJETO CRIA... AÇÃO – UMA LONGA E VERDADEIRAMENTE INACREDITÁVEL VIAGEM

Em meio a um vai e vem de pessoas, estudantes do colégio técnico, surgia em 1993 o Projeto Criação – encontros de teatro organizados e coordenados por Celso Solha, criador do Projeto. O Criação, como chamávamos, conseguiu desorganizar a ordem do colégio, conseguiu reorientar desejos, criou novos nortes, novos caminhos. Em resumo o Criação foi uma espécie de espaço *para-escolar* – conduzir este projeto a uma atividade extracurricular é reduzir demais – onde centenas, isso centenas de pessoas auto pertenciam a esta ideia e prática, a este vulcão de sentimentos e materialidades que era o fazer teatral. Imaginemos centenas de jovens que se encontravam fisicamente durante as aulas teatrais que aconteciam durante a semana e aos sábados, em turmas diferentes e também se encontravam em pensamentos em horizontes aproximados pelo teatro, pelo criar, pelo sentimento de ator da sua própria história, que ali se construía coletivamente. Em 1994, um ano após a fundação do Projeto no colégio, havia cerca de 200 pessoas

¹⁹ Poema escrito durante a escrita desta carta e enviado aos amigos e amigas que participaram comigo do Projeto Criação, coordenado por Celso Solha. (Fábio Resende)

envolvidas diretamente com o fazer teatral, muitos grupos, peças teatrais apresentadas em mostras, organizadas por Celso e pelos fazedores/criadores de teatro, encontros com outros fazedores, etc. O projeto cresceu e Celso convidou alguns de nós para serem seus assistentes/aprendizes e eu fui um desses convidados. Em minha casa, antes de escrever esta carta, recorri às mais de 10 pastas, e 20 cadernos desta época em que escritos, manuscritos de cenas, de textos, observações sobre exercícios, transcrição de falas do mestre estão guardadas, fixadas no tempo e na história do Projeto e da minha própria. Um fato metodológico que destaco é o do pertencimento ao projeto e não apenas participação nele. O espaço ao pertencer-se esteve sempre aberto. Pertencer significava atuar sobre a história que estava sendo construída e não apenas passar por ela, mas acontecer nela, durante sua trajetória. Em minhas pastas e anotações estão escritos, dramaturgias que eu, garoto filho de operários, office boy, estudante de escola pública e cursando o colégio técnico, ajudei a criar a compor a encenar. Ora, estou falando de arte, que em nossa sociedade foi sempre um privilégio dos mais ricos, ou melhor, dizendo, pensava que fosse assim. Nós, os meninos e meninas, atuávamos, escrevíamos, encenávamos, construíamos cenários, figurinos, pensávamos estar a construir maneiras diferentes de se fazer teatro, de criar. Nós podíamos! Construimos novas perspectivas. Aumentava então a tensão entre velhas e novas possibilidades. Como disse, Celso convidou alguns de nós para serem assistentes/aprendizes em suas aulas. Eu participei como assistente durante dois anos: 1995 e 1996. Neste novo caminho, outras possibilidades se apresentavam a mim e a outros amigos. Pude então, além de atuar nas peças, ajudar a dirigir, continuei escrevendo e pude agora distanciar-me das práticas para aprendê-las de novo, agora sobre o ponto de vista do provocador. Percebi-me, e consigo resgatar a sensação física disso, que estava dentro de mim um conflito que deveria resolver de forma urgente: seria o teatro minha razão de vida? Deveria me dedicar exclusivamente a isso? Deveria abandonar por completo a ideia dominante do trabalho para a sobrevivência e partir para o trabalho mais verdadeiro, aquele que não seria apartado da vida, mas inserido nela?

Os Sete Palpites da Vida Eterna

*"O primeiro palpite: Só a morte é certa, além, é claro dos **imprevistos e das descobertas**. O segundo palpite: O que passou, passou não vai mais voltar. Ninguém pode adivinhar o futuro e assim, **a eternidade é hoje**. O terceiro palpite: O **perdão** é para curar o coração, e para os males da alma o melhor é não ter nenhuma ambição. O quarto palpite: Ninguém é maior que seu próprio tamanho, mas que **vontade e determinação**, podem remover montanhas. O quinto palpite: Para trabalhar feliz só há um jeito, **fazer com prazer e cada vez mais bem feito**. O sexto palpite: Garantia que para a aventura é preciso **coragem**, mas que **mudar a si mesmo é a maior aventura**. O sétimo palpite: A vida é mistério, a morte é segredo – então por que tanto espanto? **Para que ter medo?**" (As Batalhas do Castelo - Domingos Pellegrini, Ed. Moderna, 1987).*

CASTELO DE NOSSO CANTO OU OS PEQUENOS MAPAS

Pois bem, no final de 1994 e início de 1995 começávamos a ideia de formar um grupo de teatro amador em Santo Amaro e ocupar o teatro do colégio como nossa sede. Muitas conversas, muitos sonhos divididos sobre isso. Eu estava totalmente engajado no projeto Criação e ao mesmo tempo com um conflito dominante apresentado acima. Celso, sem que eu dissesse ou contasse para ele parte dos pensamentos que punham em dúvida, me levou a seu carro e sem dizer nada começou a dirigir rumo a Escola de Arte Dramática (EAD- USP). Lá assistimos a peça “A Tempestade” de William Shakespeare. Todas as minhas dúvidas desapareceram, toda a minha energia de jovem pessoa canalizou-se para o desejo e atitude de criar, de fazer, de viver teatro. Celso estava de novo com aquele olhar que me recebera na primeira aula de teatro que fui “sem ser convidado”. Fundamos o grupo de teatro amador, continuei sendo assistente de diversos outros grupos e montamos a peça “Bobuque” inspirado no livro “As Batalhas do Castelo” de Domingos Pellegrini. Um ano de ensaios, quase um ano de apresentações da peça que só hoje entendi. O enredo principal da peça tratava de um bobo da corte que recebia de um rei moribundo o título de duque, um castelo e o direito de nomeação de outros cavaleiros, serviçais, etc. para o servirem. Com a morte do Rei, seus filhos, os príncipes, destinaram a ele um castelo abandonado, o Castelo do Canto e deram-lhe o direito de “recolher” seu povo na cadeia ou nas ruas onde viviam os párias, mendigos, etc. Nossa peça mostrava a trajetória de um pequeno agrupamento de pessoas tentando viver fora da ordem estabelecida, tentando criar outra maneira de vida, sem fronteiras entre o humano. O Castelo do Canto foi ocupado, ao mesmo tempo, na ficção e na realidade, já que nós, jovens aprendizes de gente, nos formávamos ao mesmo tempo em que criávamos que construíamos os alicerces de nosso próprio castelo, nosso. O prazer e a dor andavam de mãos dadas. A ficção e realidade se misturaram neste processo intenso que foi a montagem de Bobuque, a busca pelo Castelo do Canto, jamais teve fim, ousou a dizer que nunca esteve tão viva. A busca de um lugar onde novas possibilidades estão apresentadas, em que novas formas de vida podem ser construídas em que o aparentemente errado é a coisa certa a se fazer. Bobuque e seu povo, ou melhor, dizendo, os excluídos da ordem, refundaram-se na peça como humanos, sem lastro econômico, o trabalho era realizado em sua plenitude, criativo, transformador vivo, para a vida. Em algumas palavras: aprendi com Bobuque que o mundo não está terminado. Aprendi com Celso que a vida é implacável, mas maravilhosa. Que o teatro não é perfumaria é divertido. É capaz de escavar a nós mesmos por dentro em busca daquilo que mais somos e que mais nos escapa, artistas, humanos, homens e mulheres, atores e atrizes da história inacabada, caprichosa, que não tem o nosso tempo nem o nosso tamanho, mas carrega nela um pouco de nós. Celso Solha, você foi meu ponto de partida e é meu companheiro de viagem. Nosso canto, nos espera, sei lá onde e quando o encontraremos, mas nosso teatro, com certeza está ajudando a construir parte do mapa que levará a humanidade a recomeçar. Nosso teatro é o inesperado que pode mudar o fato organizado nesta cena chamada sociedade. Grato!

Muito grato! (Fábio Resende, Fundador da Brava companhia / ator / diretor e dramaturgista teatral)

Depoimento de quem faz do chão do espaço criativo, o universo de transformação do ser. Ademir de Almeida, um daqueles educandos que mergulhava intensamente nas suas convicções e criações artísticas; ligado intimamente a música, vivenciou experiências contundentes com o fazer teatral, que redirecionaram a sua ação profissional. Participou ativamente da construção e formação da Brava Companhia e agrega a ela a identidade e a autoria. Um dos pilares da Brava e se compromete a todas as propostas artísticas, políticas e sociais do coletivo. É mentor de processos artísticos coletivos de criação colaborativa:

A descoberta da imaginação sem limites

Meu primeiro contato com o teatro se deu, meio que por acaso em meados dos anos 90, quando cursava o colegial técnico em “processamento de dados” no Colégio Radial, localizado no bairro de Santo Amaro, zona sul de São Paulo. Acabara de entrar nos meus 20 anos e a motivação para os estudos ligados à área da informática era óbvia e pragmática: a busca por mais chances e melhores salários no mercado de trabalho. Vindo de uma família simples e de pouca instrução, de pai trabalhador da construção civil e mãe dona de casa, estudei a vida toda em escolas públicas da periferia – onde o ensino é precário e o contato com a arte, nas poucas ocasiões em que existe, é feito de maneira equivocada. As referências culturais e artísticas mais significativas da minha trajetória de criança e adolescência foram a televisão e os quadrinhos. A primeira, ainda na infância, me colocou em contato com desenhos animados. Mais tarde, séries e filmes, passaram a dominar meu interesse (aventura, super-heróis e terror eram meus gêneros favoritos). Já os quadrinhos me foram apresentados por meu pai, que apesar do pouco estudo, compreendia a importância da leitura. O trabalho era duro, o salário pequeno, mas meu velho sempre dispunha de algum dinheiro para adquirir revistas da Turma da Mônica, numa época em que eu ainda juntava minhas primeiras sílabas. Algum tempo e algumas centenas de revistas lidas depois, abandonei as aventuras simples e divertidas da Mônica e do Cebolinha e passei para as tramas mais elaboradas e fantasiosas de Batman, Homem-Aranha, Super-Homem e companhia. Daí para os primeiros livros foi uma passagem quase que natural. Já o teatro atravessou a minha vida por acaso. As aulas dessa linguagem no Colégio Radial eram opcionais e fazia parte de certo Projeto Criação, coordenado pelo Professor Celso Solha. Não me lembro de nenhum contato com teatro antes desse período. Os hábitos culturais da minha família eram simplórios e se limitavam a televisão, rádio, LPs e, eventualmente, uma ida ao cinema para ver os filmes d’Os Trapalhões. Teatro era algo ignorado por meus pais. Pode ser que eu tenha participado durante a infância de alguma atividade ou apresentação no

período escolar. Mas, se aconteceu, foi algo tão insignificante que não me deixou nenhuma memória. Tinha uma ideia vaga do que era teatro e nunca havia me imaginado como ator. Meu ingresso nas aulas do Professor Celso Solha foi motivado, pura e simplesmente, por ciúmes da minha namorada na ocasião que queria frequentá-las. Minhas expectativas eram as piores possíveis. Tinha certeza que iria morrer de raiva ou de tédio nas tais aulas de teatro. Nem imaginava que iria encontrar ali algo que mudaria minha vida para sempre. No começo o que mais me chamou a atenção foi o próprio professor, bastante empolgado com o que fazia – diferente da maioria dos docentes com os quais eu tinha tido contato até então. Além da atitude extrovertida, havia também um carinho dedicado a cada aluno e uma preocupação em conquistar o interesse de todos. Gente de todos os tipos aparecia nessas aulas. Alguns bem jovens, outros nem tanto, uns poucos com experiências passadas em teatro, outros que buscavam seu primeiro contato, muitos curiosos, outros aventureiros e alguns deslocados, como eu. Depois de algum tempo, todos estavam contagiados pelo vírus do teatro e as particularidades individuais pouco importavam para o grupo que passava a ter um objetivo comum: fazer teatro. Dois ingredientes eram essenciais nessa alquimia produzida nas aulas do Professor Celso Solha: diversão e liberdade. A linguagem teatral era trabalhada em jogos e práticas que privilegiavam a diversão, a alegria no fazer. Fazia-se teatro jogando, brincando. Não havia cobrança por conhecimentos prévios e nem exigência de talentos individuais. Todos podiam participar. Para quem não tinha a menor ideia do que era fazer teatro, realizar o primeiro contato com a linguagem dessa forma fazia toda a diferença. A liberdade para criar também era um estímulo poderoso para todos. Vivendo num mundo onde nossa imaginação é limitada o tempo todo, encontrar um espaço onde a prática do imaginar e do criar é totalmente livre era como encontrar a terra de Utopia. Nada era cerceado, todas as ideias e criações dos participantes, mesmo as mais absurdas e estranhas eram aproveitadas, e sempre costuradas em situações e cenas divertidas. Lembro-me de aulas em que nos divertíamos tanto que, ao final, era triste ter que ir embora para casa. A vontade era de ficar e criar mais. Foi nessas aulas que um dia me dei conta de algo incrivelmente poderoso: no teatro era possível materializar absolutamente qualquer coisa. Era possível criar e recriar mundos, dar vida a qualquer personagem, fosse ele humano, animal ou monstro, era possível convocar exércitos, fazer guerras, coroar e derrubar reis, ir para outros planetas, ressuscitar mortos... Não havia limites. A não ser a nossa própria capacidade de imaginar. Daquele instante em diante o teatro se tornou, de vez, parte da minha vida. Depois do Projeto Criação, passei por alguns grupos, estudei e tive outras experiências com teatro. Hoje sobrevivo como integrante de um coletivo teatral chamado Brava Companhia. Atuo, dirijo, escrevo e dou aulas de teatro. Tenho 41 anos e posso dizer que já vivi algumas coisas, mas nunca vou me esquecer da sensação que tive naquele auditório do Colégio Radial em meados dos anos 90, quando durante uma aula do Professor Celso Solha descobri que no teatro eu poderia fazer qualquer coisa. Muitos anos depois, acho que agora entendo o significado político dessa descoberta e porque o teatro é tão

combatido por certos regimes: o despertar da potência criativa humana sem limites, quando aliado a uma prática consequente, é capaz de fazer da linguagem teatral uma poderosa ferramenta para que homens e mulheres aprendam a recriar e transformar sua própria realidade. Obrigado, Professor Celso Solha. (Ademir de Almeida, aluno do Projeto Criação, ator, diretor, dramaturgista, fundador da Brava Companhia, depoimento autoral escrito.)

Cartas das experiências que deixam registros e marcas

Algumas marcas deixadas pelo Projeto FESPSP de Teatro:

São Paulo, 27 de Novembro de 2010. Estivemos hoje no CEU ALTO ALEGRE, sito a Rua Bento Guelfi, s/nº – Jardim Laranjeira. O espetáculo às 15h00 transcorreu bem em termos de ritmo e energia, contou com um bom público, em sua maioria crianças, que proporcionaram um feedback minucioso em relação a algumas cenas. Como tem acontecido em todos os CEUS, fomos muito bem recebidos e tivemos todo auxílio necessário no entorno que antecedeu a apresentação. Foi a nossa última apresentação nesse ano de 2010 e teve um encerramento marcante com a utilização de bexigas que foram distribuídas após o espetáculo aproximando ainda mais palco e plateia culminando com inúmeras fotos essa tarde tão gratificante em todos os sentidos. Aproveito o momento e faço algumas considerações. Entendemos que dispomos de um momento privilegiado de expor nosso trabalho observando a diversidade e o cosmopolitismo que uma cidade como São Paulo oferece em termos de realidade e de valores. Momento extremamente oportuno para repensarmos condicionamentos, objetivos, idealizações, quebrarmos de vez com os ícones, pondo em evidência nossas alegrias e tristezas, nossos prantos e nossas gargalhadas isso, através desse universo fascinante que é o teatro e assim levarmos experiências e conhecimentos para além da representação, para um desenvolvimento do senso crítico que culminem na valorização da arte e da cultura bem como das idealizações sociais.

São Paulo, 19 de Março de 2011. Apresentação: FUNDAÇÃO CASA às 15h00.

Toda acolhida e viabilização se devem ao grande trabalho da Débora que realizou a ponte entre a Fundação Casa e Projeto FESPSP de Teatro. O grupo se adaptou muito bem aos procedimentos convencionais da Fundação interagindo de forma positiva com todos os funcionários e internos que nos proporcionaram uma tarde diferenciada em função da realidade vivida por aqueles adolescentes, muitos deles sem jamais terem vivenciado a experiência de assistir uma peça, o que reforça a importância que o Projeto FESPSP de Teatro vem representando enquanto função artística, social e também educacional. Isso se revela uma experiência única para todos os envolvidos, acrescentando muito. (Oberdan Quintino, aluno do Projeto FESPSP de Teatro).

Outros depoimentos:

Sou participante do projeto FESPSP de Teatro desde 2002, claro que houveram interrupções, devido à vida particular, mas o que não foi empecilho para retornar ao lar. O Projeto FESPSP de Teatro é hoje uma realização pessoal e profissional, porque me auxilia em momentos de nervosismo e exposição, como falar em público ou mesmo apresentar trabalhos de escola. Proporciona realização pessoal devido, tratar das apresentações atuais, nos CEUs na periferia, para crianças, adolescentes e mesmo adultos que nunca tiveram contato com o teatro. [...] E cada ano que passa, estamos fazendo novos contatos, com outros grupos de teatro que participam de oficinas culturais, parceria com a prefeitura, mostra cultural com a subprefeitura de Santo Amaro, e assim expandir mais e mais nosso trabalho. A maior satisfação de estar nesse grupo que é a coragem de ir todos os sábados, de manhã, participar de toda etapa para chegar na apresentação, é o retorno da plateia. O que torna mais real nossa dedicação, e um motivo a mais de querer desempenhar melhor, brincar mais, continuar desenvolvendo mais trabalhos para ampliar nossa rede de contatos e alcançar outros lugares. O desafio do Projeto FESPSP de Teatro é tornar realidade todos os nossos sonhos, assim como transmitir sonhos através de cada apresentação, personagem, trabalho realizado por nós. Meu nome é Ana Letícia de Faria Guimarães, sou aluna formada em Administração pela FESPSP e atriz do Projeto FESPSP de Teatro.13/4/2009).

Outro que encontra sentido e a possibilidade de novos caminhos:

Durante esta caminhada, e lá se vão mais de dez anos, aprendi que é possível estabelecermos uma relação de confiança entre um grupo que é liderado por alguém que acolhe e abre espaço para reflexões ao longo do processo de montagem de um espetáculo. Comecei minha participação no Projeto FESPSP de Teatro atuando como sonoplasta na peça “O Inspetor Geral”, função tão importante quanto à de pisar no palco como ator. Entrei no espetáculo seguinte “As artimanhas de Scapino” e assumi um papel que me trouxe trabalho de corpo e desenvolvimento teatral através da orientação de Celso Solha, o diretor, aquele que olha para o espetáculo com um olhar que antecede a apresentação e faz todos os ajustes possíveis para que a história seja contada com a maior verdade possível. Quando adentramos no Projeto “Teatro e cidadania nos quatro cantos da cidade”, fomos para além dos portões da faculdade experimentar a reação de um público que na maioria das vezes nunca tinham entrado em um teatro ou ao menos assistido uma peça. Ali, aprendemos o companheirismo de grupo teatral, desde a montagem do cenário, luz, som até dividirmos o marmiteix nas coxias, sempre acompanhados pelo Mestre que partilhava a experiência. A vivência que antecede o espetáculo é tão grande quanto o próprio espetáculo, é ela que nos encoraja a subir no palco, sabendo que não estamos sozinhos, porque

teatro se faz juntos. Nos momentos em que tudo parecia dar errado recebíamos uma palavra de incentivo de Celso Solha: “Eu não jogo a toalha, vamos contornar essa situação”, a partir daí as coisas fluíam e conseguíamos colocar o espetáculo no palco com os bordões do diretor: olho no olho, olho vivo, caminhando pelo espaço, garras do tigre, o voo da águia e assim por diante. Dessa experiência posso dizer que tive um mestre e não um professor, por isso, sigo os mesmos passos estudando Licenciatura em Teatro para ser um futuro mestre em arte educação. Nesta carta quero deixar expressado todo o meu carinho e respeito pelo grande Mestre Solha. Mestre é aquele que desenvolve e transmite conhecimento e não apenas o replica. (Ilsom J. Lourenço, aluno do Projeto FESPSP de Teatro).

Depoimentos que se confessam a si mesmo:

São Paulo, 05 de Março de 2015. Eu era uma pessoa muito tímida e com dificuldades em determinadas áreas da minha vida. Na escola eu sofria muito quando tínhamos que apresentar um trabalho para a sala de aula, eu ficava rezando para que todos do grupo falassem e eu não precisasse me manifestar. E quando não tinha como escapar eu tremia, travava, gaguejava e passava muito mal. No trabalho que era direto com o público eu tinha muita dificuldade para interagir com as pessoas, namorar então, nossa, como eu era envergonhada. Desde criança sempre gostei de participar de tudo que acontecia na escola como festas, danças, esportes e sempre me saía muito bem. Cheguei até ter um grupo de dança na adolescência onde nos apresentávamos em vários lugares, e tudo era perfeito, lindo desde que ninguém me pedisse pra falar em público. E assim fui crescendo e comecei a participar de grupos de jovens na igreja, coral e eventos, para conseguir me libertar desse medo que me prejudicava até na procura de um melhor emprego. Os amigos me aconselhavam a entrar em grupo de teatro que lá eles me passariam exercícios vocais e corporais para eu perder o medo de falar em público. Então fiquei com aquilo na cabeça, mas não tinha dinheiro para fazer o tal curso de teatro porque as pessoas comentavam que era muito caro. Passaram muitos anos e eu continuava com o mesmo medo, porém certo dia fui fazer uma visita a Biblioteca Monteiro Lobato e antes de chegar lá passei em frente à Faculdade FESPSP, tinha uma faixa convidando as pessoas da comunidade para participarem do Projeto FESPSP de Teatro. Criei coragem e fui até lá pra saber como funcionava esse Projeto, quando cheguei a uma sala onde já havia algumas pessoas, fui recebida pelo diretor Celso Solha, que explicou tudo e disse que era de graça. Recebeu-me com muita alegria, uma pessoa muito humilde que fez com que me sentisse muito a vontade e me convidou a participar da aula que já iria começar, e eu topei na hora. Nessa época eu trabalhava em um Bingo ali próximo da FESPSP e os encontros do Projeto eram realizados as quartas-feiras da 13:00 às 15:00 horas era uma vez por semana. Esse Projeto foi criado no ano de 2002 era direcionado aos alunos da FESPSP para que os alunos desenvolvessem a expressividade estimulando as várias formas de comunicação. Lá já existiam alunos que estavam no

Projeto desde 2002 e que já tinham realizados apresentações teatrais. Por incrível que pareça me senti muito segura e passei a me interessar pelas aulas. Nessa primeira aula ele pediu que fizéssemos uma roda e depois pediu para cada pessoa se apresentar dizendo nome, idade e o motivo de estar ali. O interessante que estávamos misturados com os alunos da FESPSP e as pessoas da comunidade, e todos estavam ali pelo mesmo objetivo. E com isso comecei a me sentir muito segura. Após as apresentações sentamos todos no chão e o Diretor Solha começou a perguntar para todos o que era Teatro, e pediu para cada aluno dizer duas coisas sobre o assunto. Em seguida foram surgindo muitas coisas como ex; improvisação, ideias, divertimento, mentira, comunicação, expressão, cultura, arte, criatividade e etc. Depois que todos falamos o Diretor passou a dizer que além de tudo que falamos, o Teatro na verdade é um jogo uma brincadeira muito séria, e que esse jogo só seria possível se todos usassem as sete pedrinhas importantes que fazem parte desse jogo, e começou a falar. A primeira pedrinha GRUPO – Você trabalha com os outros com a possibilidade de propor. A segunda pedrinha ENERGIA – O que gera o que envolve com olho vivo e muita pegada. A terceira pedrinha CRIATIVIDADE – ideias, possibilidades de propor as coisas de forma diferente. A quarta pedrinha ESPONTANEIDADE – coisa solta, natural. A quinta pedrinha IMPROVISACÃO – é a possibilidade para conseguir desenvoltura (originalidade) do seu jeito espontâneo. A sexta pedrinha OBJETIVO – aquilo que vou propor e sem objetivo não chego a lugar algum.

A sétima pedrinha VIVÊNCIA – experiências (trocar experiências uns dos outros). E disse que precisamos de todas essas pedrinhas, mas que para esse jogo essa brincadeira séria funcione bem devemos acrescentar três perguntas muito importante. 1ª O que? – Discussão. 2ª Onde? – Em que local (O lugar que não existe é longe). 3ª Quem? – Personagem (Ex: professor, médico, aluno, mãe etc...). Ele explicou algo sobre uma pergunta (COMO?). Disse ser muito perigosa. Eu discuto o que vamos fazer, mas não posso manipular, faça assim faça assado, quebro a espontaneidade do outro. Nossa em tão pouco tempo tanta informação, e eu que estava ali só para aprender a perder a timidez, fiquei fascinada com tudo que ouvi e com a forma que o Diretor ministrava tudo aquilo com tanta dedicação. Só que não parou por aí, e disse mais, O Teatro é um jogo uma brincadeira séria que terá que ser realizado com muita verdade e com muito olho no olho. Em seguida passou alguns exercícios, pediu que caminhássemos pelo espaço da sala sentindo todo o corpo, pés, joelho, coluna. Depois fez um jogo chamado zip, zap e boing, com uma bola imaginária, também passou um jogo em que trocávamos de lugar uns com os outros com apenas o olhar. Nossos encontros eram realizados uma vez por semana, e cada encontro o Diretor Solha trazia algo novo. Adorei uma aula onde ele nos ensinou sobre FATORES de MOVIMENTO; movimentos – Forte/Sustentado/Leve/Repentino e Direto e Indireto; planos – Altos/Baixo/Médio. Os exercícios eram muitos e cada encontro ele nos surpreendia; gostava muito quando depois dos exercícios de expressão corporal e voz, ele passava algumas lições em sala, separava todos em grupos e dava uns recortes e com eles tínhamos que criar cenas com começo, meio e fim. Ex: de um Ditado

popular criávamos com ele uma pequena cena com começo, meio e fim; ou falava uma palavra e essa tinha que ser o final da história Ex: (Sdruskilin Nakalin). Também gostava das histórias que criávamos sem usar a voz utilizando de todos os fatores de movimentos. Depois de todos os grupos realizarem suas apresentações o Diretor pedia para cada grupo comentar o trabalho do outro, e depois que todos falavam era ele quem fazia seus comentários e corrigia nossas falhas e nos parabenizava também. Ele dizia que além desses exercícios que seria bom que todos procurassem ler bastantes livros, fazer muitas pesquisas de Teatro e outros. Pedia para a gente trazer textos de Teatro porque era importante para todas as montagens de peças. Eu fiquei tão apaixonada por tudo que estava aprendendo que ficava torcendo pra chegar logo os dias dos encontros. Comecei a me soltar e me sentia muito mais segura em tudo que fazia no meu dia a dia; além disso, encontrei pessoas naquele lugar que me ajudavam a perder o medo e me incentivava a fazer e falar as coisas sem medo de ser criticada. E mesmo não tendo o olhar do Diretor estava me tornando uma pessoa um pouco mais ousada para comentar em frente as pessoas os nossos e os trabalhos dos outros grupos. Não via a hora de subir em um palco e participar de uma peça de Teatro dirigida pelo diretor Celso Solha só para descobrir a verdadeira sensação de estar de frente ao público; além do mais usando tudo quanto tinha aprendido nos encontros, no fundo no fundo eu sentia que ainda não estava preparada. No grupo do Projeto eu pensava estar bem solta e segura porque passado tanto tempo, já estávamos acostumados uns com os outros. Foi então que um dia fui acompanhar o ensaio do pessoal do projeto que desde 2002 já apresentavam peças Teatrais e eles precisavam de alguém para fazer um personagem que faltava da Peça VOLPONE de Ben Jonson, personagem Bonário e em uma outra apresentação a aluna que fazia a personagem Célia teria que se ausentar por motivos pessoais e o Diretor pediu para eu estudar e substituir nossa colega. Para mim foi duas experiências e tantas, embora os dois personagens tivessem poucas falas e pouco tempo em cena foi sensacional estar em frente ao público e em um palco profissional. Senti uma emoção que nunca sentira em toda minha vida, mais valeu o frio na barriga e consegui participar desse jogo sem deixar a peteca cair. E assim os anos foram passando e eu continuando no Projeto de Teatro, foram muitas aulas, muitos exercícios, muita leitura, muita dedicação, muitos ensaios e também muitas mudanças. Também comecei a me adaptar as novas situações que aconteciam no grupo muita gente passava pelo Projeto e a cada ano entravam novos alunos e também saíram muitos. Em 2004/2005 Apresentamos a peça VOLPONE de Ben Jonson. (Adaptação Celso Solha) na Mostra de Teatro Estudantil do Teatro Paulo Eiró, Colégio Radial e Biblioteca Monteiro Lobato.

Em 2005/2006 Apresentamos a peça O Pé de Cabra de Dias Gomes (Adaptação Celso Solha) na amostra de Teatro Estudantil do Teatro Paulo Eiró. Personagem – Irene (Filha de André e Zenaide). Em 2006/2007 Apresentamos a peça O Apocalipse ou Capeta de Caruaru de Aldomar Conrado (Adaptação Celso Solha) Na mostra de teatro Estudantil do Teatro Paulo Eiró, Cia Paidéia, Centro Cultural Monte Azul e Virada Cultural. Personagem – Rosinha mulher do prefeito. Em

2007 Apresentamos a peça Inspetor Geral de Nicolai Gogol (Adaptação Celso Solha). Personagem – Dobchinsky fazendeiro. Em 2008 Apresentamos a peça Arlequim servidor de dois Amos de na Amostra de Teatro Estudantil do Teatro Paulo Eiró, No CEU Centro Educacional Unificado. Personagem – Beatriz Rasponi. Em 2009/2010/2011/2012 Apresentamos a peça As Artimanhas de Scapino de Molière (Adaptação Celso Solha). Personagem – Scapino. Foram realizadas 14 apresentações nos CEUs - Centro Educacional Unificado. Com o passar do tempo fui amadurecendo e aprendendo cada vez mais, depois de tantos exercícios e de muitas apresentações em diversos lugares fui me soltando e passei a arriscar cada vez mais, perdi uma boa parte da timidez e já não sentia medo de enfrentar o público. O diretor começou a perceber a minha mudança, e passou a acreditar cada vez mais na minha capacidade e passou a me dar personagens como Scapino que tem muitas e muitas falas e que contracenava com todo o grupo em cena e que além de tudo brincava com o público e fazia muitas expressões corporais em cima do palco. Pra mim este foi o melhor personagem que fiz até hoje, aconteceram muitas coisas dentro de 10 anos comigo e com o Projeto FESPSP de Teatro e tudo para o meu crescimento como pessoa. Cada apresentação que fazíamos era muito gratificante, depois cada uma delas, conversávamos com a plateia abrindo espaço para que todos se manifestassem dizendo o que sentiram, faziam perguntas etc. Cheguei a ouvir pessoas dizerem que acreditava que era um moleque que fazia o Scapino, então ficava muito feliz porque sentia que estava fazendo tudo certo em relação ao meu trabalho. O Projeto FESPSP fez com que eu tivesse um contato uma proximidade maior com as pessoas de várias classes sociais. Quando ouvia alguém dizer que nunca tinha ido ao teatro e que era pra gente voltar, nossa ficava emocionada. As crianças queriam nos abraçar, tocar na gente e tirar muitas fotos. E diziam que éramos muito importantes. Passei a fazer muitos amigos e aprendi com o diretor que o Teatro a gente leva pra vida, realmente é verdade, eu mudei muito, hoje em dia não tenho mais vergonha de me comunicar com as pessoas no Teatro, no trabalho, em casa e na vida em geral. Ajudo as pessoas e sou ajudada, acredito que a vida é como o Teatro uma grande Troca. A experiência que tenho hoje eu agradeço ao diretor Celso Solha que ministra esse Projeto com muita serenidade e dedicação. Com ele aprendi a ter disciplina e hoje não tenho mais medo de encarar a vida. (Gigi Santos - Givanilda Silva dos Santos, aluna do projeto FESPSP de Teatro).

O processo de autoconhecimento aparece nas linhas das cartas:

O que dizer de um professor que se dedica em transformar vidas com a sua especialização em arte-educação? Num país onde a arte é desvalorizada, assim como a profissão “Professor”? O ato de lecionar é uma arte! E são poucos os professores que tem a sensibilidade de acreditar que transformar pessoas ainda vale a pena. Celso Solha é força, energia, alegria e acima de tudo não “joga a toalha” em momento algum, mesmo com as dificuldades como falta de recursos materiais, as aulas, os ensaios e espetáculos aconteciam pelo amor à arte-educação. A arte do

teatro (representar, expressar) deveria ser uma disciplina no currículo escolar desde a alfabetização, pois é de suma importância no desenvolvimento corporal, intelectual e vocal do aluno para o seu desenvolvimento social e profissional. Em 2006 iniciei no Projeto FESPSP de Teatro por amor a arte de representar, mas essa vivência me proporcionou uma experiência muito além das minhas expectativas. O que parecia ser apenas um curso de teatro se transformou numa filosofia de vida, o convívio com o grupo e o público foi enriquecedor para a minha mente, corpo e alma. As oficinas se pautavam num aprendizado contínuo e evolutivo, desde aulas teóricas, exercícios corporais e vocais, escolhas e leituras do texto, estudo e pesquisa de figurinos, cenário e personagem até a apresentação do espetáculo, enfim um processo de trabalho que interage como grupo e essa experiência me fez acreditar que é possível fazer muito com pouco. A relação efetiva entre o grupo e o mestre, o espetáculo e o público criam uma empatia e um argumento social e educativo que gera após o resultado dessa transformação que se cria entre o aluno e professor. A iniciativa do projeto “Teatro e cidadania nos quatro cantos da cidade” tinha o objetivo de levar o nosso trabalho aos Centros Educacionais Unificados - CEU em regiões periféricas de São Paulo. Foi uma vivência singular onde a arte de representar se transforma no ato de receber o calor dos aplausos, ou seja, é o momento que o fazer arte-educação transforma vidas. É onde o saber educar se resulta no sonho de um mundo melhor por intermédio da arte. (Andréia Ferreira, bibliotecária, aluna do Projeto FESPSP de Teatro - Março/2015)

Cartas que chegam com muito carinho:

Olá Solha,
Saudades!

Fico muito feliz de saber que você está concluindo sua tese de doutorado. Mais ainda de saber que ela é o registro de sua prática. [...] Conheci o Celso Solha em uma palestra de “Como falar em público” realizada na FESPSP (Faculdade de Sociologia e Política de São Paulo) que ficava muito perto de onde trabalhava. Sou pedagoga de formação e à época trabalhava em uma ONG voltada para as questões ambientais. Tinha verdadeiro pânico de dar palestra com microfone. Falar para 30 pessoas tudo bem, mas para 60, ai meu Deus... Então recebi um panfleto, achei que era o que precisava e eu e meu marido fomos à palestra. Pensava com os meus botões: Será que vou aprender técnicas infalíveis de como falar em público? Acho que era exatamente o que eu procurava naquele momento. Alguém que me fornecesse um guia que desse conta da minha dificuldade. Qual não foi minha surpresa quando fomos convidados a participar de um grupo de teatro gratuito e aberto à comunidade. Quanto aprendizado, prazer e satisfação pessoal vivenciei com aquele grupo. Dos exercícios, dos ensaios, das leituras dramáticas, das viagens e dos projetos só levo boas recordações. Ao longo do processo realizamos um projeto: Teatro e Cidadania nos Quatro Cantos da Cidade. Uma parceria com a Prefeitura de São Paulo e de Cotia, onde levávamos peças de teatro às periferias através dos CEUS de São Paulo e das escolas

municipais de Cotia. Ao final das apresentações ficávamos para um bate-papo com o público. Ver o brilho nos olhos daquelas crianças e ouvir as gargalhadas de quem com certeza nunca haviam assistido a uma peça de teatro era a nossa maior satisfação. Para mim, um verdadeiro presente imaginar que de uma forma ou de outra, dava a minha colaboração para levar cultura às camadas mais populares da sociedade. Sempre acreditei que é disso que precisamos. De Educação e Cultura para transformar uma nação. Enquanto as pessoas riam de nossas peripécias ora nos palcos maravilhosos dos CEUS, ora nos espaços improvisados das escolas de Cotia, meu sentimento era de gratidão. Gratidão pela oportunidade daqueles momentos tão fantásticos que vivenciamos. Era como se a energia do público fosse misturada com as nossas e da mistura nascesse a força do nosso espetáculo. A cada vibração do público, mais energia, mais envolvimento, mais entrega. Simplesmente mágico. Mas o trabalho era composto por outras tarefas. Tínhamos os exercícios, as oficinas, as leituras para a escolha das peças, as construções coletivas de figurino e cenário e os ensaios. Ah! Os ensaios... O que mais gostava era quando o mestre Solha dava uma palhinha e mostrava-nos como fazer. Tinha impressão que o corpo dele falava. Ele sempre nos dizia que teatro era uma brincadeira séria. E levamos mesmo bem a sério a nossa brincadeira. Não sei precisar quantas apresentações fizemos, mas não foram poucas. Sei que conheci Cotia inteirinha e muitos bairros da periferia de São Paulo que sequer imaginava que existia. As viagens formaram um capítulo a parte. Não sei como agradecer as maravilhosas visitas a Mostra Teatral de São João Del Rey / MG. Dois dias inteirinhos dedicados ao teatro. Que maravilha! Assisti a algumas peças simplesmente fabulosas que em toda a minha vida como amante do teatro, ainda não tinha visto. Talvez porque nossa lente agora fosse outra. Via belezas nas atuações que não era capaz de apreciar antes de vivenciar estar do outro lado. Posso dizer que foram dias de uma riqueza incalculável. Esse trabalho, lazer, brincadeira, nem sei como definir foi marcante em minha vida. Na verdade foi um presente que recebi com muito carinho e que guardo em meu coração. Espero sinceramente Solha, que você possa plantar em muitos corações, as energias salutares que despejou nos nossos. E que essas energias voltem para ti em forma de carinho e de satisfação por um trabalho realizado com dedicação, amor e competência. Sou-lhe muito grata e tenho muita saudade de ti. Grande abraço. (Débora Teixeira, pedagoga, aluna do Projeto FESPSP de Teatro – depoimento/março/2015).

E mais carinho e aprendizado marcado:

Mestre. É um grande prazer falar com você. Tenho muitas saudades sua e de toda turma. Um grande abraço. Fui participar de um workshop sobre como falar em público. Na verdade fui apenas acompanhar minha esposa. Qual não foi minha surpresa quando neste workshop recebemos o convite para participar de um grupo de teatro. Sempre fui apaixonado pelo teatro,

mas nunca me passou pela cabeça participar de um grupo. De início meus preconceitos me diziam para não participar, entretanto minha paixão pelo teatro falou mais alto. Dificilmente alguém que gosta de teatro consegue deixar de se contagiar por esta paixão quando ela é apresentada da forma que foi pelo professor Celso Solha. Até aquele momento nunca tinha pensado no teatro do outro lado, o lado do ator. As aulas ministradas pelo professor fizeram que minha visão do ato de atuar mudasse completamente. Comecei a perceber como podemos colocar cheiro, paladar e muitas outras sensações na nossa forma de se comunicar. Como todo nosso corpo pode auxiliar na nossa comunicação. Eu que sou professor consegui melhorar muito a minha comunicação com meus alunos. As aulas sempre dinâmicas e prazerosas do professor Celso Solha fizeram com que meu olhar para o mundo ganhasse um ingrediente a mais. A visão do ator. Aquele agente que precisa sentir e pensar como outra pessoa, como o personagem sente e pensa. Meu mundo nunca mais seria o mesmo. Passou a ter a preocupação em tentar entender como os outros sentem e pensam. Apesar de professor, fora da minha sala de aula em grandes públicos tinha uma dificuldade imensa de me comunicar. Graças às atuações em público nas peças que participei superei totalmente esta dificuldade. Tanto minhas aulas como minha participação em eventos públicos melhoraram muito graças a todo conhecimento que adquiri nas aulas de teatro. Em toda minha vida nunca aprendi com tanto prazer alguma coisa. Para mim todas as aulas e apresentações eram um lazer. Entretanto neste lazer estava aprendendo muito. Um aprendizado fundamental para todas as pessoas, o aprendizado da comunicação. O professor Celso Solha além de grande educador também é um ator fantástico. Suas pequenas atuações como exemplos nas aulas deixavam todos extasiados e aumentavam a paixão pela arte de atuar. O mais interessante em todo o processo de aprendizado nestas aulas é que mesmo sendo um ator medíocre sempre me senti muito feliz em atuar e contribuir para que o grupo conseguisse atingir o seu objetivo. O prazer em transmitir algo tão bonito e gostoso como uma peça de teatro a um público sempre me trouxe muita satisfação. Não importando inclusive que minha participação fosse pequena. (Ivan C. Sant'anna, aluno do Projeto FESPSP de Teatro).

Cartas que instigam, revisitam lugares especiais, lembranças vivas:

Carta para o Mestre Celso Solha.

“O Teatro me fascina... ensaios exaustivos, mulheres fáceis...” Essa a fala de um amigo adorável, que tive o imenso orgulho de ter levado para o Projeto “FESPSP”; feliz porque a trupe toda gostou dele, como se fosse eu a responsável até pelo seu desempenho admirável nas várias peças que levamos! Melhor ainda era trocar ‘cags’ que a gente trouxe lá de trás, d’África. Ensaiar aos sábados, único dia útil para resolver um monte de coisas depois do trabalho, mas tendo de ensaiar... Dava até gosto ser feriado ou o professor ter algum compromisso... Mas o bom mesmo é se apresentar para o público! Puxa a vontade de ser ótima naquele dia. A mensagem no telefone “quebra tudo, mãe” era a maior alegria! Ia pra

“quebrar” mesmo. Lindo! A Faculdade era o ninho; o bacharelado, a militância acadêmica, o doutorado, as aulas de Política II, a expulsão política, a volta no latu sensu. Mas voltar para o TEATRO! Esse o melhor retorno! O começo foi em 20 de maio de 2006, até conseguir me matricular no curso. Colegas das mais variadas extrações. Os primeiros exercícios... Maior susto em ter de esparramar pelo chão, simular socos, bater em colegas e o coitado tinha acabado de fazer uma operação no joelho. Tentava acompanhar as técnicas, mas sem nunca ter feito nada daquilo (as experiências anteriores, invencionices empíricas num país diferente tiveram seu valor, pura e verdadeira militância ideológica!). Que surpresa com a colega linda encenando uma atriz mexicana de rádio! Bárbara! E que surpresa as revelações, quase constantes. A escolha conjunta das peças, a definição das personagens, a decoração dos textos... E dá-lhe ensaio! Isso nos unia e a trupe tão diversa, se fazia única. Quanta competência da colega que melhor representava homens! Até as ausências – ora d’um ora d’outro - eram a reza constante, que permitia com que a gente pudesse falhar também! E os panos do Solha? Cada hora era um a comentar; devia ser de propósito: o mestre queria que nos uníssemos pra garantir a cumplicidade necessária ao grupo. E era tal de amarrar cordas e prender com pedras (n’outro dia alguém lembrou que faltavam uns paninhos no cenário da biblioteca! pode?). Os CEUS! Foi a experiência mais rica para quem pôde perceber, para os atores, o público, os funcionários da Prefeitura, o pessoal que via os ônibus chegarem à periferia, mal conseguindo passar pelos “gatos” da fiação elétrica. Para a socióloga que trabalha com favelas e periferia, continuava incomodando a pobreza do povo. Mas ali havia o prazer renovado de ver a cultura como elo! De se sentir ‘religado’ culturalmente! As ESCOLAS DA FAMÍLIA DE COTIA! Essa lembrança é linda... A criança gritando “olha a mulher barbada!”, quando viu o coronel; e a outra se achando a melhor caracterização de coronel do mundo! E não estava nada má; a criança é que era muito boa! Essa lembrança é boa, muito boa! Que trabalho bonito da colega que resolveu batalhar por isso! Que visão invejável de educadora. Até dormir no balanço do ônibus era bom, enquanto a trupe lá atrás cantava feliz e fazia as graças e “selfies”. E tinha quem ainda conseguisse ler o jornal! As broncas do diretor... Puro amor à arte! O intervalo foi triste; tinha ficado mais tempo no projeto de teatro que com qualquer dos maridos! A experiência na nova casa foi boa, mas principalmente porque acompanhada de amigos da trupe; sem eles, talvez não tivesse ido... Bela surpresa na volta: o Diretor mostrava uma generosidade que só mesmo os grandes mestres demonstram! Gostaria tanto de fazer uma carta que fosse importante para o trabalho intelectual dele! (Flavia de Castro e Castro, aluna do Projeto FESPSP de Teatro, socióloga, professora universitária).

Vale a leitura das cartas, revelam, acolhem, tocam:

Muitas coisas teriam que ser ditas para abarcar a quantidade de experiências passadas por mim nesses onze anos de convivência com o Projeto de Teatro FESPSP e, por conseguinte com você, Mestre Solha. Dado a dimensão de situações, o espaço torna-se pequeno, então vou

tentar narrar as passagens mais importantes que resultaram numa gama de vivências, que graças ao teatro só me acrescentaram experiências que levarei onde quer que esteja. Tudo começou em 2003, quando fiquei sabendo que existia um projeto de teatro dentro da FESPSP – Faculdade de sociologia e política. Estava cursando a graduação em sociologia, e de cara me interessei. Gostei dos exercícios iniciais, do jogo, brincadeiras e movimentações que eram propostos aos alunos. Com o passar do tempo, percebi que isso me ajudou a entender o que era o teatro, pois até então meu contato era muito esporádico e apenas como expectador. Depois de alguns trabalhos realizados pude participar da minha primeira peça: Pé de Cabra (Dias Gomes). Não sabia ainda, apesar do interesse, que o teatro me fisgaria. Então ao subir num palco pela primeira vez, pude sentir o que é essa adrenalina, essa emoção de estar trocando com a plateia, sentir a energia que vinha do público.

Daí em diante foram experiências e mais experiências gratificantes. Dessas experiências a que posso citar como mais enriquecedora, foi a participação do grupo nos CEUS de São Paulo. Primeiro com o espetáculo Arlequim Servidor de Dois Amos (Carlo Goldoni) e depois com Artimanhas de Scapino (Molière).

Levar teatro para uma população que em algumas situações nunca viram uma espetáculo teatral, foi transformador. Ouvir depoimentos de pessoas que ficaram extasiadas diante do que tinham visto e compartilhando conosco essa alegria, foi maravilhoso. Muitos outros espetáculos vieram depois. Algumas viagens a São João Del Rey – MG, outra experiência fascinante. Novos elementos foram agregados ao grupo, outros saíram, mas o que importa é que o projeto foi mantido, o foco de levar educação através do teatro a diversos lugares, e assim procurar através dessa arte, despertar em algumas pessoas a capacidade de ver e se ver, de sentirem refletidos dentro do palco. Posso dizer que hoje tenho outra percepção de muitas coisas da vida, o teatro me ajudou muito. Espero com isso ajudar na transformação de outras pessoas usando essa maravilhosa arte. Como disse um dia Milton Nascimento: “Todo artista tem de ir onde o povo está”. Levar o seu amor, a sua entrega e compartilhar com quem está ali famintamente, mesmo que às vezes inconscientemente, esperando algo que os transforme. Muito obrigado Solha, espero que você continue por muito tempo utilizando desse teatro, educando, despertando e alimentando a alma de todos que cruzem o seu caminho. Valeu! (Edivaldo Gomes, sociólogo, aluno do Projeto FESPSP de Teatro – março/2015).

Cartas regadas de sentido, energia e aprendizado

CARTA AO EDUCADOR

Sensibilidade, essa é a palavra que define o processo de orientação para a finalização da especialização em Linguagens da Arte na USP – Centro Universitário Maria Antonia. No meio entre tantas teorias aprendidas ao longo dos dois anos da pós-graduação, foi inevitável perder-me entre

tantos conceitos, na tentativa de encontrar-me enquanto sujeito da minha proposta discursiva.

O papel do orientador, o Profº Celso Solha, foi fundamental para apresentar-me uma nova possibilidade de articulação entre as teorias aprendidas e minhas experiências, tornando esse escrito algo muito mais próximo da minha realidade, dialogando com minhas experiências e que de fato fosse relevante para minha formação acadêmica e profissional. Na época, eu mantinha um blog no qual descrevia todas minhas experiências com os processos artísticos de idosos em diversos grupos que atuava como arte educador, porém desde o início da minha trajetória na especialização, eu o havia deixado de atualizá-lo e com isso caiu-me no esquecimento. No processo de orientação, diante das tentativas de reaproximar-me da essência presente nos encontros criativos que eu já tinha vivenciado, o Profº Celso Solha enviou-me um e-mail dizendo-me que havia visitado meu blog e que era “aquele Diego” que precisava estar presente em minha monografia. Mostrou-se um orientador ousado e que não media esforços para potencializar esse processo que muitas vezes pode ser desgastante pelos mistos de ansiedade e teorias. Seguindo suas sugestões, revisei minha história, busquei os artigos do blog e as anotações das percepções que tive em cada encontro dos grupos que atuei e a partir dessa releitura encontrei o caminho que queria percorrer, com muito mais proximidade com aquilo que acredito e que fazia sentido para minha formação. A figura do orientador foi fundamental, sempre apresentando possibilidades e os potenciais presentes da construção desse diálogo. Propondo algo inovador, outros pontos de vistas. A metodologia utilizada na orientação, sempre foi muito generosa e contribuiu com apontamentos pertinentes que me fizeram trilhar por um novo caminho, o da interdisciplinaridade, agregando disciplinas diferentes, no meu caso, teatro e gerontologia, interligando olhares na busca de um ponto comum. Ser parte do processo, essa é outra impressão muito positiva que tive na orientação, sempre lidando com o compartilhamento de responsabilidades, tanto na escrita, quanto no preparo e defesa para a monografia. Estar presente, de corpo e alma. No resultado final, o discurso condizia com minhas expectativas e com a construção do saber no qual estive submetido em toda a trajetória acadêmica, percebi também o quanto esse processo ensinou-me, tanto quanto os dois anos de aprendizado nas aulas da especialização. Como docente, aprendi a orientar com essa generosidade e potência para fomentar no outro, o educando, algo muito mais humano e que condiz com a essência que carregamos valorizando nossas experiências e agregando novos valores mediante aos novos aprendizados. (Diego Félix Miguel, artista plástico, orientando pós-graduação USP / Maria Antonia).

Depoimento com singeleza e acolhimento:

Solha – seu nome devia ser verbo – Revisitar memórias que nos engrandecem, devia ser decreto. 2011 era o ano de conclusão da minha pós-graduação em Linguagens da Arte, na USP. Num misto de incerteza e ansiedade, ainda hoje, me vejo sentada numa sala, para o primeiro

encontro com aquele que seria meu orientador. Depois das devidas apresentações, ao entrarmos no assunto do que poderia ser o objeto de pesquisa, disparei: *“Tenho um tema. Penso em estudar o conceito de poema cênico e a tradução inter semiótica dos signos.”*. Foi quando você me disse que eu devia guardar esse tema para um mestrado, pois ele era amplo demais, e nosso tempo de pesquisa era curto. Eu guardei. Acontece que eu não tinha pensado em mais nada. E seria como recomeçar esse processo dentro de mim. Sob suas considerações, ao resgatar minha formação e repertório – e fundir com o conteúdo do curso –, cheguei a algo (até então) inimaginável, para mim: vou estudar a Hospitalidade. Talvez tenha sido por essas razões. Talvez tenha sido porque você é a tradução dela. Então, nesse momento, iniciou-se uma das parcerias mais significativas da minha vida, em todos os âmbitos: pessoal, acadêmico e profissional. Meu tema, *“Fazer teatral: a Hospitalidade em cena sob a regência de suas virtudes humanitárias”* virou uma fantástica viagem de descobertas e autoconhecimento. Desvelou o meu olhar para horizontes que transcendiam a pesquisa puramente dita. Ia além. Mas porque era você quem me guiava. *“Tem que saber ouvir o motor de poesia do voo de um beija-flor”* – lembro de você ter gostado desse texto, de Stela Maris de Rezende – *“Vê-lo ficar estátua, com as asinhas batendo pausas. E nada de imprudências, vê se deixa o beija-flor fazer o serviço dele. Não se deve atrapalhar as importâncias.”*. Recordo-me com absurda sensorialidade, como se estivesse acontecendo neste exato momento, minha apresentação para a banca. Você não era apenas um orientador, ali. Você era um torcedor. Daqueles de arquibancada. Seu olhar foi o meu ponto de apoio, e seu semblante de aprovação, minha força. Se um dia, eu puder alçar os sagrados degraus da educação, saiba que você será – para sempre – meu referencial, caro orientador.

Posso escrever que te amo? Se não podia, perdão. Academicismo também é feito de poesia. E de sensibilidade. Você é prova disso. Despeço-me com profunda admiração – e com o anseio de te encontrar infinitas vezes em nossas trajetórias. Beijo. (Mirelli Fernandes, orientanda na pós-graduação – especialização USP / Maria Antonia).

Cartas que revelam a construção das palavras e da Arte do silêncio:

No primeiro encontro com o professor-orientador Celso Solha e meus colegas tivemos muita sorte. Digo isto porque o professor pareceu ter simpatizado com a minha ideia do Clown como instrumento pedagógico. O fato de ele ter “comprado” minha ideia fez com que suas primeiras palavras servissem como um grande estímulo para minha pesquisa. Na verdade essa pesquisa já existe há alguns anos uma vez que sou professor de teatro e amante do Clown faz algum tempo. No entanto, o exercício da minha monografia exigiu que eu teorizasse, e aprofundasse esse conhecimento que de certa forma, já existia. A disciplina e a organização são indispensáveis para esse tipo de trabalho. Li muitos livros e fiz muitas anotações. Alguns livros eu mesmo escolhi e outros foram sugestões do professor Celso Solha. Dos livros sugeridos pelo professor

me aprofundi especialmente em Paulo Freire e Luiz Otávio Burnier. O professor costumava dizer que teatro é “olho no olho”, ou seja, não se faz teatro sozinho. Eu traduzi esta colocação dizendo que o teatro e o jogo proporcionam a conexão entre as pessoas e o aprimoramento do relacionamento interpessoal. Uma preocupação que sempre esteve presente foi a de falar e refletir com profundidade tanto sobre teatro como sobre educação. Durante o processo me comuniquei diversas vezes pelo e.mail com o professor e as palavras que recebia pelo computador serviam como um grande estímulo para que eu mesmo acreditasse realmente na minha proposta. Minha mãe, minha irmã foram muito prestativas e me ajudaram com algumas dificuldades que tive com o computador. As outras ajudas que recebi foram colocadas nos agradecimentos da monografia. No decorrer do processo fiquei em alguns momentos tenso e ansioso. Estressado mesmo. Mas agora, com certa distância, estou satisfeito com o trabalho e também com o fato de que dei o melhor de mim. Acompanhei meus colegas com muito gosto e acredito muito nesta dinâmica de interação e comunicação entre os orientandos. Durante a defesa fiz uma boa apresentação. No entanto, por falta de tempo, creio não ter respondido a todas as inquietações e perguntas que os professores convidados fizeram. De qualquer forma este trabalho é um marco muito importante na minha trajetória em teatro e educação. Valeu muito. Considero importante dizer que a minha defesa aconteceu no primeiro semestre de 2011. Desde então minha principal atividade profissional tem sido ministrar oficinas de Clown nos mais diversos lugares: escolas, clubes, centros culturais e até mesmo faculdades. Obrigado Celso Solha. (Henrique Pessoa, ator, orientando pós-graduação – USP / Maria Antonia).

Certos depoimentos nos transportam para o lugar da superação, da busca incessante, belo exemplo desse “menino artista maior” e a sua trupe intrépida; com certeza o Mestre Paulo Freire vibraria com os seus “causos”:

Às duas da manhã era a hora marcada para estar na rodoviária, deixar Ribeirão Branco e partir para a capital. Assim foram os meus sábados de 2010. Especializar-me na Universidade de São Paulo foi pessoal e profissionalmente uma enorme satisfação, um momento de entender melhor as linguagens da arte e como elas se articulavam com o currículo. Em 2011, terceiro semestre do curso, mudei-me de cidade, fui morar em Sorocaba, mais perto de São Paulo. Deixei para trás minha família, minha escola e um grupo de teatro estudantil do qual tinha muito orgulho. Não sabia ainda, naquele momento, que as alegrias daquele grupo iriam dar mais alguns suspiros. Quando na especialização tivemos que escolher sobre qual linguagem da arte dissertar, não tive dúvidas em escolher o teatro, pois em minhas decisões, ele sempre estará envolvido. Às vezes em meio a tantas dúvidas, o teatro está no final da trama, sempre foi assim, desde pequeno. Foi a partir da escolha da linguagem

que o meu percurso se cruzou com o do Celso Solha. No primeiro encontro o Celso nos ajudou a pensar sobre o que escrever, lançar questões que pudessem gerar reflexões, escolher caminhos para trilhar uma pesquisa de significados, pulsante. Nesse momento tive muitas dúvidas! Gostaria de falar sobre o teatro, mas não sabia exatamente o que, pensava em algo que pudesse contribuir para a minha prática, para o meu trabalho como professor de teatro. Refletindo sobre o que eu já havia feito com teatro, lembrei-me dos alunos de Ribeirão Branco e das dificuldades que enfrentávamos para apresentar as nossas peças e familiarizar os alunos e a população com as artes cênicas. Decidi então falar sobre esse meu grupo de teatro, a Companhia Engenhoca Teatral, saí do primeiro encontro com um esqueleto de pesquisa, era hora de pensar uma introdução. Escrever uma monografia deveria ser um dever de todo educador, pois quando olhamos criticamente para a nossa prática percebemos nossos erros, os acertos e como melhorar. Quando iniciei a minha introdução fui buscar livros que embasassem o meu trabalho, autores que já tivessem pesquisado sobre o meu assunto. Nas leituras percebi que o meu projeto com teatro em Ribeirão Branco estava no caminho certo, escrevi minha introdução, e enviei para a revisão. Com muito compromisso com seu trabalho o Solha me deu uma devolutiva cheia de questionamentos para melhorar a minha escrita, e a partir da introdução fui escrevendo a minha história com a Companhia Engenhoca Teatral, buscando relatos, registros e autores para embasar a minha prática, e Solha estava sempre atento ao percurso, sugerindo, corrigindo, orientando. Na faculdade não havia a necessidade de um TCC, então encontrei na escrita da monografia muitas dificuldades. Era um iniciante e acredito que o meu orientador teve que ter bastante paciência, pois minha introdução tinha um propósito, mas faltava um suporte, uma base para amarrar o processo. As palavras estavam soltas, o Solha clareou minhas ideias, contribuiu para uma introdução significativa que me ajudou ao longo da escrita. Durante o processo eu revisei muito as minhas práticas, os erros, os acertos e fui escrevendo sobre o fazer teatral na cidade de Ribeirão Branco, as possibilidades de formação de plateia e as dificuldades que o teatro encontra para nascer e se fortalecer nos pequenos centros. Finalizava o capítulo e o Solha fazia a revisão, recebia de volta um texto cheio de marcações em amarelos e apontamentos importantíssimos para a melhora da minha escrita. Eu não tinha a preocupação de estar escrevendo coisas absurdas, pois eu sabia que as minhas palavras iriam passar pelo crivo, eu não estava sozinho, tinha um amigo que caminhava comigo, fazia o meu caminho ter sentido. Escrever, encaminhar, receber, reescrever, assim foi todo o percurso da escrita, até chegar ao ponto final. Eu olhava para a minha monografia e tinha orgulho dela, afinal eu estava registrando o meu trabalho, hoje quando eu releio o que eu escrevi vejo que muitas das ideias ali se perderiam no tempo. Terminei a pesquisa, mas ainda havia a apresentação, e o Solha teve uma boa ideia: reunir o grupo da área de teatro e apresentar a monografia. Amigos de outras linguagens ficaram até chateados porque isso não aconteceu com eles. Até sugerimos que essa boa prática do Solha fosse adotada pela Universidade, não sei se aconteceu. Quando apresentamos a monografia para o pequeno grupo

ganhamos autonomia, um colega de curso aprendia com o outro, e eu não vou esquecer-me das palavras do orientador após a minha apresentação: disse que o meu trabalho era bom, que tinha uma força, mas a minha apresentação para o pequeno grupo parecia um pedido de desculpas, eu estava inseguro, desacreditando da minha monografia. Isso foi o suficiente para eu abraçar a apresentação como um desafio e mostrar que o meu trabalho tinha a sua relevância, se não fosse suas dicas seria um fiasco. No dia da apresentação aprendi muita coisa com a banca, palavras carinhosas e novos olhares foram apresentados, houve indicações de livros e um pedido que eu estudasse mais o teatro. Foi um dia especial, eu estava feliz.

Hoje, três anos depois de ter finalizado o curso, vejo que muita coisa mudou na minha prática após a feitura da monografia. Percebo que a escrita é de extrema importância para o trabalho do professor, pois muita coisa se perde no tempo, e a escrita permanece, então todo projeto desenvolvido, toda experiência que tenho eu registro. Acredito que isso ainda será muito útil, para um futuro mestrado ou coisas do gênero. O trabalho de escrita fez-me concluir que eu precisava finalizar o trabalho com a Companhia Engenhoca Teatral em Ribeirão Branco, para isso convidei o grupo para a remontagem de um espetáculo — seria o encerramento do grupo. No dia da apresentação falei da minha monografia, a despedida foi prazerosa. Com a peça participamos de um festival, e os meus atores brilharam em cena, foi um último suspiro delicioso.

Da especialização nas Linguagens da Arte eu sempre digo que a escrita e a orientação para a monografia com o querido Celso Solha, foi sem dúvida onde eu mais aprendi, onde eu mais ganhei suporte para o meu trabalho profissional. Desejo a você querido mestre, sucesso em sua trajetória profissional, que esse doutoramento abra muitas portas, e que a gente se encontre de novo, talvez em uma futura orientação de mestrado? Quem sabe. Fico na torcida, pois como disse um dia o poeta “O que há de ser tem muita força”. Um abraço. (Marcos Fogaça, arte-educador, orientando pós-graduação – USP / Maria Antonia).

Acredito que as cartas selam encontros eternamente em nossos corações e no nosso dia a dia, essa é uma leitura que toca fundo e que finaliza as linhas de todas as cartas:

“Uma criança de seis anos de idade aguardava no palco pela abertura das cortinas para o início de uma apresentação de dança. Lá fora o burburinho: teatro cheio! E lá dentro, palavras murmuradas, o coração batendo forte, o frio na barriga”... Ali, naquele dia, num lampejo pressenti que a atuação do grupo dependia de cada uma de nós. Hoje tenho consciência de que esta experiência inaugurou as descobertas motivadas pelo exercício da arte. De acordo com Fischer (1982), a arte tem função social e se caracteriza por ser coletiva. “A arte é o meio indispensável para

união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para circulação de experiências e ideias (sic!)”. (FISCHER, 1982: 13)

Assim comecei o primeiro capítulo de uma monografia apresentada em 2011, ao Centro Universitário Maria Antonia, da Universidade de São Paulo para obtenção do título de especialista em Linguagens da Arte. Linha de pesquisa: Reflexões sobre a prática docente. Orientação de Celso dos Santos Solha. Desde criança a arte esteve presente em minha vida. A dança me levou para o teatro, o teatro me levou para as artes visuais e para o teatro de animação; tais experiências me levaram para a educação. Tornei-me artista e arte educadora. Foi na antiga FEBEM, em 1991, como professora de teatro, que pude perceber, através das mediações e dos resultados dos processos, o valor transformador da arte na vida dos sujeitos. Tal constatação veio seguida de inúmeras indagações. Atualmente sou professora de Artes Visuais em uma escola formal. Sigo pesquisando. Encontrar o Celso Solha em meu caminho foi um presente. Nós tínhamos, em comum, o interesse pelo teatro e pela arte educação. As escolhas de cada um de nós podem ter contribuído para o encontro sincrônico. Nas reuniões, ele promovia a fala, a escuta... O respeito, pelo indivíduo e pelo coletivo, estava ali o tempo todo pulsando. Se eu pretendia enfatizar a necessidade de humanizar as relações, não poderia estar em lugar mais apropriado. Havia coerência entre aquilo que eu pretendia abordar e o lugar em que eu me encontrava. Era orientada por alguém que trazia a troca de experiências como mola propulsora, alguém que agia respeitando seus pares mantendo sua condição de liderança. A teoria e a prática dialogavam sem melindres. O fazer teatral, seja como artista ou como educador ou educadora pode enriquecer nosso modo de convívio. No teatro temos a chance de exercitarmos a vida, ao mesmo tempo em que vislumbramos e criamos novas possibilidades. É na própria experiência que as teorias estudadas ganham forma. Assim, construí o trabalho de conclusão de curso. Fui motivada, pelo Celso, a trazer minha experiência de arte educadora para construção monográfica. Relutei no início, temendo que ficasse pessoal demais. Engano meu. O Celso tinha razão. Não só fiz um levantamento da história vivida bem como sistematizei conhecimentos. Fiquei muito feliz com o processo e com o resultado. Agradeço a você, Celso por acreditar na liberdade e fomentá-la, por ser um estudioso e compartilhar generosamente seus conhecimentos. Por cultivar o “valor sagrado” do ser coletivo; por se empenhar, assim como eu, para trazermos à tona a necessidade da arte voltada para humanizar as relações. Por manter a seriedade sendo afetivo, atencioso, bem humorado... Por ser humano. Obrigada por orientar-me, obrigada pela parceria! Com respeito, carinho e afeto. (Magda Crudelli, atriz e atriz bonequeira, professora de Artes Visuais, pedagoga e especialista em Linguagens da Arte – USP – Maria Antonia).

Outras escrituras virão, com outras letras e outras histórias, porém recheadas de vida, de sentido, de encontros e ensinamentos para todo o sempre, como as cartas de sempre. Gratidão é o seu nome.